



# MEMÓRIAS DO AQUEDUTO

Um Itinerário Pelo Património Esquecido

João Pedro Timóteo de Faria

Volume 1

Dissertação e Projecto para obtenção  
do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador: Professor Doutor José Aguiar

Co-orientador: Professor Doutor Paulo Pereira

Júri

Presidente: Doutor José Jacob Cabido

Vogal: Doutor Sérgio Fernandez

Orientador: Doutor José Aguiar

Faculdade de Arquitectura  
Universidade de Lisboa

Lisboa, Fevereiro de 2015



*Professor, prefere um quadrado, um círculo ou um triângulo?*

*Entre um (quadrado), um (triângulo) e um (círculo), prefiro o (círculo), figura perfeita, a mais perfeita, refere um centro e tudo se coloca à mesma distância dele. Em volume é a esfera com o mesmo sentido.*

---

*Alexandre Alves Costa, PortoAcademy 2013.*

TÍTULO. MEMÓRIAS DO AQUEDUTO

SUB-TÍTULO. Um itinerário pelo património esquecido

ALUNO. João Pedro Timóteo de Faria

ORIENTADOR. Professor Doutor José Aguiar

CO-ORIENTADOR. Professor Doutor Paulo Pereira

Mestrado Integrado em Arquitectura

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Lisboa, Fevereiro 2015



## RESUMO

Tal como o Inquérito à Arquitectura Regional da década de 1950, é necessário recolocar, mais uma vez, um olhar sobre Portugal — sobre a Portugalidade e sobre a condição de ser português — e que a Arquitectura volte a intervir na dimensão cultural, a sua tradição, e projecte com traços contemporâneos a sua recuperação. O abandono patrimonial, pode ser abordado como uma nova perspectiva de trabalho no campo da Arquitectura, disciplina que deve assimilar simultaneamente a pertinência da conservação, do restauro e da reabilitação num panorama realista.

O Aqueduto das Águas Livres é um dos monumentos mais icónicos da cidade de Lisboa. Com uma extensão geográfica notável, esta obra grandiosa, construída para o povo e por ele financiada, envolveu a arte e o engenho de grandes nomes da história, e superou as maiores construções do seu tempo. Com uma história que se estendeu para além dos limites temporais da sua construção, o Aqueduto mantém a representação da cultura da sua região. Hoje, é um dos monumentos de maior valor patrimonial, e que se encontra degradado e deixado ao abandono num permanente esquecimento.

Este trabalho pretende discutir e aprofundar resoluções para este exemplo tão paradoxal. As *Memórias do Aqueduto — um itinerário pelo património esquecido*, apresenta uma proposta de trabalho que procura a resposta a estas inquietações. O *Itinerário das Águas Livres* é uma proposta de desenho em Arquitectura, como uma das possíveis soluções.

## PALAVRAS-CHAVE

Aqueduto — Caminhar — Património — Valorizar — Água — Iluminar

Página V

TITLE. AQUEDUCT MEMORIES

SUBTITLE. A path through the forgotten heritage

STUDENT. João Pedro Timóteo de Faria

MAIN ADVISOR. Professor Doutor José Aguiar

CO-ADVISOR. Professor Doutor Paulo Pereira

Master in Architecture

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Lisbon, February 2015

## ABSTRACT

Throughout the 1950's, the Inquérito à Arquitectura Regional proposed a change of focus to Portugal. Nowadays, this purpose becomes once again urgent, being mandatory to concentrate in the recovery of the country through the development of an architecture that embraces the cultural heritage, merging traditions with a contemporary style. The abandonment of such heritage can be perceived as a new approach to the field of Architecture — acknowledging at the same time the relevance of conservation, restoration and rehabilitation.

The Águas Livres Aqueduct is one of the most iconic monuments in Lisbon. Spread across a wide geographical range, it was built to serve the needs of the people, and curiously, it was also financed by them. Notorious architects and engineers were involved in its development, and its greatness secured its place among the constructions of that century. Even though the Aqueduct's lifetime has gone beyond centuries, it continues to reflect the local culture. Unfortunately, and despite its undeniable value, the Aqueduct has been forgotten, and clear signs of aging and poor maintenance tell precisely that.

This work aims at de-constructing this paradoxical example. *The Aqueduct Memories — a path through the forgotten heritage*, proposes several answers to these troubling questions. The *Itinerário das Águas Livres* is then a try-out for the drawing in Architecture as a solution to this problem.

## KEYWORDS

Aqueduct — Pathway — Heritage — Value — Water — Enlighten



## AGRADECIMENTOS

No completar de um ano de redescoberta do Aqueduto das Águas Livres, o envolvimento num extenso e gratificante processo de investigação, não foi uma tarefa autónoma. Não é de forma alguma possível expressar aqui, o agradecimento a todos os que contribuíram para a conclusão e o sucesso deste Trabalho Final de Mestrado. No entanto tenta-se aqui mostrar essa humilde intenção.

Em primeiro lugar agradeço ao Professor José Aguiar que me convenceu sem grandes rodeios, a olhar apenas para o Aqueduto das Águas Livres, mostrando-se sempre presente na defesa da minha ideia. Pela oportunidade única de participação nas aulas dos seus alunos, e por ter contribuído excepcionalmente para a solidez do trabalho. Ao Professor Paulo Pereira que manteve um grande entusiasmo no recordar do Aqueduto, contribuindo com boas ideias de projecto, e referências fundamentais. E ao Professor Pedro Pacheco, pelo interesse, e curiosidade pelo resultado final.

À Mariana Calvete, pela longa amizade, a inteligência, a destreza e a poética encontrada num modelo de trabalho — desde sempre muito maduro e bem sucedido. Deixo em aberto a viabilidade de transformar estas *Memórias* em *Itinerâncias*.

Aos meus amigos e companheiros de viagem, o Jorge, a Vera, a Catarina, a Mafalda, a Mariana, a Ângela, a Ana, o Guilherme e o Bráulio, e todos os outros, que tornaram esta aventura tão interessante, em conjunto com os meus grandes amigos de Leiria, e a sua paciência.

A uma vasto elenco, onde destaco a conversa com a Professora Graça Saraiva. À EPAL e ao Museu da Água, em especial à Doutora Margarida Ruas pelo incentivo no meu envolvimento com o Aqueduto. À Câmara Municipal da Amadora, ao Arquivo do Palácio de Queluz e ao Museu da Cidade de Lisboa pelo seu grande contributo, e ao Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas pela grande companhia. Ao senhor António Santos Fernandes, pela longa conversa na sua propriedade da Quintã, pelo café, e pelo proporcionar do levantamento ao Casal. E à senhora Maria de Jesus, por me abrir a sua porta.

A toda a minha família, em especial ao meu Pai, a quem eu dedico este trabalho, espelho do seu esforço e investimento inquestionável neste meu percurso.

E por fim, à Inês, que me deu a coragem e o ombro, ouvindo-me falar horas a fio. Deu-me a linha vermelha para eu coser e aprendeu arquitectura para me poder ajudar, e acompanhar a qualquer lado onde queira ir.



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I O AQUEDUTO ESQUECIDO	3
1 UMA MEMÓRIA A RELEMBRAR	5
1.1 Um desenho do Renascimento	5
1.2 Duzentos anos depois	7
1.3 Uma obra completa	10
2 O AQUEDUTO — PATRIMÓNIO NACIONAL	13
2.1 O Aqueduto classificado	13
2.2 O monumento	15
2.3 O património na Europa	16
2.4 O drama Português	17
3 O AQUEDUTO PERDIDO NO TEMPO	19
3.1 Uma questão relevante	19
3.2 Um Aqueduto em falta	21
4 PATRIMÓNIO ESQUECIDO	25
4.1 Relembrar os monumentos	26
4.2 Relembrar o lugar	27
4.3 Relembrar Portugal	29
4.4 Relembrar o Aqueduto	33

II A PROPOSTA	35
5 OS ITINERÁRIOS	37
5.1 Rotas do património	37
5.2 Itinerâncias e Percursos da Memória	45
6 ITINERÁRIOS DO PATRIMÓNIO ESQUECIDO	51
6.1 O papel do arquitecto	51
6.2 O ponto de partida	55
6.3 Porquê o Aqueduto das Águas Livres?	57
6.4 Estratégia sobre 58 Km	57
6.5 Memórias do Aqueduto	59
7 PROJECTOS COM O AQUEDUTO	61
7.1 Percursos pelo Aqueduto	61
7.2 Propostas em comum com os Itinerários do Património Esquecido	65



III O PROJECTO	69
8 ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES	71
8.1 Galeria das Necessidades	71
8.2 Palácio das Necessidades	73
8.3 Projecto de um itinerário na cidade	77
9 UM PLANO À MARGEM DO AQUEDUTO	83
9.1 A Ribeira de Carenque	85
9.2 Projecto de renaturalização da Ribeira de Carenque	87
10 O ITINERÁRIO DAS ÁGUAS LIVRES	91
10.1 Dois momentos na história	91
10.2 Projecto do Itinerário das Águas Livres	97
10.3 Volumes de Apoio	101
10.4 Casal da Quintã	103
10.5 Observatório de Paisagem	108
CONCLUSÃO	111
BIBLIOGRAFIA	113



## ÍNDICE DE IMAGENS

### 1 UMA MEMÓRIA A RELEMBRAR

- FIGURA 1. DA FÁBRICA QUE FALECE À CIDADE DE LISBOA  
Francisco d'Ollanda. Lisboa : Excelsior, 1970. p. 69
- FIGURA 2. FONTE RENASCENTISTA  
Os desenhos das antigualhas que viu Francisco D'Ollanda, pintor português (...1539-1540...). Madrid : Ministerio de Asuntos Exteriores, 1940. p. 215
- FIGURA 3. FONTE PARA A RIBEIRA DAS NAUS  
Francisco d'Ollanda. Lisboa : Excelsior, 1970. p. 101
- FIGURA 4. ANTÓNIO CANEVARI  
Francisco Zuzarte, séc. XVIII. Museu da Cidade de Lisboa
- FIGURA 5. FONTE PARA O ROSSIO; MANUEL DA MAIA  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 6. DESENHOS MARDELIANOS  
Chafariz de São. Pedro de Alcântara. D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990. vol. 2, p. 116
- FIGURA 7. CASCATA DA MÃE DE ÁGUA DAS AMOREIRAS  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 8. TRAÇADO GERAL DO AQUEDUTO  
Museu da Cidade de Lisboa
- FIGURA 9. VIEW OF LISBON — WILLIAM CRAIG  
Museu da Cidade de Lisboa
- FIGURA 10. VUE DE LISBONNE — JUSTIN TAYLOR  
D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990. vol. 2, p. 206

### 2 O AQUEDUTO — PATRIMÓNIO NACIONAL

- FIGURA 11. CONJUNTO DAS AMOREIRAS VISTO DO RIO  
D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990. vol. 2, p. 191
- FIGURA 12. MAIOR ARCO EM ALVENARIA  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 13. ANTES E DEPOIS DE UMA INTERVENÇÃO; PRAÇA DO AQUEDUTO  
Átlas da carta topográfica de Lisboa: sob a direcção de Filipe Folque: 1856-1858. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 2000. N.º48
- FIGURA 14. A FREGUESA E OS AGUADEIROS  
Lisboa - Comparações com outros tempos: Chafariz da Esperança. Consultado em Dezembro de 2013 Disponível em <http://lisboahojeontem.blogspot.pt/2012/11/chafariz-da-esperanca.html>.

### 3 O AQUEDUTO PERDIDO NO TEMPO

- FIGURA 15. DECRETO-LEI DE 1910  
DGPC - Aqueduto das Águas Livres, seus aferentes e correlacionados. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70216>.
- FIGURA 16. ALGUNS ARCOS EM FALTA  
Colecção de Postais. Consultado em Dezembro de 2013. Disponível em <http://lisboahojeontem.blogspot.pt/2012/11/chafariz-da-esperanca.html>.
- FIGURA 17. EIXO NORTE-SUL  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 18. RUA PRINCIPAL  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 19. UM MONUMENTO DE BETÃO  
Fotografia de João Pedro Faria

### 4 PATRIMÓNIO ESQUECIDO

- FIGURA 20. CAPELA ABANDONADA  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 21. ARQUITECTURA POPULAR PORTUGUESA  
Arquitectura Popular em Portugal. 2ª ed. Lisboa : A.A.P., 1980. vol. 2, p. 415
- FIGURA 22. UM NOVO CONVENTO; O AQUEDUTO FORA DE LISBOA; AQUEDUTO E A ARTE MURAL  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 23. MURO ANTIGO?  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 24. CHAFARIZ PERDIDO  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 25. PASSEIO NA TAPADA  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 26. PASSEIO BARROCO  
Fotografia de João Pedro Faria

## 5 OS ITINERÁRIOS

- FIGURA 27. SANTUÁRIO DE ESTANZUELA DE AI WEIWEI  
Fotografia de Iwan Baan, 2011
- FIGURA 28. CHICHU ART MUSEUM; MAPA DE NAOSHIMA  
Art Setouchi - Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://setouchi-artfest.jp/en/about/concept>.
- FIGURA 29. TROLLSTIGEN VIEWING PLATFORM  
Fotografia de Per Kollstad
- FIGURA 30. ITINERÂNCIAS TERRITORIAIS; WWW.PERCURSOSDAMEMORIA.COM  
Itinerâncias e Percursos da Memória - Consultado em Maio de 2014. Disponível em <http://www.percursosdamemoria.com/>
- FIGURA 31. MEMORIAL DA VALEIRA  
Elaborado por Mariana Calvete
- FIGURA 32. MAPA DA ALDEIA DO PATACÃO  
Elaborado por Bjarte Stav
- FIGURA 33. MAPA DE SÃO SALVADOR DO MUNDO  
Elaborado por Mariana Calvete
- FIGURA 34. QUINTA DA VALEIRA  
Elaborado por Mariana Calvete
- FIGURA 35. CENTRO INTERPRETATIVO  
Elaborado por Bjarte Stav
- FIGURA 36. DOCA  
Elaborado por Bjarte Stav
- FIGURA 37. O BERÇO DO AQUEDUTO  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 38. PONTES DA QUINTÃ  
Fotografia de João Pedro Faria

## 6 ITINERÁRIOS DO PATRIMÓNIO ESQUECIDO

- FIGURA 39. TERRITÓRIO PONTUADO  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 40. QUINTA EM CARENQUE  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 41. MAPA DAS ESTRADAS ANTIGAS  
BEAUVOISIN, Calmete - Plan de Lisbonne son port, ses rades et ses environs avec une petite carte routière du Portugal
- FIGURA 42. MAPA DAS GALERIAS EM LISBOA  
D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990. vol. 2, p. 275
- FIGURA 43. O AQUEDUTO E OS SEUS RAMAIS  
Guia do Museu da Água
- FIGURA 44. OITO ITINERÁRIOS  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 45. CAMINHOS DO AQUEDUTO  
Panfleto Caminhos do Aqueduto
- FIGURA 46. CAPA DO PANFLETO  
Panfleto Caminhos do Aqueduto

## 7 PROJECTOS COM O AQUEDUTO

- FIGURA 47. A RAINHA REFRESCA-SE  
A Rainha Refresca-se. Consultado em Dezembro de 2014. Disponível em <http://www.guiadacidade.pt/pt/art/a-rainha-refresca-se-17366-11>.
- FIGURA 48. VISITAS COM AS CRIANÇAS  
Programa de Actividades - Setembro 2011. Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal da Amadora. Agosto, 2011
- FIGURA 49. PELO CAMINHO DA CORRIDA  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 50. MAPA DE MONSANTO  
Câmara Municipal de Lisboa
- FIGURA 51. FAUL. PROJECTO GALERIA DA ESPERANÇA  
Elaborado por Inês Amaro, Mariana Pio e Vera Osório
- FIGURA 52. FAUL. PROJECTO PASSAR O NÍVEL  
Elaborado por Ana Vazquez, João Veríssimo, Nuno Silva e Sebastian Hammerling.
- FIGURA 53. FAUL. PROJECTO TORNAR VISÍVEL O INVISÍVEL  
Elaborado por Camille Fabre, Chiara Magnani e Sara Saraiva.
- FIGURA 54. UM AQUEDUTO NA TAPADA  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 55. PONTE DE ORIGEM MOURA  
Museu da Cidade de Lisboa

## 8 ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES

- FIGURA 56. AQUEDUTO DAS NECESSIDADES  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 57. PLANTA DA GALERIA DAS NECESSIDADES  
Planta e traçado do início do ramal do Aqueduto das Necessidades, 1861. Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas
- FIGURA 58. PLANO DE INTERVENÇÃO  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 59. PROJECTO ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES 1A  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 60. PRACETA DO AQUEDUTO DAS NECESSIDADES  
D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990. vol. 1, p. 66
- FIGURA 61. PROJECTO ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES 1B  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 62. PROJECTO ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES 2  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 63. PROJECTO ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES 3 — PLANTA  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 64. PROJECTO ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES 3 — CORTE  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 65. VALE DE CARENQUE  
Planta do Aqueduto desde as Nascentes até à Porcalhota, Francisco António Ferreira. Museu da Cidade de Lisboa

## 9 UM PLANO À MARGEM DO AQUEDUTO

- FIGURA 66. WORKSHOP NA FAUL  
Mediterranean Climate Landscapes: New Life For Urban Streams. 2005.
- FIGURA 67. MARGENS DA RIBEIRA  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 68. PROPOSTA PARA O VALE DE CARENQUE  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 69. PROJECTO PONTE BAR  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 70. PROJECTO MOINHO DO PAPEL  
Fernando Guerra — ultimasreportagens. Consultado em Janeiro de 2015. Disponível em <http://ultimasreportagens.com/>.
- FIGURA 71. DA FONTE E LAGO DA AGOA LIVRE  
SEGURADO, Jorge - Francisco d'Ollanda. Lisboa : Excelsior, 1970

## 10 O ITINERÁRIO DAS ÁGUAS LIVRES

- FIGURA 72. BARRAGEM ROMANA  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 73. AQUEDUTO ROMANO DE OLISIPO  
José Manuel Mascarenhas. O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? Revista Portuguesa de História. 43 (2012).
- FIGURA 74. MÃE DE ÁGUA VELHA  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 75. MÃE DE ÁGUA NOVA  
Pedro Inácio. 140 anos, 140 imagens. EPAL, 2008.
- FIGURA 76. ESTRADA DAS ÁGUAS LIVRES  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 77. PONTES DE DONA MARIA  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 78. PROPOSTA DO ITINERÁRIO DAS ÁGUAS LIVRES  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 79. CASTELO VELHO DO NUMÃO  
Fotografia de José Aguiar
- FIGURA 80. MÃES DE ÁGUA E RUÍNA  
Vista Aérea, Google Earth, 2014.
- FIGURA 81. VOLUME DE APOIO 1  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 82. FONTE DEL CAMPANÁRIO — LUIS BARRAGÁN  
BARRAGÁN. Obra Completa. Dinalivro. 1ªed. p. 170
- FIGURA 83. PLANTA DAS CONSERVAS DE ÁGUA  
Histórias e outras memórias do aqueduto das Águas Livres. Lisboa : EPAL, 1999
- FIGURA 84. CASAL DA QUINTÃ  
Fotografia de João Pedro Faria
- FIGURA 85. PROJECTO PARA A QUINTÃ  
Elaborado por João Pedro Faria
- FIGURA 86. PROJECTO DO OBSERVATÓRIO  
Elaborado por João Pedro Faria



## INTRODUÇÃO

Colocar o Aqueduto das Águas Livres no contexto de um património abandonado parece ser uma ideia triste. No entanto, é fundamental que seja (re)conhecido o seu valor unitário, enquanto um rico e complexo sistema, em contraponto com o seu *apenas* valor monumental de alguns dois ou três objectos esteticamente aceite.

Em primeiro lugar pretende-se entender o Aqueduto no contexto da história do património. São deixados à sua margem os factos históricos mais generalistas, para focar as memórias que o fragilizaram, e enaltecer os seus pontos mais sensíveis. E com isto, tornar relevante e compreender, porque outrora tão grandiosa obra, hoje se encontra votada ao esquecimento.

Depois, a proximidade com linhas de investigação propostas por trabalhos finais de mestrado, como as *Itinerâncias e Percursos da Memória* de Mariana Calvete, foi o impulso principal para a tentativa de procurar resolver, através do desenho de um itinerário, os problemas do Aqueduto. A mensagem que passou — a procura de uma re-descoberta da identidade com o motor de processos de projecto pelos lugares do nosso país — procurou ser também aplicada num contexto bem diferente.

Procurou-se o desenho de arquitectura com os aspectos identitários do lugar, a sua memória, e de que forma pode ser formulada uma resposta de projecto que una a objectiva necessidade de valorização patrimonial com as questões da contemporaneidade (e do desenho com ambas comprometido).

Apresenta-se uma proposta de oito itinerários, no contexto do património esquecido, sob o traçado do Aqueduto das Águas Livres — o mote principal. Depois é desenvolvida uma das zonas que mais fortalece esta ideia, para demonstrar os motivos da necessidade do desenho e da arquitectura. A escolha do *Itinerário das Águas Livres*, é o culminar do desenho de um percurso que — segundo uma estratégia de *acupunctura* sobre o território por aquela obra demarcado — determina a necessidade e utilidade de uma nova arquitectura de confronto com a antiga.





## I O AQUEDUTO ESQUECIDO

*A arquitectura portuguesa é sobretudo construção, espaço de suporte para acção, cujo significado não contamina o desenho. Apura-se simplificando-se, comunica, antes de mais pela decoração que não interfere nos valores estruturais e, mesmo quando aspira a um espaço mais emotivo e dinâmico, como no barroco, contém-se dentro de uma volumetria que não ousa romper com a simplicidade de uma geometria de volumes puros.*

*Por necessidade de afirmação, de domínio ou marca territorial trabalha a escala e é na dimensão e na implantação que assume, como objecto na paisagem construída ou natural, os seus mais expressivos valores formais.<sup>1</sup>*

O Aqueduto das Águas Livres é peça fundamental na história da arquitectura em Portugal. É património relevantíssimo, mas carece de reconhecimento e de um esquema consistente de salvaguarda em todo o seu percurso. Marcou o crescimento cosmopolita de Lisboa e é também o retrato de uma cultura tradicional portuguesa.

---

<sup>1</sup> COSTA, Alexandre Alves - Portugal, Cidade e Arquitectura. Em Textos Datados. Coimbra : edarq, 2007. p. 63.



FIGURA 1. DA FÁBRICA QUE FALECE À CIDADE DE LISBOA

Capa da obra que Francisco de Holanda apresentou ao rei D. Sebastião no ano de 1571.

IMAGEM: Francisco d'Ollanda. Lisboa : Excelsior, 1970. p. 69



FIGURA 2. FONTE RENASCENTISTA

Francisco de Holanda, conhecido artista português do século XVI, esteve dois anos em Itália prossequindo a sua aprendizagem e privou com várias personalidades do mundo artístico, entre as quais Miguel Ângelo. Aquando do seu regresso a Portugal, e já fortemente moldado pela ideologia Renascentista - que assentava nos valores da Antiguidade Clássica, marcada pelos Romanos - pretendia transformar Lisboa na tão merecida capital daquele que era um dos maiores impérios do mundo.

IMAGEM: Os desenhos das antigualhas que viu Francisco D'Ollanda, pintor português (...1539-1540...). Madrid : Ministerio de Asuntos Exteriores, 1940. p. 215

## 1 UMA MEMÓRIA A RELEMBRAR

Relembre-se, em primeiro lugar, o que despoletou a construção do Aqueduto de Lisboa, a sua principal causa e o contexto em que se questionou a pertinência da sua edificação e traçado. Depois deverá imaginar-se a época da sua edificação, que contribuiu para a afirmação de uma Lisboa, conjugando a tradição da Arquitectura Chã e os influxos do Barroco já em clima pré-iluminista. Note-se ainda que o Aqueduto das Águas Livres foi uma das obras mais ansiadas pela população lisboeta, em função das enormes carências que a cidade manifestava nos inícios do século XVIII.

### 1.1 UM DESENHO DO RENASCIMENTO

Assentada estrategicamente sobre uma colina com boa exposição solar, numa península do estuário do Tejo, a cidade de Olisipo — assim baptizada pelos Romanos — foi o berço da cidade que hoje conhecemos como Lisboa. Muito embora à beira de um rio salgado, a colina de Alfama, a Sul, sempre abundou em água potável, proveniente de duas nascentes principais, o Chafariz d'El Rey e o Chafariz dos Cavallos. E foi assim, com apenas dois chafarizes, que durante mais de um milénio se manteve.

Mas na Idade Média a bênção transformou-se num problema. O crescimento da cidade, sobretudo para Ocidente, dificultou o acesso à água, os chafarizes existentes deixaram de ser suficientes e as queixas do povo começaram a fazer-se ouvir. Frei Nicolau d'Oliveira refere-se a estas mesmas queixas nas suas memórias paroquiais, tendo Damião de Góis feito o mesmo no seu tratado *Lisboa de Quinhentos*. E foi também em quinhentos, que Francisco de Holanda apresentou a sua obra mais conhecida. (*figura 1*)

*Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa* é apresentado como uma crítica, construtiva, que exemplifica por meio de desenhos e escritos, soluções para as enormes falhas dessa



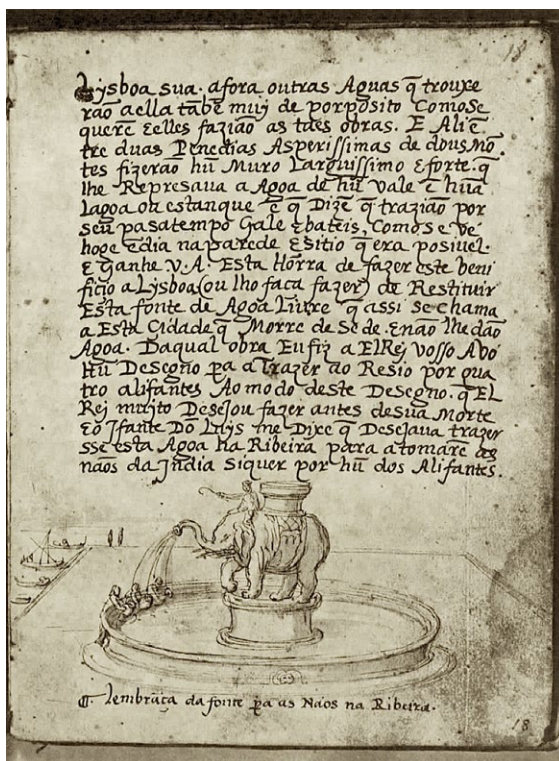


FIGURA 3. FONTE PARA A RIBEIRA DAS NAUS

IMAGEM: Francisco d'Ollanda. Lisboa : Excelsior, 1970. p. 101



FIGURA 4. FONTE PARA O ROSSIO

É uma monumental composição. Compara-se o tamanho das figuras humanas que o autor, propositadamente, desenhou junto dela. No seu género, seria única no mundo, dado que os seus elementos basilares são quatro elefantes dispostos em diagonal, uma base quadrada, inscrita em vasto tanque, de igual geometria e com paramentos exteriores, ricamente decorados, onde afloram as bicas. Numa coluna central, formando cálice, sustenta a caravela e o busto da nobre Lisboa, com os corvos e a coroa moral.

IMAGEM E TEXTO: SEGURADO, Jorge - Francisco d'Ollanda. Lisboa : Excelsior, 1970. p. 102

FIGURA 5. ANTÓNIO CANEVARI

António Canevari esteve em Portugal quatro anos, e envolveu-se numa série de projectos, tais como a Torre do Relógio junto ao Paço da Ribeira, ou remodelações do palácio de Santo Antão do Tojal, projectando a igreja, o palacete de verão do patriarca de Lisboa e uma praça monumento com um grande chafariz. Foi dos primeiros a planear a construção e o trajecto do Aqueduto, mas acabou por ser afastado devido a uma série de conflitos com os seus colegas, na solução de diversos problemas.

IMAGEM: Francisco Zuzarte, séc. XVIII. Museu da Cidade de Lisboa



capital.<sup>2</sup> Um dos principais defeitos apontado por Francisco de Holanda, foi o grave problema sanitário que a cidade enfrentava. O seu quarto capítulo debruça-se sobre a falta de água, chegando mesmo a comparar Lisboa com outras grandes cidades - Cartago, Roma, Mérida e Segóvia.

*Ora se Lisboa tem a presunção da maior e mais nobre cidade do mundo, como não tem o mais excelente templo, ou Sé, do mundo? Como não tem o melhor castelo e fortaleza e muros do mundo? Como não tem os melhores Paços do mundo? E, finalmente, como não tem água para beber a gente do mundo?*<sup>3</sup>

Estas críticas, apresentadas ao Rei D. Sebastião em 1571, aconselhavam-no a imitar o seu avô D. João III, que reconstruiu no mesmo século o Aqueduto da Água de Prata, em Évora, e prosseguiu com os trabalhos de construção do Aqueduto da Amoreira, em Elvas. A reconstrução destes aquedutos, o de Évora supostamente de origem romana, o outro edificado ex-novo, seria então a solução ideal para Lisboa. Francisco de Holanda sugere que um novo aqueduto deveria trazer a Água Livre, do vale de Carenque, no sítio de Belas, tal como teriam feito os Romanos. Estes que, *furando muitos montes fizeram um muro larguíssimo e forte, que lhe represava a água de um vale em uma légua ou estanque em que dizem que trazia por (para) seu passatempo galé e batéis, como se vê hoje em dia na parede e sítio que era possível*.<sup>4</sup> Acompanha estas palavras de dois desenhos, onde mostra, respectivamente, duas fontes, uma para a Ribeira das Naus (*figura 3*) e outra para o Rossio (*figura 4*), ornamentadas principalmente por elefantes e outra simbologia exótica de influência oriental, típica da época dos Descobrimentos.

## 1.2 DUZENTOS ANOS DEPOIS

Desde o século XVI que se implementou um imposto, mais tarde apelidado de *Real da Água*. Este imposto, aumentado no reinado do Magnânimo já com intuítos pragmáticos, incidia sobre o valor da carne, do vinho e do azeite e foi cobrado ao povo de Lisboa para a construção do Aqueduto das Águas Livres. Mas só em 1731 — cerca de duzentos anos depois — sob a influência do procurador Cláudio Gorgel do Amaral, D. João V assinou o despacho que aprovou o início da esperada construção. Vários nomes estiveram envolvidos na obra do Aqueduto, tais como António Canevari, (*figura 5*) que foi afastado dos trabalhos, e o seu verdadeiro mentor, o engenheiro-militar Manuel da Maia (1677-

---

2 BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira - Da fábrica que falece à cidade de Lisboa e da ciência do desenho de Francisco d'Ollanda. Lisboa : ESBAL, 198AD

3 Idem, ibidem.

4 Ibidem.





FIGURA 6. MANUEL DA MAIA

Manuel da Maia distinguiu-se como urbanista e engenheiro militar, e foi conhecido, junto do seu colega Manuel Azevedo Fortes, com quem trabalhou, no planeamento dos caminhos que deveriam ligar o Paço a Mafra. Destacou-se também na coordenação e planeamento da Lisboa Pombalina, mas foi íntimo da iniciativa e da construção do Aqueduto desde o início. Efectuou inúmeras medições de nascentes, para delinear um trajecto possível do Aqueduto.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria

FIGURA 8. DESENHOS MARDELIANOS

Dos 7 projectos de chafarizes que Mardel desenhou, apenas 3 foram construídos. A fonte de São Pedro de Alcântara, a mais monumental de todas, nunca foi construída. Com ela foi desenhado mais tarde, por Reinaldo Manuel dos Santos, o projecto do jardim que hoje existe, em conjunto com as muralhas que o suportam, enquadrando no seu interior um reservatório. No centro estaria o mais monumental chafariz que celebrava a chegada da água à zona do Bairro Alto — a primeira intenção de trazer a água à cidade, e onde foi até pensado localizar-se o *Castelo de Água*, que hoje representa a Mãe de Água das Amoreiras.

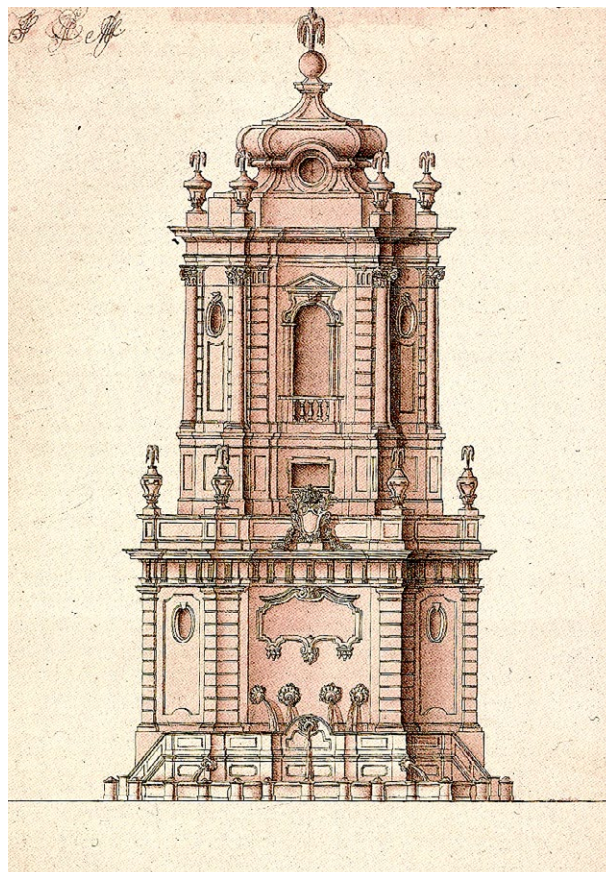
IMAGEM: Chafariz de São. Pedro de Alcântara. D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990. vol. 2, p. 116



FIGURA 7. CASCATA DA MÃE DE ÁGUA DAS AMOREIRAS

O Arquitecto Carlos Mardel nasceu na Hungria no final do século XVII e veio para Portugal com 38 anos. Contribuiu activamente para a reconstrução da Lisboa pós-Terramoto, mormente no planeamento, com Eugénio dos Santos, da Praça do Comércio, introduziu as coberturas de inspiração centro-europeias nos edifícios do Rossio, e também foi autor de outras obras civis, tais como as do Palácio Pombal em Oeiras. Em Lisboa, a sua maior marca ficou em obras das Águas Livres.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria



1768), (figura 6) responsável pelo projecto. Nesse ano foram iniciadas as obras.<sup>5</sup>

Seis anos mais tarde, a construção do traçado geral do Aqueduto, que teve início na Quinta das Águas Livres, tal como Francisco de Holanda havia sugerido, estaria apenas concluída até à zona do Calhariz de Benfica. O projecto, que planeava a sua conclusão nesse período, estava visivelmente em atraso, e nesta altura foi nomeado como principal responsável pela obra o Sargento-mor Custódio Vieira. Foi também responsável pela construção dos Grandes Arcos sobre o Vale de Alcântara — uma traça de trinta e dois arcos, dezoito de volta perfeita e catorze góticos, tendo esta forma sido muito criticada pelo arquitecto João Frederico Ludovice, na altura influente actor do panorama arquitectónico da corte, e autor do Real Edifício de Mafra. Custódio Vieira vem a falecer no início de 1744, não chegando a ver concluído, no mesmo ano, o atravessamento do vale.

A arquitectura barroca em Portugal, sucedeu à prevalência das formas simples e austeras do chamado *Estilo Chão*, e após um período de adaptação às novidades formais vindas de Itália, adoptou no reinado de D. João V uma feição *internacional*, sintonizando-se sobretudo com as propostas oriundas de Roma, recuperando uma considerável sobriedade classicista. No entanto, a obra do Aqueduto, por tratar-se de uma iniciativa com o cariz de obra pública, pautou-se pela simplicidade formal da herança da arquitectura chã, embora a monumentalização da travessia do Vale de Alcântara se possa considerar uma marca de uma retórica de tendência barroca, mas sem a linguagem desta corrente. Manuel da Maia, como engenheiro militar, preferiu sempre a solidez, firmeza e utilidade, à tendência decorativa, até por razões geracionais.<sup>6</sup>

Foi já da autoria de Carlos Mardel a colocação das clarabóias sobre os Grandes Arcos e o conjunto monumental das Amoreiras, este último composto por uma série de dez arcos compreendidos entre o Arco Triunfal e a Mãe de Água das Amoreiras. Mardel contribuiu também para a obra do Aqueduto com vários projectos de chafarizes para a cidade, entre eles o Chafariz da Esperança, e o Chafariz do Rato, construídos no ano de 1752.

*Talvez por não se ter “formado” em Roma, o seu barroco é menos dogmático do que, por exemplo, o de João Frederico Ludovice, revelando uma especial tendência para compreender a realidade vernacular portuguesa e a ela se adaptar. (...) mas deixando uma marca de forte personalidade, onde estão patentes imaginação, leveza e elegância.*<sup>7</sup>

---

5 CAETANO, Joaquim Oliveira - D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990

6 PEREIRA, Paulo - Arte portuguesa: história essencial. 1ª. ed. Lisboa : Temas e Debates, 2011

7 PEREIRA, José Fernandes - Dicionário da arte barroca em Portugal. 1ª. ed. Lisboa : Presença, 1989. p. 282





O Aqueduto das Águas Livres é actualmente propriedade da EPAL (Empresa Portuguesa das Águas Livres), responsável pela sua manutenção, e o Museu da Água detém a responsabilidade principal de cuidar do seu valor patrimonial, e contribui para a divulgação da sua memória.

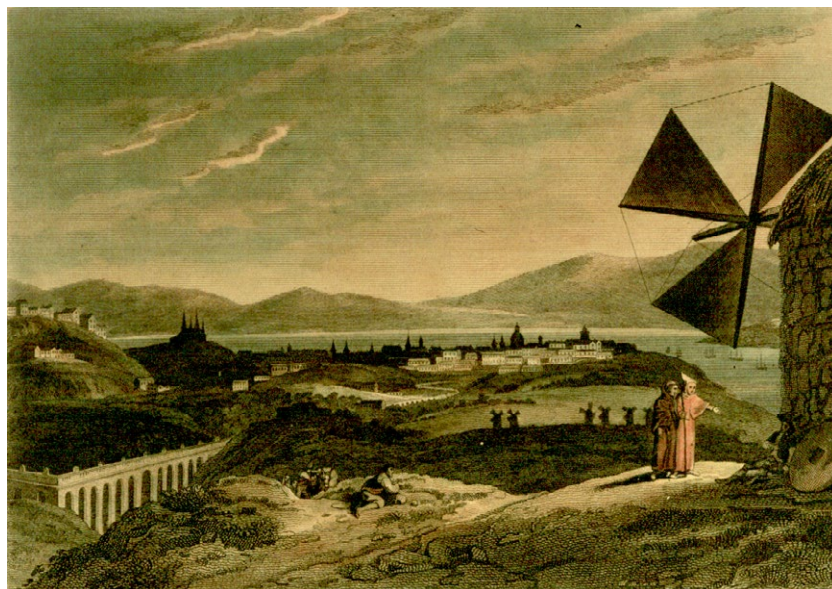


FIGURA 10. VIEW OF LISBON — WILLIAM CRAIG

Uma de muitas gravuras feitas do século XIX por artistas estrangeiros que visitavam a cidade de Lisboa onde colocavam a imagem do Aqueduto das Águas Livres em principal destaque. Esta mostra a vista do lado de Monsanto.

IMAGEM: Museu da Cidade de Lisboa



FIGURA 11. VUE DE LISBONNE — JUSTIN TAYLOR

Vista de Lisboa e do Aqueduto do outro lado do Mar da Palha.

IMAGEM: D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990. vol. 2, p. 206

## 2 O AQUEDUTO — PATRIMÓNIO NACIONAL

O Aqueduto das Águas Livres está neste momento, classificado como Património Nacional. Desde a sua conclusão, e em especial no século XIX, várias pinturas de famosos artistas, sobretudo de outros países da Europa, retrataram uma paisagem da cidade de Lisboa, e raramente nelas era esquecida aquela obra dos Grandes Arcos. Mas, de alguma forma hoje, o reconhecimento deste parece não interessar mais além fronteiras.

### 2.1 O AQUEDUTO CLASSIFICADO

Desde o nascer do século XX, ainda em plena monarquia, que são classificados em Portugal centenas de monumentos, registados em Diário da República. Em 1910, o Aqueduto das Águas Livres, juntamente com muitos outros aquedutos do país — entre eles o de Vila do Conde, o de Pegões, ou o da Prata — foi classificado como Monumento Nacional.<sup>8</sup>

Viam-se classificados na sua íntegra a grande maioria, limitados pelas vias circundantes, até com alguns arranjos exteriores já incluídos, e ainda acrescentando a famosa faixa de protecção de cinquenta metros para cada lado. Infelizmente, do Aqueduto da cidade de Lisboa, apenas se classificou parte do seu traçado — cerca de menos de 2% da sua totalidade. Apenas a Mãe de Água das Amoreiras e o mais conhecido troço sobre o Vale de Alcântara, foram classificados como Monumento Nacional, e assim se manteve durante cerca de um século.

Só em 1995 foi classificada a parte intermédia entre aqueles dois últimos.<sup>9</sup> Discretamente, durante os anos seguintes, também se incluíam as partes abrangidas pelo plano de

---

<sup>8</sup> Decreto de 16-06-1910, DG n.º 136, de 23-06-1910

<sup>9</sup> Portaria n.º 1092/95, DR I Série-B, n.º 206, de 6-9-1995 (troço entre Campolide e a Av Eng.º Duarte Pacheco) e Portaria n.º 1099/95, DR, I Série-B, n.º 207, de 7-09-1995 (troço das Amoreiras)



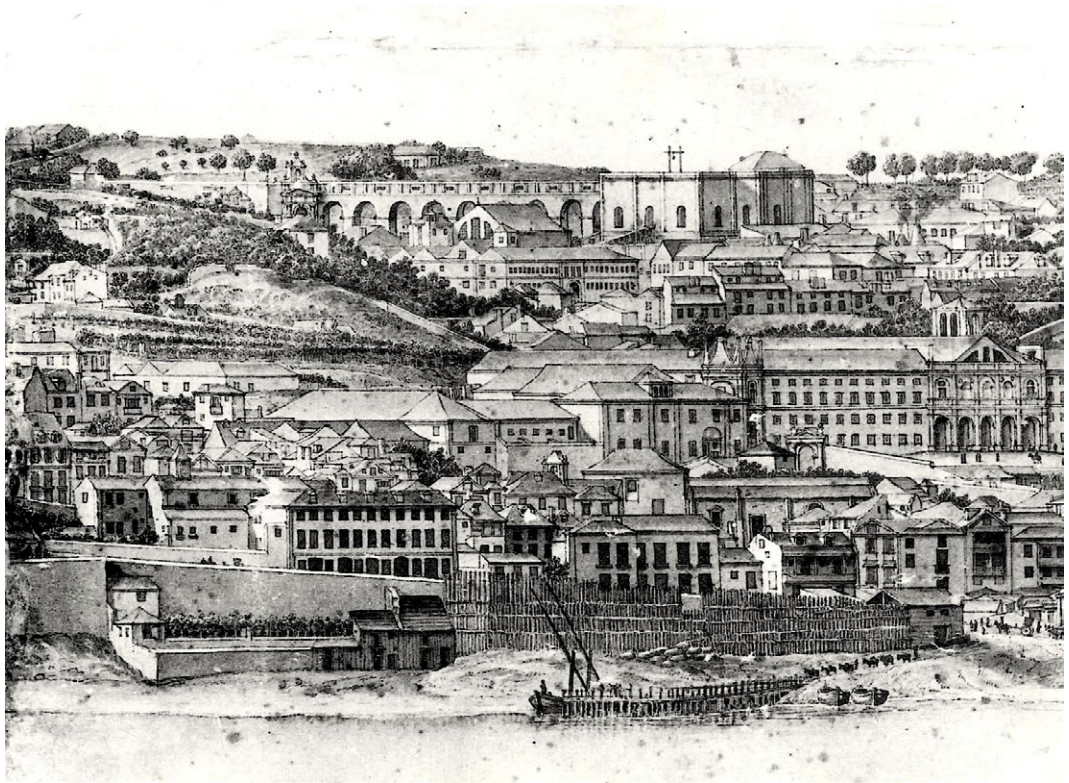


FIGURA 12. CONJUNTO DAS AMOREIRAS VISTO DO RIO

Desenho parcial do conjunto — *Panorama de Lisboa nos meados do séc. XVIII*. Academia Nacional das Belas Artes. Curiosamente, nesta secção pode ver-se não só o conjunto monumental das Amoreiras, mas também o Arco de São Bento.

IMAGEM: D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990. vol. 2, p. 191



FIGURA 13. MAIOR ARCO EM ALVENARIA

Diz-se ser o maior arco em ogiva, e alvenaria de pedra do mundo. Foi concluído em 1744. Da imagem lê-se: Arco Grande. Altura do Rio ao Passeio Em Palmos 296,75 Em Metros 65,29 Largura Entre os Pegões Em Palmos 131 Em Metros 28,86.

classificação do Museu Nacional de Arte Antiga e do Bairro Alto, encontrando-se a totalidade dos troços enterrados e semi-enterrados, no miolo da cidade de Lisboa *em vias de classificação*, e, portanto, sujeitos a protecção.

Por fim, é em 2002 que, Margarida Ruas, à data directora do Museu da Água da EPAL, consegue junto do Ministério da Cultura a reclassificação de todos os 58km de Aqueduto das Águas Livres como Monumento Nacional.<sup>10</sup> E acrescenta também, nesse mesmo ano, em entrevista ao Público sobre as classificações, que *São muito importantes para a salvaguarda deste património, pois abrangem não só a estrutura em si como parte das áreas envolventes*.<sup>11</sup>

*É considerada a ponte de pedra mais longa do mundo, o sistema hidráulico mais importante do mundo (...) Tem o maior arco em ogiva do mundo — estamos no Guinness por isso — e ainda hoje é completamente incompreensível como aquele arco fecha. Há um fechamento na parte de cima do arco com três pedras. Aquele fechamento é de tal maneira raro, que diz a lenda que: apenas um sopro divino os pôde apertar.*<sup>12</sup>

Desde 2002, que Margarida Ruas, apoiada por muitos outros, tem lutado por uma candidatura do Aqueduto das Águas Livres a Património da Humanidade.

## 2.2 O MONUMENTO

A palavra monumento tem origem no latim, *monumentum* — uma derivação da palavra *monere*, que em português significa advertir, recordar. No entanto, a sua utilização no sentido de relembrar uma construção não foi unívoca.

A primeira referência, por Antoine Furetière em 1689, apontava como monumentos apenas o Coliseu de Roma e as Pirâmides do Egipto. Com o tempo, acendeu-se o debate sobre o que deveria ser verdadeiramente considerado Monumento. Hoje já é compreendida a necessidade de distinguir as noções de monumento e monumento histórico, tal como se veio a defender desde cerca de 1930.<sup>13</sup>

A palavra monumento, transportada para todo o mundo, é utilizada na definição de qual-

---

10 Decreto n.º 5/2002, DR, I Série-B. n.º 42, de 19-02-2002 (alargou a classificação do Decreto de 1910)

11 LUSA - Aqueduto das Águas Livres vai candidatar-se a Património Mundial. PÚBLICO. (20 Mar. 2002). Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://www.publico.pt/n81074>.

12 RUAS, Margarida - Desvendar os Mistérios do Aqueduto de Lisboa. Comunicado em, El Corte Inglés de Lisboa, 7 Maio de 2014.

13 CHOAY, Françoise - A alegoria do património. Lisboa : Edições 70, 2013

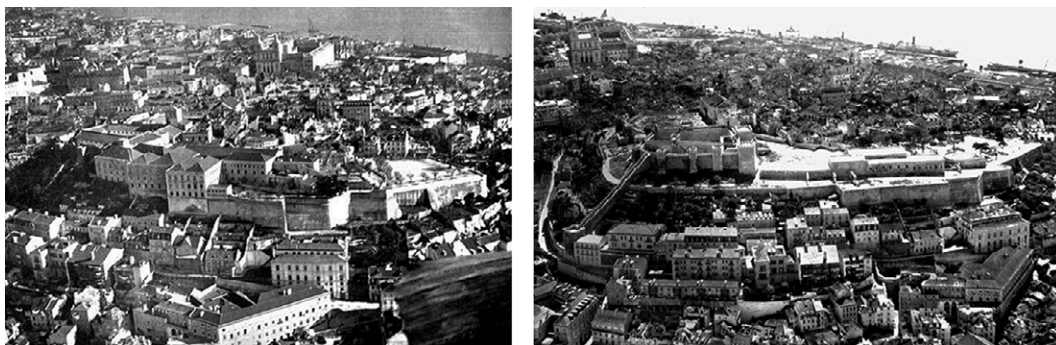


FIGURA 14. ANTES E DEPOIS DE UMA INTERVENÇÃO

*O Castelo de S. Jorge, o mais antigo Monumento de Lisboa, verdadeira acrópole da Nação, talvez a peça de maior e melhor nobreza do nosso Património de glória, merece incontestavelmente que se dignifique, desafiando-o de malefícios construtivos, isolando-o na sua solene beleza evocadora, reintegrando-o enfim, quanto possível, na sua rude e expressiva estrutura de fortaleza de outros tempos.*

Portaria de 29 de Agosto de 1938, Diário do Governo no 203-II Série de 1-09-1938.

IMAGEM E TEXTO: Boletim DGEMN 25-26

quer construção emblemática, ou comemorativa, que marque certo momento histórico. Já o monumento histórico caracteriza os elementos edificados, no seu todo íntegro ou mesmo parcialmente desafecto, entendidos como um repositório de saberes e de tradições, e exigindo uma conservação incondicional. O primeiro, faz *reviver no presente um passado engolido pelo tempo*. O segundo, *mantém uma relação diferente com a memória viva e com a duração*.<sup>14</sup>

### 2.3 O PATRIMÓNIO NA EUROPA

Em pleno século XIX, no contexto das cidades que se vão modernizando, questiona-se a pertinência do restauro e da conservação enquanto solução ideal para a valorização dos monumentos. O conceito de património classificado só mais tarde foi instituído.

Em Roma, com o poder do Vaticano, restauram-se grandes partes da cidade. Em França, com os novos planos de alargamento das vias, aparece a disciplina do Urbanismo. Em Inglaterra, com o crescente desenvolvimento da era da industrialização, inicia-se uma forte utilização do vidro e do aço na construção. Mas terá a modernização sofrido com o debate destas questões? Ou terá antes a conservação dos monumentos históricos sofrido com a implementação desta modernização?

Nesse contexto refiram-se, a título exemplificativo, as acções de demolição de tecido urbano que se deram por toda a Europa. Um dos casos mais relevantes foi o caso da Catedral de *Notre Dame* em Paris, onde se demoliu quase totalmente a cidade medieval que existia na *Île de la Cité*, com excepção da sua catedral. As motivações e ideologias fortes de Baron Haussmann facilmente contagiaram o resto da Europa, apontando o tecido urbano medieval como um obstáculo à salubridade, à fluência do tráfego, à segurança e à contemplação dos monumentos do passado.

## 2.4 O DRAMA PORTUGUÊS

Em Portugal, também se assistiram em todo o território a operações daquele género, consideradas, de limpeza, libertação, desimpedimento e desafogamento dos monumentos.

Os mosteiros da Batalha, dos Jerónimos, o Palácio da Sintra, a Sé do Porto e a Alta de Coimbra, foram também alvos de um tratamento desta natureza. Mas o problema intensificou-se, nomeadamente a partir de 1929, com a aplicação de uma nova reforma, já no regime Salazarista.

Durante o período do Estado Novo, foram efectuadas com sucesso inúmeras acções, ditas de valorização. As estratégias que previam o restauro integral dos edifícios, não se restringiam agora somente aos de grande porte. Um dos melhores exemplos será o caso do Castelo de São Jorge. (*figura 14*)

Contudo, a DGEMN (Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais), construiu um catálogo, onde pode perceber-se como as tendências começaram a sofrer alterações ideológicas. Os *Caminhos do Património*<sup>15</sup> faz em 1999, um resumo das operações de restauro e conservação que tiveram lugar por todo o país ao longo do Século XX. Aqui podem compreender-se facilmente essas diferenças ideológicas através de inúmeros exemplos, desde o referido Castelo de São Jorge até à criação do Plano de Fomento Turístico-Cultural, em 1977, já em conjunto com o IPPC, que avaliava muitos dos imóveis já classificados com o intuito de os converter em pousadas.

---

15 ALÇADA, Margarida; GRILO, Maria Inácia Teles (EDS.) - *Caminhos do património: 1929-1999*. Lisboa : DGEMN, 1999.



A black and white photograph of a public water fountain in Istanbul. Several women in traditional headscarves and long skirts are filling large earthenware pots. In the background, men in traditional attire stand near a stone structure, and a sign above a doorway reads "CHAPART".

IMAGEM: Lisboa - Comparações com outros tempos: Chafariz da Esperança. Consultado em Dezembro de 2013 Disponível em <http://lisboahojeentem.blogspot.pt/2012/11/chafariz-da-esperanca.html>>.



### 3 O AQUEDUTO PERDIDO NO TEMPO

Desde 1851 que, quando a paróquia de São Sebastião da Pedreira obrigou ao encerramento definitivo das duas passagens da arcaria do Vale de Alcântara — em consequência do infame assassino Diogo Alves — o Aqueduto começou a perder relevância. Altura também, em que o abastecimento da cidade de Lisboa ficaria a cargo da Primeira Companhia das Águas.

De alguma forma, a quantidade de água captada por todas as nascentes do Aqueduto, já não era a suficiente para a cidade novecentista, e o surgir de um novo plano das águas do Alviela, naturalmente sobrepôs-se à aposta na melhoria do outro, pré-existente, e já com carências estruturais em termos de captação e distribuição.

#### 3.1 UMA QUESTÃO RELEVANTE

Oficialmente desactivado nos anos sessenta já sob tutela da EPAL, o Aqueduto das Águas Livres mantém-se como um monumento histórico, recheado de memórias e muitas outras histórias para contar. Resta-nos um marco sobretudo, no desenvolvimento ocidental da cidade, na contribuição para o desenho da cidade barroca, com as mães de água, os seus arcos e as suas praças e chafarizes.

A facilidade de acesso à água potável hoje, é incontornável. No entanto, o que é feito desse grande monumento que foi construído apenas com esse propósito? Que sentido tem hoje a existência de uma cascata que celebra a chegada da água à Mãe de Água das Amoreiras? Valeu a pena destruir integralmente um quarteirão em Santos-o-Velho no século XIX, para a construção de uma praça que hoje se encontra vazia? (*figura 15*) E o largo onde moram os sem abrigo e os pombos, ainda tem Esperança? (*figura 16*)

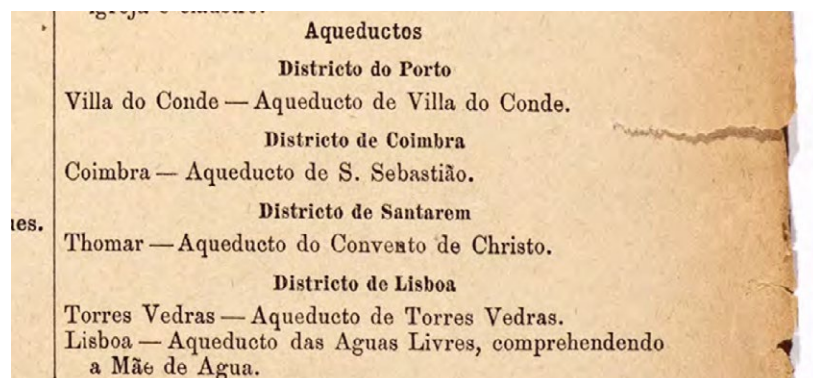


FIGURA 17. DECRETO-LEI DE 1910

IMAGEM: DGPC - Aqueduto das Águas Livres, seus aferentes e correlacionados. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70216>.



FIGURA 18. ALGUNS ARCOS EM FALTA

*O Aqueduto das Águas Livres, representa a inteligência portuguesa, (...) todo o saber ali contido é verdadeiramente único — nós não fazemos ideia — foi um monumento completamente votado ao esquecimento, foi malquisto, abandonado, parece que há uma conspiração de silêncio à volta dele, que é intolerável e inexplicável.*

Citado por Margarida Ruas enquanto, emocionada, mostrava a imagem do troço do Aqueduto a ser destruído no ano de 1949.

IMAGEM: Colecção de Postais. Consultado em Dezembro de 2013. Disponível em <http://lisboahojeontem.blogspot.pt/2012/11/chafariz-da-esperanca.html>.

TEXTO: RUAS, Margarida - A água como elemento primordial de união. TEDx. Cascais, 19 Março de 2012. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://tedxtalks.ted.com/video/TEDxCascais-Margarida-Ruas-A-gu;search%3Atag%3A%22tedxcascais%22>.

Felizmente, em 1987 a EPAL inaugura o Museu da Água com os pontos visitáveis que se conhecem ainda hoje — o Vale de Alcântara, a Mãe de Água das Amoreiras, o Reservatório da Patriarcal — e em 1989 reabre ao público a travessia sobre os Grandes Arcos.

### 3.2 UM AQUEDUTO EM FALTA

Destacam-se antagonicamente, os processos de classificação e as consequentes violações praticadas pela incorrecta, e dúbia, definição no já referido Decreto-Lei de 1910. (*figura 17*) Este documento, trouxe inúmeras ambiguidades — dado que o Aqueduto das Águas Livres se prolonga por vários concelhos de Lisboa. Portanto parece claro que a verdadeira classificação de Monumento Nacional aqui implícita, envolvia outro tipo de categoria monumental. Uma vez que no início do século XIX o conceito de património seria ainda mais questionável, deve presumir-se que a realidade material do Aqueduto enquanto monumento se cingia aos Grandes Arcos sobre o Vale de Alcântara, e ao conjunto compreendido entre o Arco das Amoreiras e a Mãe de Água das Amoreiras.

Por isso, interessa referir neste contexto, as operações de mutilação que o Aqueduto sofreu, até mesmo dentro do concelho lisboeta.

Nos anos quarenta, durante as operações do Estado Novo, o Aqueduto foi alvo de dissecação. A construção da Avenida Duarte Pacheco e do Viaduto, foi motivo justificado para a mutilação daquele monumento, que a intersectaria na chegada às Amoreiras. Destruída também para a construção de uma avenida foi a arcaria sobre o Vale da Cova da Moura, a actual Avenida Infante Santo. (*figura 18*) O troço mais emblemático que existiu na Galeria das Necessidades, ainda hoje tem as suas cicatrizes visíveis.

O Arco de São Bento, desmantelado da frente da Assembleia da República ainda em 1938, foi recolocado só no ano de 1997 *na Praça de Espanha, onde permaneceram amontoadas, as pedras, durante 14 anos, sem que a Câmara de Lisboa lhes desse qualquer destino*.<sup>16</sup>

O final do século XX foi também marcado por diversas construções de redes viárias importantes para Lisboa, as quais envolveram alguns confrontos entre os promotores, a EPAL, o IPPAR (depois IGESPAR e actualmente integrado na DGPC). A construção do Eixo Norte-Sul, que compreendeu a ligação entre a Ponte 25 de Abril e a Segunda Circular, exigiu a construção de dois viadutos, sob dois dos arcos do troço do Aqueduto no Vale de Alcântara. *A construção dos dois viadutos evita o contacto directo das viaturas*

---

16 PAIXÃO, Guilherme - Arco de São Bento em ascensão. PÚBLICO. (8 Ago. 1997).



FIGURA 19. EIXO NORTE-SUL

Fotografia tirada no passeio Sul dos Grandes Arcos do Aqueduto, em Novembro de 2013. Pode ver-se o Eixo Norte-Sul a subdividir-se em duas partes, para passar sob dois dos arcos do Aqueduto. Vê-se ainda a linha do comboio, a Avenida de Ceuta e a Avenida Calouste Gulbenkian.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria

com o solo<sup>17</sup>, e assim as vibrações produzidas pelo tráfego não afectam a estrutura. O nó rodoviário da Segunda Circular na zona da Buraca, dada a largura da via, obrigou ao reposicionamento de alguns elementos do Monumento. *A colocação de elementos do Aqueduto das Águas Livres foi respeitada, conforme a exigência da EPAL.*<sup>18</sup>

O caso mais mediático foi sem dúvida o da construção da CRIL (Circular Regional Interior de Lisboa). Interrompida durante largos anos, a construção do túnel de Benfica esperava apenas a aprovação das entidades gestoras do património do Aqueduto. A JAE (actual Estradas de Portugal) foi responsável pela apresentação de dois planos que visavam a destruição de quarenta metros no primeiro, e duzentos no segundo, do traçado do Aqueduto Geral. As soluções apresentadas focavam o desenho remanescente do arquétipo do Aqueduto na entrada do túnel, e um sistema hidráulico que assegurava a circulação da água por um percurso alternativo.

*De acordo com o gabinete do secretário de Estado das Obras Públicas, (...) Esta solução, implica a demolição do aqueduto das águas livres, num troço enterrado com uma extensão de 40 metros, mas “não vem daí mal ao mundo”, uma vez que o segmento a derrubar “não tem qualquer valor monumental” e é feito com “materiais de baixíssima qualidade”.<sup>19</sup>*

Em questão não esteve, de facto, garantir a continuidade na circulação da água. Aliás, como referido anteriormente o Aqueduto foi desactivado nos anos sessenta, mesmo quando a alimentação à cidade de Lisboa vinha sendo substituída progressivamente pelo novo abastecimento do Alviela.

Estes são uma série de exemplos de circunstâncias que ao longo dos últimos anos, debilitaram, ameaçaram e colocaram em causa a integridade e o valor patrimonial do Aqueduto. Agora classificado em toda a sua extensão, deve ser protegido e considerado na elaboração de planos da envolvente urbana e suburbana da cidade. O Aqueduto, com um traçado essencialmente radial em relação ao centro de Lisboa é, tal como todas as outras infraestruturas radiais, transversal a todas as circulares e deverá ser tido em consideração.

---

17 VELOSO, Miguel - Aqueduto das Águas Livres domina viadutos. JORNAL DE NOTÍCIAS. (10 Abr. 1997).

18 Autor Desconhecido - Viaduto da Buraca pronto em Junho. CORREIO DA MANHÃ. (10 Abr. 1997).

19 CEREJO, José António - Braço-de-ferro opõe JAE à EPAL e ao Ippar. PÚBLICO. (4 Abr. 1997).





FIGURA 20. RUA PRINCIPAL

Clarabóia do Aqueduto da Quintã na estrada de acesso ao Belas Clube de Campo.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria



FIGURA 21. UM MONUMENTO DE BETÃO

A Circular Regional Externa de Lisboa, e um dos seus viadutos.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria

## 4 PATRIMÓNIO ESQUECIDO

*Que se pode, então, esperar do futuro próximo de Portugal em virtude de factores identitários ou estruturais? Esquecendo os numerosos “retratos” míticos de Portugal e dos portugueses produzidos desde o tempo de Camões, voltemos aos indicadores sociais e económicos. Notemos a diferença entre o Portugal atlântico e o interior, o densamente povoado e o desertificado, o citadino e o que resta do rural. Noutro registo, o Portugal dos ricos, separado por um largo fosso dos pobres (ou antes, dos fracos, dos desempregados), dos crentes e dos não crentes dos instruídos e dos ignorantes.<sup>20</sup>*

Durante o século XX, o património português passou por diversas fases de classificação e por diversos programas de restauro, a grande maioria motivada por interesses locais e centralizados, apesar de ligados ao valor patriótico e bastante potenciados pelo turismo.

A limpeza dos grandes monumentos, como já referido, e a construção e melhoria dos acessos a estes, foram também processos ambíguos e críticos. Neste caso, o resultado é o caricato trecho em que a EN1, a principal estrada de ligação Lisboa-Porto, como que *sobrevoa* o Mosteiro da Batalha. Actualmente é impossível não reparar neste monumento quando viajamos por aquela estrada movimentada, mas o descuido na implantação daquela infraestrutura na frente do monumento mostra, à semelhança das operações com o Aqueduto, a pouca consideração pelo seu verdadeiro valor.

Este exemplo ilustra uma cultura centralizada e de interesses associados à urgente construção de infraestruturas viárias, o que prejudicou muito o legado português isolado pelo país fora.

---

20 MATTOSO, José; BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne - Portugal: o sabor da terra. Lisboa : Círculo de Leitores Pavilhão de Portugal/Expo'98, 1997. p. 686



FIGURA 22. CAPELA ABANDONADA

Pelos arredores de Loures, podem encontrar-se uma série de conventos e palacetes abandonados. A Quinta das Águas Férreas foi alvo de restauro ficando a sua reutilização a cargo da Protecção Civil.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria

#### 4.1 RELEMBRAR OS MONUMENTOS

Importa recuar de novo ao século XIX, e entender o aparecimento do tema do restauro. Os primeiros pensamentos sobre o restauro iniciaram o debate de qual seria a melhor forma de ressuscitar o património. E entre diversos países da Europa Ocidental, como referido anteriormente, encontram-se as maiores divergências, sendo as posições mais antagónicas a de John Ruskin, em Inglaterra, e a de Viollet-le-Duc, em França.

No seu livro *The Seven Lamps of Architecture*, John Ruskin traz uma nova ideologia relativamente ao restauro dos monumentos. O seu radicalismo assenta sobre o verdadeiro significado com que o tempo molda os monumentos, conferindo-lhes um valor incomensurável. Defendeu que uma obra do passado, apenas pelos homens do seu tempo poderia ser recuperada, e se as gerações futuras de alguma forma o fizessem, estariam a destruí-la. Condena o restauro, apontando uma única solução para o património histórico — a sua constante e inevitável degradação.

*Do not let us talk then of restoration. The thing is a Lie from beginning to end.*<sup>21</sup>



Viollet-le-Duc, por outro lado, via num monumento incompleto, uma oportunidade de exercitar saberes, e de estudar formas múltiplas de restaurar com conhecimento prévio das estruturas e de modelação dos edifícios antigos. Mas avançando com restauros que eram mais restituições, e segmentos em regime de reinvenção e cópia. A sua capacidade em tipificar e categorizar cada construção era motivo para a completar segundo um procedimento que pretendia *continuar* o trabalho deixado incompleto ou destruído pelo passar do tempo. A Academia de Belas Artes de França, cuja criação remonta a 1795, com perspectivas para um conjunto de reformas e um método de ensino, na altura inédito, aplicado à Escola das Belas Artes, gozava de uma íntima ligação a Viollet-le-Duc.<sup>22</sup> Dotado dos elementos necessários para restaurar qualquer monumento, como se de um utensílio didáctico este último se tratasse, completou diversas obras — ou como diria Ruskin, destruiu — baseando-se nos fundamentos genéricos que a história da arte e o estudo arqueológico propiciaram.

Aquelas duas posições, tão contraditórias, mostram de facto, a dificuldade em lidar com o que se considera património, o que é uma herança de um povo, e o que merece que a dignidade do seu país lhe esteja intrinsecamente reconhecida.

Só em 1965, em Varsóvia, é fundado o Comité Internacional para os Monumentos e Sítios (ICOMOS), a propósito da criação da primeira carta internacional para a Conservação e Restauro dos Monumentos — a Carta de Veneza. Esta carta propôs uma outra visão a respeito dos valores históricos dos monumentos e dos edifícios em geral. Um meio termo entre Ruskin e Viollet-le-Duc, onde o restauro é possível, sem comprometer em termos de linguagem, a ambiguidade na leitura do novo perante o antigo, assumindo-se desde aqui a contemporaneidade de cada construção e, simultaneamente, concedendo ao património — através sua redefinição em *conjuntos, monumentos e sítios* — extensão, vivência, memórias e possibilidades de reabilitação e reutilização, embora com acrescidos cuidados científicos.

#### 4.2 RELEMBRAR O LUGAR

Recordar o património, um sítio, é também trazer de volta o sentido desse lugar, a sua memória. O Espírito do lugar, como defende, Christian Norberg-Shoulz<sup>23</sup>, é o resultado de uma união entre o tangível e o intangível, a terra e o céu. Defende ainda que um lugar só

---

22 VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel - *Esthétique appliquée à l'histoire de l'art* Beaux-arts histoire. Paris : École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1994.

23 NORBERG-SCHULZ, Christian - *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*. Documenti di architettura. Milano : Electa, 1986

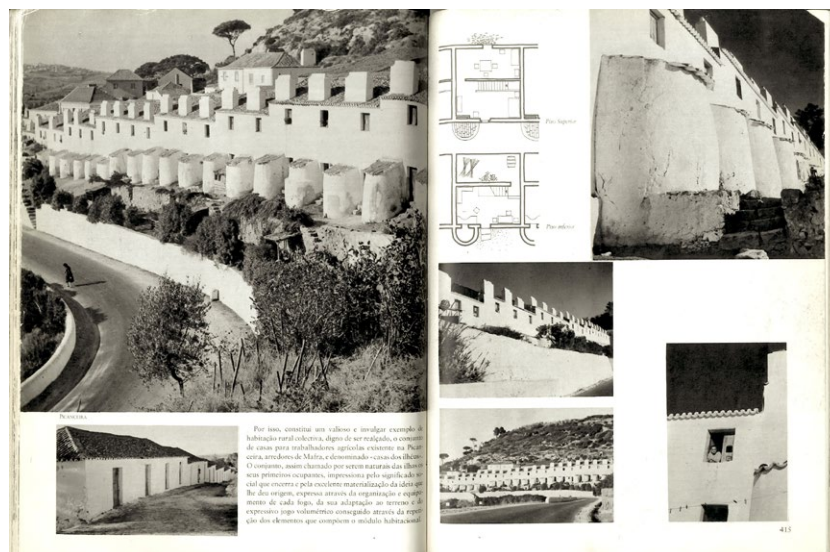


FIGURA 23. ARQUITECTURA POPULAR PORTUGUESA

O Livro, contém uma série de levantamentos fotográficos e desenhados da arquitectura popular em Portugal, e conta com um estudo genérico da geografia do país, de onde se conclui a tradição agrícola, em grande parte associada à organização da habitação tradicional.

IMAGEM: Arquitectura Popular em Portugal. 2ª ed. Lisboa : A.A.P, 1980. vol. 2, p. 415

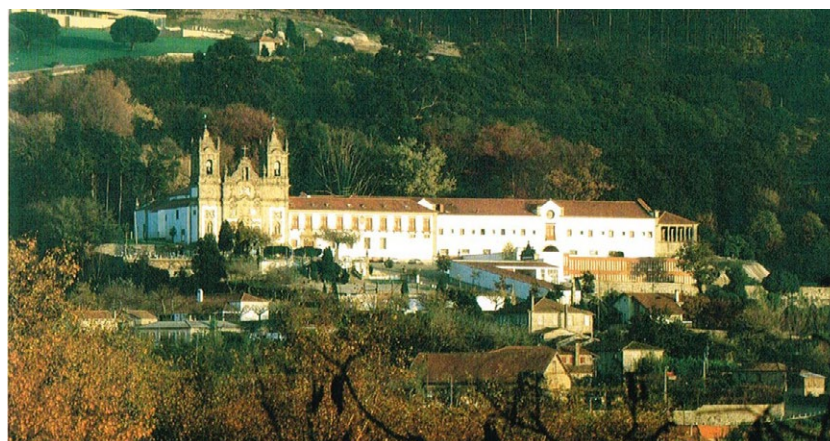


FIGURA 24. UM NOVO CONVENTO

*Távora contribui para a já longa vida do convento, conservando e reafirmando os seus espaços mais significativos e cria novos espaços resultantes de condicionalismos programáticos. Promove um diálogo, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a diferença e a ruptura.*

IMAGEM E TEXTO: Fernando Távora. Em Colecção Arquitectos Portugueses. Vila do Conde : QN, 2011. p. 57

o é, numa estreita relação entre três elementos: os elementos espaciais, físicos que morfológicamente delimitam o espaço; elementos ambientais, relacionados com a presença do intangível, uma criação do céu, o clima e/ou, por exemplo, a quantidade de luz, ou de vento, ou a temperatura; e dos elementos humanos, a presença do homem, influenciado pelos outros dois elementos, pela sua relação de escala com o que o envolve, por aquilo que ele sente e a posição dos seus sentidos, e pelo seu movimento.

Sem pretender alastrar o desenvolvimento deste trabalho sobre a temática teórica e sentimentalista da procura num verdadeiro sentido do lugar, tentar-se-á de seguida exemplificar através de uma série de referências, o resultado que este pensamento teve sobre a arquitectura em Portugal.

#### 4.3 RELEMBRAR PORTUGAL

As lições de Orlando Ribeiro sobre a geografia de Portugal, mostram-nos como a morfologia do território moldou a evolução da cultura portuguesa. A costa, as serras e os rios, propiciaram a aglomeração populacional desde a pré-história mas sobretudo a partir de uma cultura material de assentamento no período Romano. No entanto, o período Manuelino e Joanino, marcaram maioritariamente o território deste país através das grandes construções dos seus tempos.<sup>24</sup> Influenciada pela orografia e a hidrologia, a instalação dos aglomerados populacionais também se regeu pela proximidade aos *grandes centros*, ou à facilidade de acesso a eles.

O Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, realizado nos anos 50, foi um retrato importante da tendência que tentou procurar o ressuscitar de uma linguagem vernacular mas não folclórica, real e material, mas não estilizada, confrontando-se com as tradições construtivas. Procurou também as marcas do território e o efectivo enraizamento, olhado de forma crítica, das diversas arquitecturas *sem autor* existentes em Portugal. Divididos por diferentes regiões, um grupo de jovens arquitectos retratou um Portugal tradicional e popular, através do levantamento das terras, das suas gentes, dos seus hábitos e das suas construções. O resultado em livro<sup>25</sup>, (*figura 23*) pode ser consultado não com um objectivo de procurar um modelo formal idealista para a casa portuguesa, mas antes de compreender a vivência típica de cada português, e de tentar, numa intervenção assumidamente contemporânea, trazer de volta essa recordação.

---

<sup>24</sup> RIBEIRO, Orlando - Geografia de Portugal: o povo português. 3ª ed. Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999.

<sup>25</sup> ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES - Arquitectura Popular em Portugal. 2ª ed. Lisboa : A.A.P., 1980



FIGURA 25. O AQUEDUTO FORA DE LISBOA

Fotografia tirada em Janeiro de 1997 em Caneças, Loures.

*O Aqueduto das Águas Livres é a maior e mais majestosa das obras do género construídas em Portugal. O processo que levou à sua construção é complexo e demorado. (...) A sua presença continua hoje a marcar, de forma impressionante e poderosa, os lugares do seu trajecto.*

IMAGEM E TEXTO: MATTOSO, José; BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne - Portugal: o sabor da terra. Lisboa : Círculo de Leitores Pavilhão de Portugal/Expo'98, 1997. p. 513



FIGURA 26. AQUEDUTO E A ARTE MURAL

Primeira clarabóia visível do Aqueduto das Galegas, dentro dos limites urbanos da zona da Amadora.



Marcado naturalmente pelos acontecimentos de 25 de Abril de 1974, a DGEMN viu-se obrigada a alterar os seus ideais. O Plano de Fomento Turístico-Cultural, falado atrás, foi a representação dessa reestruturação. O melhor exemplo desta viragem ideológica, foi a obra de um dos participantes no inquérito dos anos 50 — o Arquitecto Fernando Távora. O Convento de Santa Marinha da Costa em Guimarães, sensível ao imediatismo da leitura da Carta de Veneza, representa ainda hoje um exemplar reconhecimento de uma obra de conservação do seu tempo, que respeita a marcação da diferença entre o antigo e o novo. (*figura 24*)

José Mattoso, no seu livro *Portugal — O Sabor da Terra*<sup>26</sup>, revisita a geografia de Orlando Ribeiro. Pelo caminho, na explicação da história de cada região, vai capturando, com ajuda do fotógrafo Duarte Belo, uma realidade que melhor retrata a visão patente na procura de uma identidade portuguesa. Ele caracteriza a cidade de Lisboa como grande impulsionadora no desenvolvimento do traçado de novas infraestruturas, que influenciaram o restante país.

Hoje, o território envolvente à cidade de Lisboa, é demarcado por extensas linhas infraestruturais, estradas, caminhos ferroviários, cabos de alta tensão, canalizações, antenas de telecomunicação e outro tipo de instalações. Mas esta velocidade marcante do espírito citadino, contrasta com a pontual construção lenta que marcou a região da Estremadura por vários séculos. As principais vias de ligação entre a capital e outras cidades e vilas de vilegiatura como Cascais, Sintra e Mafra, foram o início das linhas estruturantes da malha que hoje se conhece. Os pontos intermédios ficaram também caracterizados por importantes lugares de paragem, nas longas viagens — Oeiras, Queluz, Belas, Loures, Santo Antão do Tojal — mas aqui já pontuando a paisagem através de conturbações, de aglomerados de construção clandestina e de uma densidade populacional típica de *arredores* desqualificados. Mas a necessitarem, mais tarde ou mais cedo de poderosas ligações rodó ou ferroviárias com a cidade *centro*.

No seguimento da sua explicação sobre o desenvolvimento exponencial de Lisboa, Mattoso refere ainda a importância da existência do termo *Saloio* como factor essencial para caracterizar as populações periféricas à cidade. Os *Saloios* viviam da agricultura, e transportavam-na, pelo seu próprio pé — muitos atravessando o Vale de Alcântara pelo Aqueduto — para venderem de porta em porta às classes mais nobres que habitavam o centro da cidade.

---

26 MATTOSO, José; BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne - Portugal: o sabor da terra. Lisboa : Círculo de Leitores Pavilhão de Portugal/Expo'98, 1997.



FIGURA 27. MURO ANTIGO?

O traçado geral do Aqueduto, percorre bastantes quilómetros à superfície — manifestando-se, nesses momentos, com a rara presença de clarabóias e o excepcional aparecimento de arcos — e aos olhos populares facilmente se confunde com um simples e desinteressante muro em ruína.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria



FIGURA 28. CHAFARIZ PERDIDO

Na zona da Buraca, perto de Benfica, encontra-se uma mãe de água, dois arcos e um chafariz.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria

#### 4.4 RELEMBRAR O AQUEDUTO

O Aqueduto das Águas Livres, perdido no tempo, é hoje um monumento que resulta da dissolução da sua memória como um todo. Potenciado pelo *monumentalismo* do início do Século XX, o Aqueduto é recordado somente pela monumentalidade dos seus Grandes Arcos, no Vale de Alcântara, e do conjunto arquitectónico de Carlos Mardel, nas Amoreiras, quando, em boa verdade, a história do abastecimento da água a Lisboa em nada é contada por aqueles dois instantes. E a única obra — ou numa linguagem corrente, equipamento público — construída pelo povo, para ele próprio, tem vindo a perder a sua identidade.

Restam alguns pontos dispersos na identificação do Aqueduto, e os mais curiosos talvez conheçam até o seu verdadeiro traçado. Influenciado por um Portugal Romano, impulsionado pelos Renascentistas, construído por um Barroco de Estilo Chão, para ser utilizado pelo povo *Salóio*, foi desta forma que se deixou aquele monumento — esquecido, ignorado e abandonado nos seus trechos menos vistosos, ou mesmo escondidos.

Muito apesar dos trabalhos que exigem a divulgação do Aqueduto como património, e da luta pela dignificação do seu valor, é necessário que todo o povo português, e sobretudo o povo da sua cidade, o conheça. E que conheça a importância da sua construção. Depois, é necessário passar a sua palavra, cuidar dele, lembrá-lo. Por fim, deverão ser implementados programas que reforcem a sua presença. Considerar a sua reabilitação total é fundamental, pois o Aqueduto não se esgota no interior de uma galeria subterrânea. Ele é também os largos com os seu chafarizes, os vales com os seus arcos, os montes que marca e pontua, as águas que encontra, os vestígios por onde tropeça, as quintas que separa, os palácios que viu construir e a cidade que viu crescer.

O Aqueduto das Águas Livres foi um marco no crescimento da cidade de Lisboa, e contribuiu para a construção da sua imagem e identidade. O Aqueduto tem um carácter monumental, e é das poucas obras que mais caracterizou o poder e a vontade de um povo. Transversal a todas as sociedades e hierarquias, nele permanece a representação da corte e da classe mais baixa, da economia e da religião, da memória dos mais prestigiados artistas e sobretudo da necessidade de uma população.







## II A PROPOSTA

*Sobre a história, (...) Todos os arquitectos a usam sem dar por isso: não se pode projectar sem memória, tal como não se pode projectar sem a existência de uma relação com a vida. Depois, evidentemente, constrói-se sempre com o construído. Não há terrenos virgens, nem a cultura do homem está no seu ano zero. O construído é tanto lugar em transformação, como a cultura arquitectónica universal. A posição que se assume sobre este complexo passado de sedimentos vários e todos significativos é tão importante como o desejo de construir o futuro.<sup>27</sup>*

Neste capítulo pretende-se apresentar o tema de trabalho proposto. Procurou-se uma solução para devolver a memória do Aqueduto das Águas Livres e, sem pretensões, aponta-se o *Itinerário pelo Património Esquecido* como o desenho de um projecto que compreende a recuperação da Memória do Aqueduto e do património abandonado com ele relacionado.

O desenho de um conjunto de itinerários, que prove a possibilidade de trazer de volta a memória do património — de resgatá-lo — é uma solução possível para o rejuvenescimento da paisagem urbana, rural e pós-rural dos arredores da grande cidade. É importante compreender o que se propõe, e de que forma outras soluções semelhantes poderão confirmar a viabilidade de uma estratégia como esta.

---

27 COSTA, Alexandre Alves - O Lugar da História. Em Textos Datados. Coimbra : edarq, 2007. p. 254.

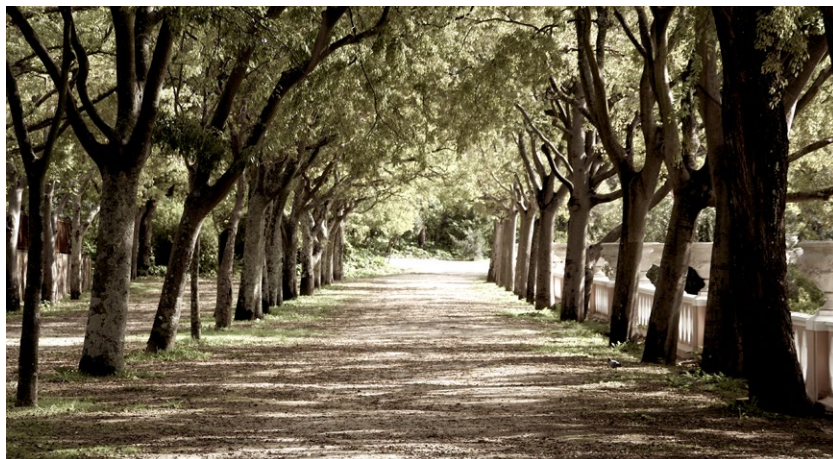


FIGURA 29. PASSEIO NA TAPADA

Alameda dos Lódãos do século XVIII, na Tapada das Necessidades, em Lisboa.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria



FIGURA 30. PASSEIO BARROCO

Jardins de Buxo do século XVIII, no Paço Real de Caxias, em Oeiras.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria

## 5 OS ITINERÁRIOS

No seguimento da apresentação da base que fundamenta a proposta dos *Itinerários pelo Património Esquecido*, interessa introduzir o tema dos roteiros, dos percursos e dos itinerários planeados.

As rotas temáticas promovem o turismo no interior do país, alertando para uma cultura que rompe com o meio citadino. Mas serão a solução mais eficaz no que toca à compreensão genérica de uma cultura?

Para além das rotas temáticas, outros projectos de itinerários culturais foram desenvolvidos, interessando conhecer alguns casos e perceber o papel desempenhado pela arquitectura, e como poderão ser, de alguma forma, fortes referências para o desenvolver deste projecto, e completar um raciocínio lógico.

### 5.1 ROTAS DO PATRIMÓNIO

Inúmeras são as rotas temáticas que podem encontrar-se por todo o mundo. Em Portugal, quando se viaja pelo país, é também frequente encontrar uma série delas: a Rota do Românico, do Gótico, do Vinho Verde e do Tinto, do Alentejo e do Douro. Na verdade, a sua implementação é enquadrada pelo interesse económico regional e portanto resulta num confuso conjunto que não equaciona intersecções sobre temáticas distintas. O turista é guiado pela rota que pretende conhecer, condensa-se no seio da temática que se comprometeu a percorrer, ignorando inconscientemente outros aspectos relevantes do património e da história do país, que paralelamente se encontram pelo caminho. Este problema resulta na consequente dissolução do património. Contribui para a sua fragmentação e portanto para a perda da sua identidade. Se se percorre o Rio Douro na descoberta de um período românico, como se pode ignorar as histórias do seu vinho?



FIGURA 31. SANTUÁRIO DE ESTANZUELA DE AI WEIWEI

Fake Design, 2009

*The project's immediate challenge is to connect with these walkers – Catholics of all ages, mostly from Jalisco state, in which the route lies, and mostly arriving in Holy Week – and provide something relevant to them. While it does not attempt to replace established chapels and shelters, or use architectural muscle to detract attention from the route, neither does it defer entirely to pilgrims' expectations. It goes for the middle ground: challenging, but on familiar soil. "To make a spot where nature and the pilgrim understand the territory through the building," is architect Luis Aldrete's take on it. Though every architect has created something abstract and personal, religion and nature are also integral to the project.*

IMAGEM: Fotografia de Iwan Baan, 2011

TEXTO: MACLEAN, Ruth - Mexico's architectural project: Ruta Del Peregrino - Icon Magazine. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://www.iconeye.com/architecture/features/item/9235-mexico-s-architectural-project-ruta-del-peregrino>.

Quando se viaja à descoberta da gastronomia alentejana, como se pode ignorar um de vários conjuntos megalíticos que pontuam aquelas planícies?

Deste modo, os roteiros deveriam ser planeados transversalmente. Geógrafos, arqueólogos e historiadores, arquitectos e urbanistas, economistas e políticos, deveriam unir-se e projectar equitativamente cada roteiro, para que o viajante possa tirar o melhor partido das suas viagens.

Algumas das rotas tentaram procurar uma uniformidade na sua implementação. Muitos casos prendem-se com certos aspectos culturais que poderão ditar a principal orientação do projecto. Portanto é importante questionar o valor cultural de cada região e o seu envolvimento no campo mais vasto da afirmação cultural à escala nacional. A cultura que construiu cada país. A memória que hoje está inerente a um povo. E alguns casos implementados foram o resultado dessa união.

Os seguintes exemplos, para mais, sem qualquer remédio *fixista* e saudosista, afirmam, pelo contrário, o papel da arquitectura contemporânea como elemento fundamental na dinamização do património cultural.

Com mais de duzentos anos de tradição, a *Ruta Del Peregrino*, no México, move milhares de peregrinos todos os anos, pela altura da páscoa. A rota de Ameca, uma das mais conhecidas, com cerca de cento e dezassete quilómetros de extensão, foi em 2008 alvo de intervenção para a melhoria das infra-estruturas de apoio ao caminhante.

*Seven architecture firms and artists were then invited to design nine sculptural buildings at different locations along the route. These structures were designed for resting, praying, or meditating – as viewing points, stopping and starting places, or for staying overnight. Dellekamp Arquitectos also designed two of the buildings. The other designers include the Mexican offices of Tatiana Bilbao, Luis Aldrete, and Pereférica, the Swiss offices of HHF Architects and Christ & Gantenbein, the Chilean office Elemental, and the artist Ai Weiwei from Beijing.<sup>28</sup>*

Vários arquitectos foram convidados para desenhar uma série de intervenções ao longo do percurso. Pontos de paragem para descanso e contemplação da paisagem foram elementos privilegiados na dinamização dos momentos mais monótonos, (*figura 31*) enquanto outras intervenções de carácter mais monumental, se revelaram fundamentais

---

28 HEILMEYER, Florian - Ruta del Peregrino. Uncube Magazine. Consultado em Novembro de 2014 Disponível em <http://www.uncubemagazine.com/magazine-01-6934589.html>.





FIGURA 32. CHICHU ART MUSEUM

*Designed by Tadao Ando, the Chichu Art Museum is embedded in the hill to preserve the beauty of the natural landscape. The interior, which provides a permanent home for works by Claude Monet, Walter De Maria, and James Turrell, is lit solely by natural light, which changes with the passage of the hours and of the seasons, offering new discoveries with each visit.*

IMAGEM E TEXTO: Art Setouchi - Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://setouchi-artfest.jp/en/about/concept>.



FIGURA 33. MAPA DE NAOSHIMA

IMAGEM: Art Setouchi - Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://setouchi-artfest.jp/en/about/concept>.

para a percepção das distâncias no horizonte. O desenho contemporâneo trouxe uma nova vida àquele trajecto. No México ao longo dos séculos, houve a tendência de considerar o catolicismo mais sagrado quanto mais exagerada fosse a decoração, e este projecto revolucionário conseguiu alterar esse preconceito de alguma forma e atrair uma população mais jovem.

A *Setouchi Triennale*, embora não tenha como princípio a criação de itinerários, é um roteiro mapeado por diversas intervenções artísticas nas ilhas do *Mar de Setouchi*. Situado estrategicamente, este Mar interior das grandes ilhas que compõem o Japão, deixou uma herança única na cultura japonesa que perdurou ao longo de vários séculos de navegabilidade e de trocas comerciais marítimas.

A ideia procurou firmar-se na divulgação de uma cultura nipónica menos cosmopolita e mais tradicional, que à semelhança do que acontece em Portugal, vai sofrendo com o fenómeno do êxodo rural e da globalização. Ocorreram então em 2010, os primeiros eventos da trienal neste conjunto de doze ilhas. Convidaram-se dezenas de artistas japoneses, e de outras partes do mundo para desenvolverem projectos dinamizadores e motivadores da projecção da cultura tradicional daquele país.

*We believe that the realization of art created through the collaboration of modern artists, architects, and local residents will bring about new discoveries in the workings of our daily life, attract people from all over the globe, and become an opportunity for local citizens to interact with the world. The Art Setouchi blends the folk customs, entertainment, festivals, and regional characteristics that have transcended the ages with the art, architecture, and drama that evoke the feeling of our contemporary times. It is a project that conveys the charms of the Seto Inland Sea to the world.<sup>29</sup>*

Os projectos variam entre simples instalações artísticas, *land art*, e reabilitação ou construção de novos edifícios. Desde museus e galerias de arte, a pequenos abrigos, no conjunto destacam-se uma série de arquitectos de renome envolvidos no programa, como Tadao Ando, Kazuyo Sejima e Yuko Hasegawa.

Embora muito centrada nas artes, a *Setouchi Triennale*, acredita que as novas intervenções são capazes de reactivar os centros históricos, onde facilmente se pode ter acesso a infra-estruturas básicas sanitárias, de restauração, transporte ou estadia.

---

<sup>29</sup> Art Setouchi - Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://setouchi-artfest.jp/en/about/concept>.





FIGURA 34. TROLLSTIGEN VIEWING PLATFORM

Reiulf Ramstad Arkitekter AS, 2012

*Trollstigen can be breathtaking for even the most hardened tourist, for here the scenery is both beautiful and untamed. The walkways and stairs leading to the viewing points have an even, easy rhythm and encourage you to hike into and experience the stunning landscape. The largest viewing platform is dramatically situated in the landscape and juts out over an edge with a straight 200-metre drop. The platform has various viewing points suitable for both the bold and the cautious visitor*

IMAGEM: Fotografia de Per Kollstad

TEXTO: Geiranger - Trollstigen - Turistveger. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://www.nasjonalturistveger.no/en/routes/geiranger-trollstigen?attraction=Trollstigen>.

Por fim, a *Nasjonale Turistveger*, as rotas turísticas da Noruega. Um projecto de melhoria das infraestruturas já existentes no país escandinavo, que contou com uma série de arquitectos, sendo um dos roteiros mais divulgados do mundo no tema da arquitectura. As paisagens, por serem um dos melhores retratos da sua identidade, constituem um elemento de orgulho nacional para os noruegueses e estes percursos, foram desde sempre percorridos por artistas, fotógrafos e turistas.

Os primeiros traçados pelas estradas que existem hoje — e que serpenteiam pela paisagem natural da costa norueguesa, com os seus *fjords* — foram iniciados em 1733 por Christian VI, Rei da Dinamarca e da Noruega, que viajou por este território para conhecer, admirar e avaliar o estado do seu reino.

*Each of these selected routes represents a unique motoring experience, and each offers its own distinctive combination of road, scenery and history. The Norwegian Public Roads Administration seeks to enhance your journey by providing spectacular viewing platforms, service facilities, car parks, picnic areas, walking trails and art installations along these routes.*<sup>30</sup>

Os espaços desenhados por diversos ateliês de arquitectura — entre eles Snohetta, Jensen & Skodvin, ou Peter Zumthor — permitem parar, sentar, descansar e usufruir de uma paisagem monumental. São desenhadas plataformas vertiginosas que se lançam sobre altos desfiladeiros, abrigos para os dias chuvosos, memoriais que relembram histórias e outros momentos que marcaram o território norueguês. (*figura 34*)

Neste projecto de itinerários, a paisagem cultural da Noruega, património da humanidade, é o principal motor dos seus traçados. O desenho da nova arquitectura não entra em conflito com o existente e permite o rejuvenescimento daqueles lugares. Une-se a cultura da paisagem com as povoações mais próximas, e são um grande incentivo à economia local, permitindo um desenvolvimento uniforme de todo o país.

Não é descontextualizada a colocação do desenho de arquitectura neste tema. A memória dos lugares, se não for cuidada, pode perder-se facilmente. O novo desenho, seja um desenho de restauro e reabilitação de estruturas já existentes ou a colocação de um novo elemento, pode ser uma solução relativamente simples para a *iluminação* do património cultural e da identidade dos lugares.

---

<sup>30</sup> Norwegian Public Roads Administration - The 18 Norwegian National Tourist Routes. *Nasjonale Turistveger*. Maio de 2013. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://www.nasjonaleturistveger.no/en>.



FIGURA 35. ITINERÂNCIAS TERRITORIAIS

1. Finisterras; 2. Raia; 3. Vales; 4. Serras

*Como hipótese de partida dividem-se estas itinerâncias em quatro categorias que se nomeiam segundo o elemento que persiste como matriz geográfica e cultural do território a representar. Não é ambição deste trabalho, nem poderia ser, devido ao seu caráter individual e à sua duração, dar uma resposta que cubra todo o território português. No entanto, para que não se perca a ideia original do projeto e a sua intenção de amplitude nacional, são apresentadas um conjunto de 12 itinerâncias, que a título de exemplo, demonstram o que pode vir a ser a implementação do projeto Itinerâncias e Percursos da Memória em Portugal.*

IMAGEM E TEXTO: PEREIRA, Mariana Calvete - Itinerâncias e Percursos da Memória. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2013

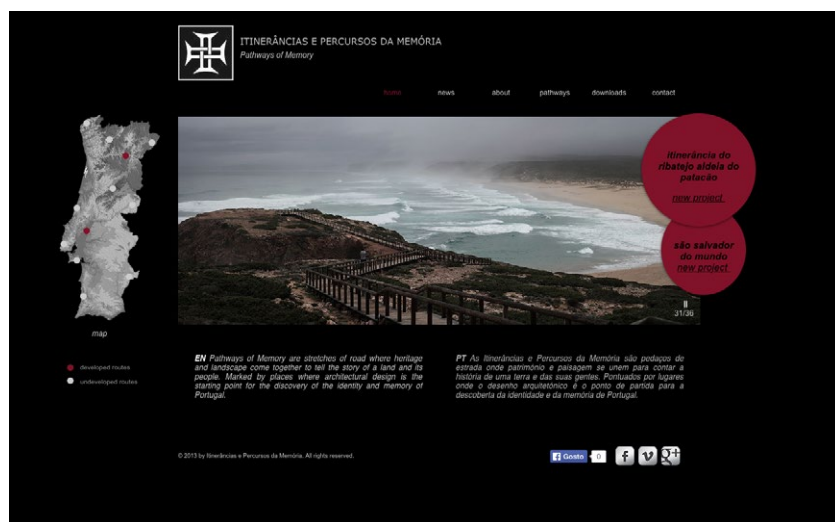


FIGURA 36. WWW.PERCURSOSDAMEMORIA.COM

IMAGEM: Itinerâncias e Percursos da Memória - Consultado em Maio de 2014. Disponível em <http://www.percursosdamemoria.com/>

## 5.2 ITINERÂNCIAS E PERCURSOS DA MEMÓRIA

O Trabalho Final de Mestrado de Mariana Calvete<sup>31</sup>, defendido em 2013, é contudo o trabalho que melhor se relaciona, e que mais denominadores em comum tem, à face dos *Itinerários pelo Património Esquecido*.

Depois de clarificar a urgência na implementação das itinerâncias por Portugal, fazendo a ponte com o projecto de escala nacional norueguês, e de discutir e clarificar as motivações que a levaram a propor esta ideia — à luz da procura por uma identidade nacional — Mariana apresenta a sua proposta. Prende-se em diversos momentos, como a continuidade, o acto de demorar-se, os espaços entre, o inspirar, o recuperar, o viajante e os actores locais.

Defende a importância do viajante fazer um desvio, para evitar as auto-estradas, fazer um intervalo, demorar-se, olhar e compreender a sua envolvente. Defende também a importância em conversar com os actores locais e observá-los como utensílio fundamental para a compreensão da identidade de um lugar e das componentes da sua paisagem. E propõe acima de tudo isto, como complemento às políticas de reabilitação que se têm imposto por Portugal, reutilizar a quantidade, quase infindável, de património em mau estado, e abandonado, que a história do país deixou.

Mariana viaja pelo país, pelos caminhos de Orlando Ribeiro, José Mattoso, Duarte Belo e do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa nos anos 50, buscando a identidade nacional sem perseguir apenas o monumental, fugindo muitas vezes aos percursos óbvios, tal como os outros o teriam feito anteriormente. Depois apresenta quatro diferentes categorias geográficas em que se apoiou para delinear os itinerários que propõe, (*figura 35*) associada a uma forte estratégia de comunicação, com destaque para o *website*. (*figura 36*)

Depois de identificar doze propostas potenciais de desenvolvimento de itinerários, Mariana opta pela definição mais precisa de uma delas — a *Itinerância do Douro Ignoto* — a título de exemplo do que poderá ser feito nas restantes. Apresenta a vasta história do rio Douro, em grande parte associada ao cultivo da vinha e outras árvores de fruto, e à exportação do vinho, e portanto explora a importância deste Rio no desenvolvimento económico do país. Subdivide o itinerário escolhido em quatro partes, representativas de intervenções ao longo do eixo principal, e projecta uma série de pontos de paragem acompanhados de um conteúdo programático coerente e transversal.

---

31 PEREIRA, Mariana Calvete - Itinerâncias e Percursos da Memória. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2013

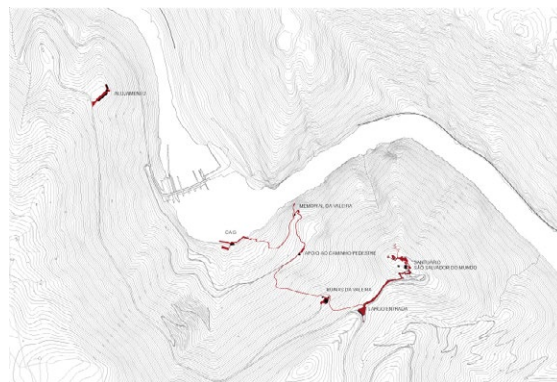


FIGURA 37. MAPA DE SÃO SALVADOR DO MUNDO

IMAGEM: Elaborado por Mariana Calvete

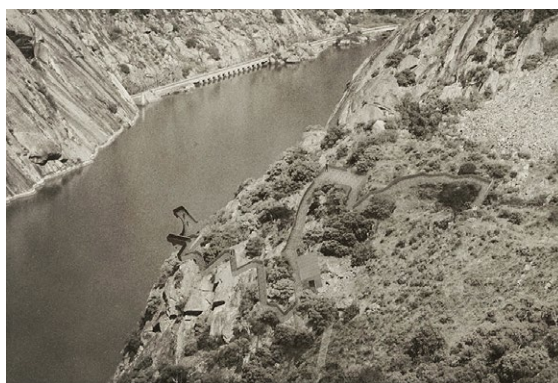


FIGURA 38. MEMORIAL DA VALEIRA

IMAGEM: Elaborado por Mariana Calvete



FIGURA 39. QUINTA DA VALEIRA

IMAGEM: Elaborado por Mariana Calvete



FIGURA 40. MAPA DA ALDEIA DO PATACÃO

IMAGEM: Elaborado por Bjarte Stav



Por fim, mais uma vez como forma fortalecer a sua proposta, desenvolve em maior detalhe o percurso de São Salvador do Mundo, onde apresenta cinco diferentes intervenções. (*figura 37*)

A presença de um santuário no local é o mote de desenho daquele conjunto, localizado ao longo de uma escarpada encosta que termina no Rio Douro. A primeira intervenção desenha um espaço de chegada com importantes infraestruturas de apoio, e é o edifício principal que detém a gestão dos outros quatro pontos. Desenha um percurso pedonal, que aí se inicia, e percorre o santuário.

Para além deste, outro percurso faz a ligação de cota, entre aquele ponto mais alto, e o rio, que termina no desenho de um novo cais. No caminho a meia encosta, dois outros projectos foram propostos, o Memorial da Valeira — uma plataforma que observa também a paisagem duriense (*figura 38*) — e a reabilitação da Quinta da Valeira, que propõe a sua reutilização como espaço de alojamento de longa duração. (*figura 39*) E por fim, o último projecto, um pouco mais convencional, que propõe, num local mais distante dos outros, estadia de curta duração.

Mais recentemente já no ano de 2014, outra das suas rotas propostas foi desenvolvida por Bjarte Stav. Também como Trabalho Final de Mestrado, o norueguês Bjarte, que trabalhou em Portugal na construção da proposta geral com Mariana, propõe desenhar a *Itinerância do Ribatejo*. (*figura 40*)

Seguindo uma lógica semelhante, desenha um itinerário que prevê, ao longo do estuário do Tejo ribatejano, quatro pontos principais de intervenção. E escolhe também, um desses pontos para apresentar com maior detalhe: a Aldeia do Patacão.

*Um percurso que volta a ligar a aldeia com o rio Tejo, retomando os antigos percursos diários dos pescadores. Ao longo do percurso, que será parcialmente no dique existente e o restante em novas estruturas, são desenhados pontos de paragem para informar o visitante sobre os Avieiros e a sua cultura.<sup>32</sup>*

Na aldeia projectam-se três principais pontos de paragem. O primeiro, o momento de chegada, com o complemento de centro interpretativo, foi fundamental para clarificar a instalação das construções de paliçadas, feitas pelos pescadores da zona de Vieira de

---

32 Itinerâncias e Percursos da Memória - Consultado em Maio de 2014. Disponível em <http://www.percursosdamemoria.com/>



FIGURA 41. CENTRO INTERPRETATIVO

IMAGEM: Elaborado por Bjarte Stav



FIGURA 42. DOCA

IMAGEM: Elaborado por Bjarte Stav



Leiria, os Avieiros. (*figura 41*)

A segunda intervenção é o desenho de uma doca, que conta com uma zona de lazer e cafetaria, com possibilidade de aluguer de canoas e outros pequenos barcos, e por fim, um projecto de alojamento, que prevê que esses espaços sejam alugados, à semelhança do que os Avieiros faziam durante o Verão. (*figura 42*)

A Paisagem Cultural, é em grande parte o motor de desenho destes dois projectos. A imagem de uma paisagem típica e tradicional, e o desenho de propostas que actuam junto dela, são o grande contributo para o imaginário da identidade portuguesa. No entanto, pela intenção com que se olha para o país e o seu legado, e pela forma como, na disciplina de arquitectura, se actua junto dele, as *Itinerâncias e Percursos da Memória* são um grande ponto de referência que se deve ter presente no decorrer da proposta das *Memórias do Aqueduto*, que se apresenta de seguida.



FIGURA 43. O BERÇO DO AQUEDUTO

Mães de Água Nova (à esquerda) e Velha (à direita), em Belas, à margem da ribeira de Carenque.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria



FIGURA 44. PONTES DA QUINTÃ

Momento, nos terrenos do Casal da Quintã, onde o Aqueduto cruza com a ribeira de Carenque.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria

## 6 ITINERÁRIOS DO PATRIMÓNIO ESQUECIDO

A proposta que agora se apresenta, é o resultado de uma reflexão crítica e prepositiva que parte do trabalho dos autores atrás referidos. Com um novo olhar crítico sobre o património português, impulsionado pelas bases que sustentaram o trabalho das *Itinerâncias e Percursos da Memória*, pretende introduzir-se os *Itinerários do Património Esquecido*.

Com o propósito de incorporar a (re)descoberta de, mais que uma cultura portuguesa, uma tradição do projectar sob forma de uma nova (antiga) visão, transforma-se essa identidade em argumento de projecto. Os *Itinerários do Património Esquecido*, assentam sobretudo no tema do património abandonado. Os espaços entre os grandes centros são os mais afectados, e o crescimento económico, em especial junto das grandes cidades, entra em conflito com o pouco que de histórico ainda resta e está prestes a ser apagado.

### 6.1 O PAPEL DO ARQUITECTO

*Todo o homem cria formas, todo o homem organiza o espaço e se as formas são condicionadas pela circunstância, elas criam igualmente circunstância, ou ainda, a organização do espaço sendo condicionada é também condicionante.*<sup>33</sup>

A história da cultura portuguesa e do país não se conta apenas através dos grandes monumentos e centros históricos. Toda a Península Ibérica foi pontuada aos longo de milhares de anos — e muito antes de se instalarem os reinados — por inúmeras manifestações do ser humano. Isto significa que a herança de um povo, transversal ao patriotismo da sua nação, está representada por todo o seu território de igual forma, e não apenas nos seus centros históricos.

---

33 TÁVORA, Fernando - Da organização do espaço. 8ª. ed. Porto : ESBAP, 1982 p. 73.



FIGURA 45. TERRITÓRIO PONTUADO  
Clarabóias do Aqueduto do Olival Santíssimo, em Caneças, Odivelas.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria



FIGURA 46. QUINTA EM CARENQUE  
Património devoluto nas margens da ribeira de Carenque.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria

O património abandonado é o principal motor deste trabalho, e as propostas dos *Itinerários pelo Património Esquecido* são delineadas sobre os traços de um país a braços com uma crise, e enfrentando o fantasma de um futuro virtual, na certeza que não foram apenas as terras do interior que se foram despovoando, através da desfacetação das actividades agrícolas, mas também as terras do interior da faixa litorânea, onde se concentra a maioria da população: ou seja, a desertificação de partes inteiras de territórios que julgamos próximas por estarem às portas da grande cidade mas que se encontram efectivamente longe e se tornam remotas, pelo simples facto de se encontrarem desprovidas de atractividade. O centro dos centros despovoou-se; as periferias dos centros densificam-se demograficamente: mas os territórios envolventes de urbanizações parcas, são *espaços-nenhuns*, *espaços-entre*, nos quais ninguém se revê. Pretende-se acima de tudo, tomar como basilares os fundamentos abaixo discriminados:

— Divulgar o património deixado pela história junto das populações, para que se cuide do que é de todos, e que todos tenham um sentimento de pertença pelo património e nele identifiquem as suas raízes, a sua cultura.

— Convidar a viajar por Portugal, a conhecer ou a relembrar a história do país, através da cultura da itinerância, da passagem atenta, fugindo às vias rápidas e incentivando as paragens, tornando o ritmo da passagem mais lento.

— Reabilitar, restaurar e conservar o património em mau estado, promovendo novos centros, e rejuvenescendo memórias perdidas.

— Ter em conta o desenho de arquitectura, num país onde as condições económicas vão dispensando, naturalmente, cada vez mais o aumento da construção. É importante que — à semelhança do que foi iniciado nos anos 50 com o Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa — os jovens arquitectos do século XXI olhem também para o património português e partam à descoberta do território de hoje e não do de ontem — que não se recuperará. Que procurem o que remanesce de poderes evocativos, com as contradições inerentes a uma cultura hiper-moderna, reencontrando uma vitalidade pré-moderna sem quaisquer concessões ao saudosismo — procurando antes uma latência poética no que existe, e como a exponenciar.

Sem se esgotar o tema do abandono patrimonial, onde o desenho de arquitectura se deve apoiar, pretende condensar-se toda uma cultura num itinerário único, evitando a dissolução em rotas temáticas onde não se prevê um cruzamento, reforçando para isso uma coesão indissociável representativa de uma única identidade.





FIGURA 47. MAPA DAS ESTRADAS ANTIGAS

Mapa do século XIX. A vermelho as principais ligações à cidade de Lisboa, a preto o Aqueduto.

IMAGEM: BEAUVOISIN, Calmete - Plan de Lisbonne son port, ses rades et ses environs avec une petite carte routière du Portugal



FIGURA 48. MAPA DAS GALERIAS EM LISBOA

Pode concluir-se da leitura da imagem, e com o que se conhece hoje de Lisboa, que o crescimento mais nobre da cidade implantou-se nas colinas a ocidente, ao contrário das colinas a oriente.

IMAGEM: D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990. vol. 2, p. 275



## 6.2 O PONTO DE PARTIDA

Este projecto teve como ponto de partida uma ideia inicial na qual se questionava a forma como a cidade de Lisboa cresceu. Normalmente indaga-se sobre de que forma esse processo ocorreu, e formalmente, qualquer interessado por esse tema consegue construir uma narrativa que conte essa história. No entanto, o que interessava saber era como as populações pré-modernas, começaram a delinear sobre o seu território caminhos, que uniam as suas cidades. Uma tarefa relativamente simples e amplamente catalogada, mas que teve um impacto fundamental no estabelecimento das populações que os vieram substituir. Ao longo dos anos esses traços sobre a paisagem, com intenções de se multiplicar, foram os principais eixos estruturantes do desenvolvimento das cidades medievais, e só no século XIX, com o aparecimento das linhas de caminho de ferro e os novos planos do urbanismo, esse conceito começou a alterar-se — ainda que construídos paralelamente.

De que modo esse crescimento, no caso lisboeta, foi afectado pelos eixos principais, que fizeram por muitos séculos a ligação entre Lisboa e as cidades ou vilas mais próximas — Cascais, Sintra, Oeiras, Belas, Queluz, Belém, Mafra, Santo Antão do Tojal, Sacavém, etc.? Muitas dessas ruas — ou melhor, vias, caminhos, artérias — ainda hoje são, em parte, perceptíveis na malha da cidade actual. Alguns exemplos são o caso da Rua das Janelas Verdes, antiga Estrada de Belém, ou a Rua das Portas de Santo Antão, que se unia à Estrada de Benfica, ou a Rua Direita dos Anjos, que se orientava no sentido de Sacavém. Mas, de alguma forma, a cidade moderna começou a alterar esse processo, e as necessidades em que assentou o aparecimento do urbanismo, como já foi referido, resultaram, no caso dos exemplos aqui referidos, na construção da Avenida 24 de Julho, na Avenida da Liberdade, e na Avenida Almirante Reis (anterior D. Amélia) num processo de reforma urbanística, apelidado de plano das Avenidas Novas, iniciado por Ressano Garcia Lamas.

No seio destas questões, surgiu a importância do valor cultural que estas rotas antigas transportam, enquanto meras infraestruturas, que acabaram por desempenhar um papel decisivo no crescimento da cidade e implantação de novos centros suburbanos. No entanto, houve ainda outra infraestrutura que finalizou a composição do quadro de Lisboa — o Aqueduto das Águas Livres. (*figura 47*)

O Aqueduto de Lisboa, embora possa ter sido delineado sobre o trajecto de um aqueduto romano, foi apenas construído no decorrer do século XVIII, não tendo tido qualquer influência no crescimento da cidade pré-setecentista, mas sim a partir daí. (*figura 48*)

### Aqueduto das Águas Livres e seus ramais

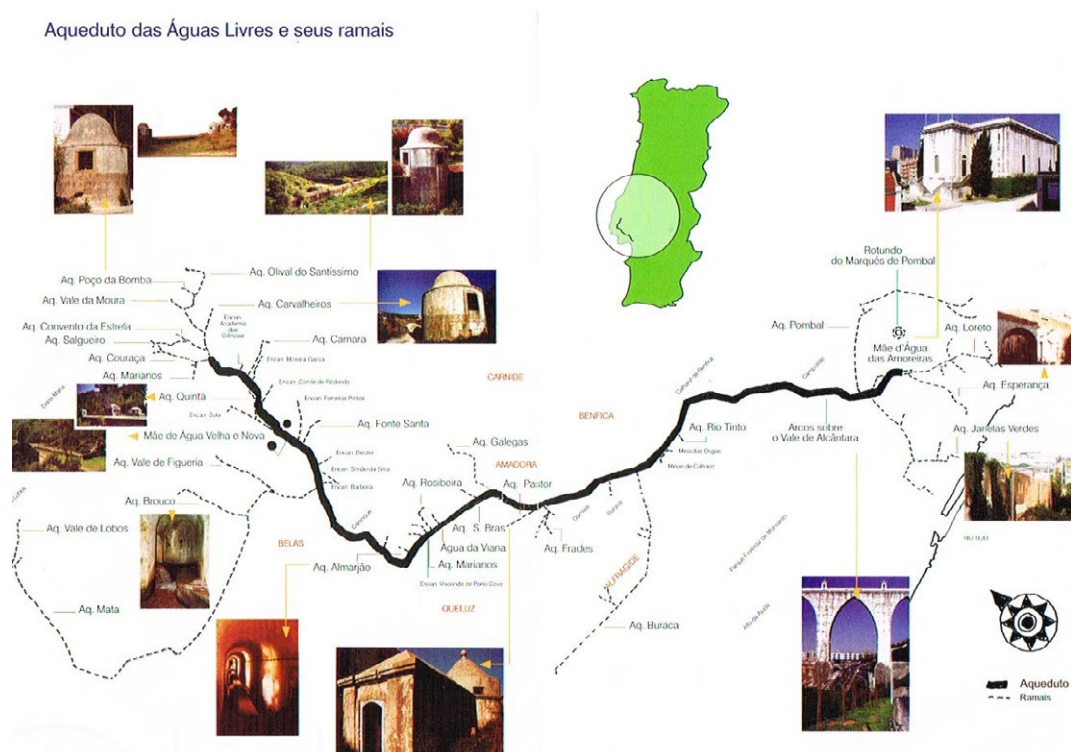


FIGURA 49. O AQUEDUTO E OS SEUS RAMAIS

Nesta imagem estão identificados todos os nomes dos aquedutos que compõem o traçado total do Aqueduto das Águas Livres.

IMAGEM: Guia do Museu da Água

### 6.3 PORQUÊ O AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES?

Não restou qualquer dúvida quanto à escolha do Aqueduto como base de trabalho, em comparação com as estradas referidas. Em suma, o Aqueduto é uma *estrada*. Mas mais que uma estrada, é uma estrada de água. A matéria a explorar encaixa por si só na estrutura de um aqueduto, e o Aqueduto das Águas Livres, com a sua carga cultural, detém uma qualidade e excepcionalidade tanto no seu desenho, como na sua história e no impacto que tem para a cidade e para a cultura desta região.

O Aqueduto, como mote de desenho de um itinerário, é em primeiro lugar o património que se pretende destacar. O seu carácter, quando comparado com a maioria dos monumentos classificados em Portugal, não se extingue num único ponto. Para além de diversos focos de interesse, o Aqueduto é ele próprio uma linha contínua de Património Nacional, que se estende ao longo de cinquenta e oito quilómetros. O que faz, aliás, do Aqueduto — deste e de todos os outros — um caso de valia, é precisamente a sua extensão paisagística, a sua configuração ramificada. É um desafio, porque o Aqueduto é, bem entendendo, formado pela sua extensão física — em conjunto com a sua materialidade — por vezes monumental, outras vezes discreta, inaparente, ou moderadamente pontuando a paisagem: e é a paisagem ela mesma.

### 6.4 ESTRATÉGIA SOBRE 58 KM

O traçado total do Aqueduto está actualmente implantado sobre cinco concelhos da Grande Lisboa, sendo constituído por três principais membros — os aquedutos subsidiários, o Aqueduto Geral, e os aquedutos emissários.

O Aqueduto Geral, traçado principal que liga a Mãe de Água Velha e a Mãe de Água das Amoreiras com cerca de catorze quilómetros, é a principal conduta que transporta a água das nascentes para o centro da cidade. Os aquedutos subsidiários captam águas de nascentes nas imediações do Aqueduto Geral, conduzindo-as até ele e reforçando o seu caudal. São exemplos os aquedutos da Mata, das Francesas e do Olival do Santíssimo. Por seu turno, os aquedutos emissários repartem o caudal trazido até à cidade pelo Aqueduto Geral, distribuindo-o pelos seus chafarizes. As galerias que serviam este propósito eram as de Sant'Ana, das Necessidades, do Loreto e da Esperança. (*figura 49*)

Esta divisão facilitou a estruturação e o desenho das oito propostas de itinerários, a apresentar de seguida.

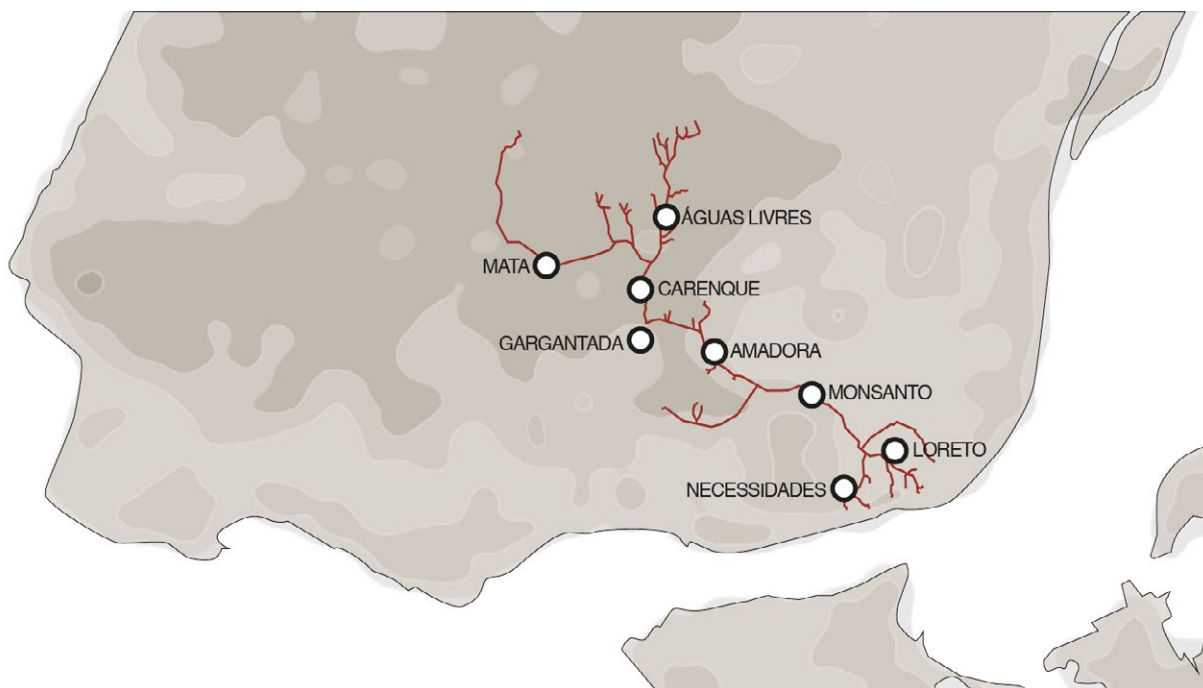


FIGURA 50. OITO ITINERÁRIOS

Os Itinerários do Património Esquecido e a linha do traçado geral do Aqueduto das Águas Livres, na zona metropolitana de Lisboa.

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria

## 6.5 MEMÓRIAS DO AQUEDUTO

As *Memórias do Aqueduto* são apresentadas através de oito propostas de diferentes itinerários. (figura 50) Para melhor compreensão, aconselha-se a leitura do volume em anexo — *Revista do Aqueduto*.

Duas propostas recaem sobre o centro da cidade, o *Itinerário do Loreto* (revista p.16) e o *Itinerário das Necessidades*, (revista p.8) que tal como o nome indica, propõem a redescoberta daqueles dois aquedutos emissários que, geralmente subterrâneos, passam despercebidos sob os pés dos transeuntes.

São propostos três outros percursos que seguem o traçado do Aqueduto Geral — o *Itinerário do Monsanto*, o *Itinerário da Amadora* e o *Itinerário de Carenque*. Estes três, com um carácter menos turístico, sugerem maior visibilidade do Aqueduto na zona suburbana de Lisboa. Para isso, admite-se a prática desportiva e de circuitos controlados, ou alternâncias pedonais devidamente perfiladas e preparadas, como principal pretexto de intervenção do *Itinerário do Monsanto*, (revista p.18) intensificando a visibilidade do monumento naquele parque. No âmbito da educação, apresenta-se o *Itinerário da Amadora*, (revista p.20) como projecto de infraestruturas de apoio e de restauro, a fim de retomar as visitas escolares ao interior do Aqueduto Geral, de São Brás e das Galegas. E no tema da história, o *Itinerário de Carenque*, (revista p.34) realça o período do Megalitismo e a presença de monumentos deste tempo naquele sítio, mas também as famosas pegadas de dinossauros, e os vestígios do Aqueduto Romano de Olisipo.

O *Itinerário da Mata*, (revista p.22) é único por percorrer um dos aquedutos subsidiários, o seu homónimo, projectando ainda intervenções no contexto palaciano da zona de Belas, e assinalando a gastronomia tradicional. O *Itinerário da Gargantada*, (revista p.30) embora não percorra nenhum trajecto pelo Aqueduto das Águas Livres propriamente dito, passeia pelo Aqueduto da Gargantada, uma das galerias mais importantes que alimentava os jardins do Palácio de Queluz.

Por último, o *Itinerário das Águas Livres*, (revista p.40) afirma-se pela redescoberta do berço da magnífica construção que alimentou a cidade de Lisboa, e que foi baptizada pela quinta onde nascem as suas águas. Neste, o ênfase recai sobre a história do Aqueduto, que remonta ao período romano, explorando os momentos em que a reescrita do território se procurou fazer em contexto renascentista — com Francisco de Holanda — e efectivamente se fez já em contexto Iluminista, acompanhando a região saloia, hoje enfrentando estranhas apropriações, que nem cidade, nem aldeia são.

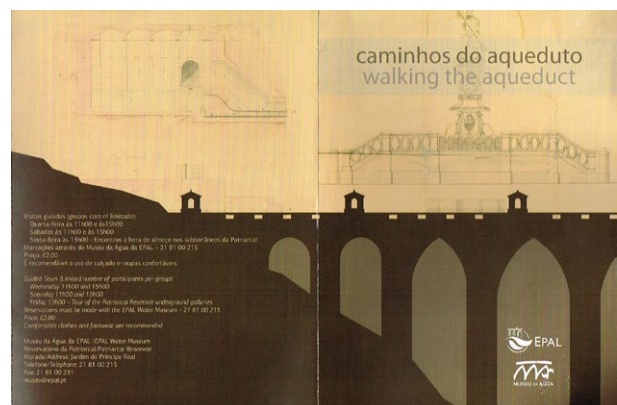


FIGURA 51. CAPA DO PANFLETO

IMAGEM: Panfleto Caminhos do Aqueduto

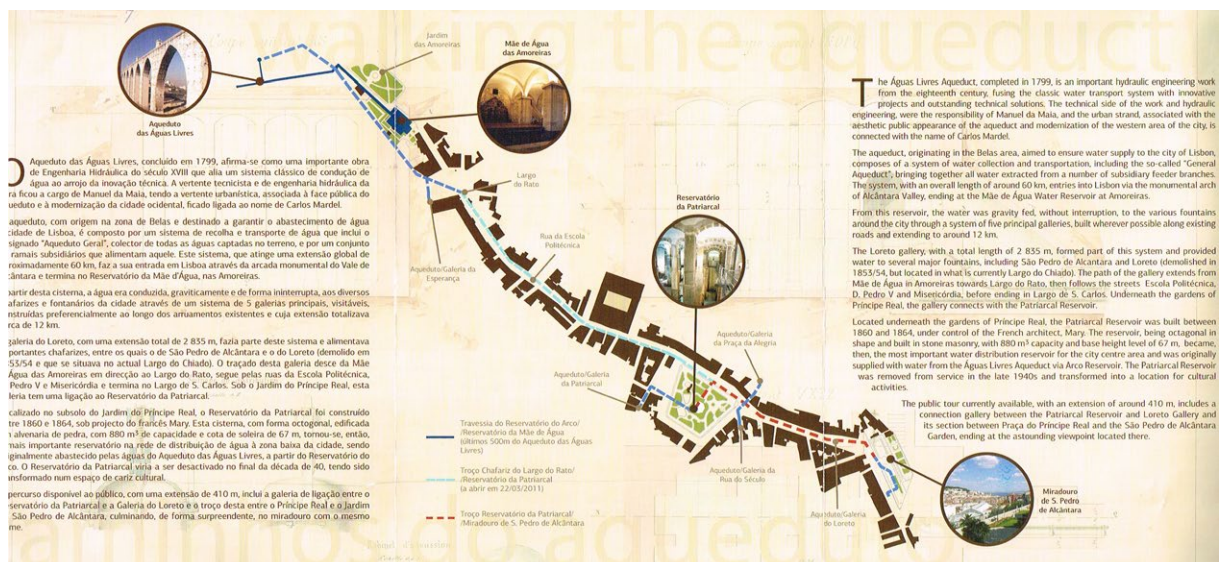


FIGURA 52. CAMINHOS DO AQUEDUTO

Neste panfleto pode ler-se um pouco da história do Aqueduto das Águas Livres, e a partir da leitura do mapa, percorrer à superfície o trajecto da Galeria do Loreto. São também assinalados três pontos principais — a Mãe de Água das Amoreiras, o Reservatório da Patriarcal e o Miradouro de São Pedro de Alcântara.

IMAGEM: Panfleto Caminhos do Aqueduto



## 7 PROJECTOS COM O AQUEDUTO

Os *Itinerários do Património Esquecido* não são inéditos como proposta de percorrer o Aqueduto. Outros projectos foram já feitos, tanto no campo turístico, científico, educativo como desportivo. No entanto, nesses casos, as visitas fizeram-se literalmente pelo trajecto *normal* do Aqueduto, e a história a elas ligada encerrava-se substancialmente dentro de um mesmo tema.

Os trabalhos dos alunos do quarto ano da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, no contexto da disciplina de Conservação Restauro e Reabilitação do lectivo de 2013/2014, foram também importantes na construção da narrativa teórica que fundamenta este trabalho. A conclusão dos trabalhos dos alunos é um contributo que deve ser considerado, porquanto reforça a pertinência da ambição em que as *Memórias do Aqueduto* se projectam.

Pretende concluir-se, deste modo, a apresentação dos quadros de referência que mais se relacionam com este trabalho, complementando o que tem sido feito com o Aqueduto das Águas Livres.

### 7.1 PERCURSOS PELO AQUEDUTO

Actualmente o Museu da Água está dividido, como já referido, entre a Mãe de Água das Amoreiras, os Grandes Arcos sobre o Vale de Alcântara, o Reservatório da Patriarcal, a que se acrescenta a Estação Elevatória dos Barbadinhos. Nos primeiros três é possível observar o interior das galerias onde corria a água, mas nem sempre é possível percorrê-las. No entanto, o Museu planeou um programa a que chamou *Caminhos do Aqueduto*. (figura 51)



FIGURA 53. A RAINHA REFRESCA-SE

IMAGEM: A Rainha Refresca-se. Consultado em Dezembro de 2014. Disponível em <http://www.guiadacidade.pt/pt/art/a-rainha-refresca-se-17366-11>.



**Museu Municipal de Arqueologia**  
 Câmara Municipal da Amadora



---

### PROGRAMA DE ACTIVIDADES—SETEMBRO 2011

**17 de Agosto a 3 de Setembro**

**Trabalhos arqueológicos**

O Museu Municipal de Arqueologia encontra-se a realizar, desde o dia 17 de Agosto, sondagens arqueológicas no sítio do *Moinho da Atalaia Este (Damaia)*.

Esta intervenção pretende esclarecer o local preciso da ocupação humana que se deu durante a Idade do Bronze e a Idade do Ferro neste local. Contou com a colaboração de voluntários da ARQA.

**17 de Setembro (Sábado)**

**Visita pedestre guiada ao Património Local**

- . Mãe de Água de São Brás;
- . Villa romana da Quinta da Bolacha;
- . Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira.

**Horário:** 14.30h  
**Local:** Núcleo Museográfico do Casal da Falagueira  
**Necessita inscrição prévia** para o nº 21 436 90 90.  
**Actividade gratuita**  
 Com o apoio do Museu da Água da EPAL

Sábado 17 de Setembro



Peça em destaque entre Julho e Setembro. Venha conhecê-la!

**Não Perca!**

Visite a Exposição "As primeiras Escolas da Amadora".

Museu em Acção: Ateliers temáticos e visitas guiadas ao Município para grupos organizados, de 2ª a 5ª, mediante marcação prévia. Marcações já disponíveis!

Para mais informações ligue: 21 436 90 90.

---

**30 de Setembro**

**Exposição**

**"Aquaduto das Águas Livres"**

No âmbito da colaboração do DEDS/DIC/Museu Municipal de Arqueologia com o projecto Zambujal Melhor foi organizada uma exposição, cuja temática se centra no Aqueduto das Águas Livres, monumento que marca o território do Bairro do Zambujal.

Neste âmbito realizar-se-á uma visita guiada ao interior do Aqueduto das Francesas, subsidiário do Aqueduto Geral.

**Horário:** 14.30h (visita); 16.00h (exposição)  
**Local:** Espaço Oportunidade 1  
 Bairro do Zambujal



**EXPOSIÇÃO**  
 Aqueduto das Águas Livres

**ESPAÇO OPORTUNIDADE 1**  
 30 de Setembro a 30 de Dezembro

Para remover o seu nome da nossa lista de correio, [clique aqui](#).

Perguntas ou comentários? Envie-nos uma mensagem de correio electrónico para [museu.arqueologia@cm-amadora.pt](mailto:museu.arqueologia@cm-amadora.pt) ou ligue para 21 436 90 90

FIGURA 54. VISITAS COM AS CRIANÇAS

IMAGEM: Programa de Actividades - Setembro 2011. Museu Municipal de Arqueologia, Câmara Municipal da Amadora. Agosto, 2011

O Reservatório da Patriarcal, inferior ao Jardim do Príncipe Real, está aberto ao público diariamente e a EPAL permite ainda organizar semanalmente visitas guiadas pelo interior da Galeria do Loreto, que terminam no Miradouro de São Pedro de Alcântara.

O Museu da Água organizou também uma série de visitas temáticas pelo traçado geral do Aqueduto. Tal como Margarida Ruas comunicou,<sup>34</sup> aconteceram cinco visitas com o tema da água, e quatro delas foram pelo Aqueduto. A primeira, *A Rainha Refresca-se, fazendo jus a um amor profundo que a Rainha Dona Carlota Joaquina tinha pelo Aqueduto*<sup>35</sup>, (figura 53) iniciava-se nas nascentes em Belas, e parava noutros momentos importantes do trajecto principal, havendo lugar a encenações com rigor histórico. A segunda visita, o *Geo-Aqueduto*, organizada em parceria com a Faculdade de Ciências de Lisboa, examinava a componente sismológica e geológica. O *Passeio Pedestre — do Aqueduto ao Palácio dos Marquesses da Fronteira*, outra das visitas organizadas, retratava o *Saloio* que fazia a travessia pelo troço do Vale de Alcântara. E por fim os *Caminhos da Luz*, uma iniciativa com invisuais que percorreram o interior das galerias.

O Núcleo Municipal de Arqueologia da Amadora, organizou também uma série de visitas guiadas com crianças, pelo interior do Aqueduto de São Brás. Este aqueduto subsidiário, localizado actualmente no concelho da Amadora, já foi, em conjunto com os espaços exteriores, alvo de restauro, por se localizar junto de uma ribeira e representar hoje um importante parque urbano. Durante as visitas, as crianças mostram-se entusiasmadas pela escuridão do percurso e por terem de levar consigo lanternas, enquanto a arqueóloga e professora, vê esta experiência como fundamental para a sensibilização dos mais novos em relação ao património da sua terra.<sup>36</sup> (figura 54)

A equipa da Divisão de Informação Geográfica da Amadora, no sentido de catalogar e cartografar correctamente um estado actualizado de todas as galerias, encanamentos e aquedutos do conjunto do traçado geral do Aqueduto das Águas Livres, realizou também algumas visitas no ano de 2009.<sup>37</sup> Embora não tenham sido abertas ao público, revelam a preocupação da instituição com a presença do património e o interesse na sua preservação.

Quanto ao desporto, são inúmeras as corridas com o tema água e que se estendem pelo

---

34 RUAS, Margarida - A água como elemento primordial de união. TEDxCascais, 19 Mar. 2012. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://tedxtalks.ted.com/video/TEDxCascais-Margarida-Ruas-A-gu;search%3Atag%3A%22tedxcascais%22>.

35 Idem, ibidem.

36 ENCARNAÇÃO, Gisela - Entrevista com a Câmara Municipal da Amadora, 4 Abr. 2014.

37 FERREIRA, Fernando - Entrevista com a Câmara Municipal da Amadora, 4 Abr. 2014.



FIGURA 55. PELO CAMINHO DA CORRIDA

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria

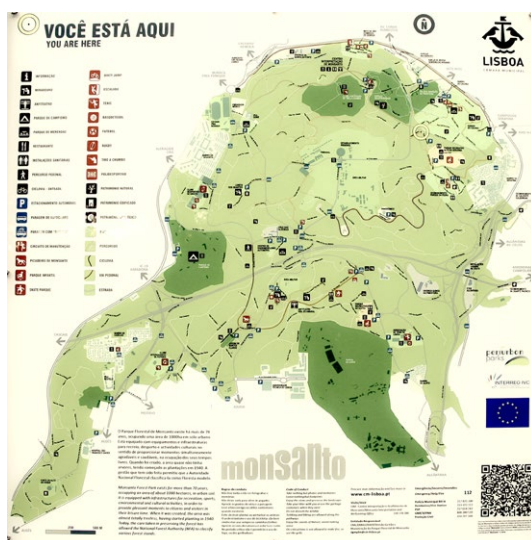


FIGURA 56. MAPA DE MONSANTO

Este é um dos mapas espalhados por todo o parque, e onde aparece também a pista do Aqueduto. Esta percorre quase na íntegra e à superfície o trajecto do Aqueduto, que embora enterrado, vai pontuando a sua presença com as tão características clarabóias/respiradores.

IMAGEM: Câmara Municipal de Lisboa

vasto traçado do Aqueduto. Por exemplo, a *Corrida da Água*, organizada desde 2011<sup>38</sup> e sempre com o apoio da EPAL, teve a sua quarta edição no dia 19 de Outubro de 2014. Esta competição completa um circuito de dez quilómetros em redor do Parque Florestal de Monsanto, e o trajecto delineado inclui o atravessamento do troço do Aqueduto sobre o Vale de Alcântara, sendo esse a principal atracção. (figura 55)

Ao longo dos últimos anos, a Câmara Municipal de Lisboa tem trabalhado em conjunto com outras entidades para que o Parque Florestal de Monsanto seja também um parque urbano e desenvolva cada vez mais actividades. À data, conta com um centro de interpretação, diferentes centros de actividades, zonas recreativas, desportivas, de merendas e de restauração. Por todo o parque foi colocada informação relevante e foram cartografados diferentes tipos de pistas. Estas foram delineadas sobre o território tendo em atenção o património existente, e o traçado geral do Aqueduto, que embora enterrado, foi também contemplado. (figura 56)

## 7.2 PROPOSTAS EM COMUM COM OS ITINERÁRIOS DO PATRIMÓNIO ESQUECIDO

No segundo semestre do ano lectivo de 2013/2014, na Faculdade de Arquitectura de Lisboa, foi lançado um exercício no contexto da disciplina de *Conservação, Restauro e Reabilitação* aos alunos do quarto ano do Mestrado Integrado em Arquitectura.

Coordenado pelo Orientador deste trabalho, o Professor José Aguiar, o exercício lançado tocou na íntegra os pontos propostos pelos *Itinerários do Património Esquecido*. No seguimento da apresentação de uma primeira fase das *Memórias do Aqueduto* — o *Itinerário das Necessidades*, a apresentar de seguida — foi sugerido aos alunos que formassem grupos de trabalho e, dada a duração do período de avaliação, ultrapassassem grandes questões de teoria ou problemas de grande escala. Seleccionando a priori um segmento de todo o traçado do Aqueduto das Águas Livres, este seria analisado através da sua projecção à superfície nos casos enterrados, e através de pontos de vista nas situações emergentes. Foram feitas análises das estruturas na envolvente, onde se destacou o valor patrimonial e histórico que caracterizava cada zona, sem se esgotar o tema do Aqueduto, e foram escolhidos diferentes locais favoráveis a intervenção.

Apresentar-se-ão agora três desses exemplos.

As propostas de requalificação e reabilitação da Galeria da Esperança, apresentadas

---

38 1ª Corrida da Água - (2 Out. 2011) Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://www.xistarca.pt/pt-PT/eventos.aspx?cntx=a90c9c2a-dac5-49ed-8f9d-158df6f466b9>.





FIGURA 57. FAUL. PROJECTO *GALE-  
RIA DA ESPERANÇA*

Projecto desenvolvido na disciplina de Conservação Restauro e Reabilitação, do ano lectivo 2013/2014, sob orientação do Professor José Aguiar.

IMAGEM: Elaborado por Inês Amaro, Mariana Pio e Vera Osório

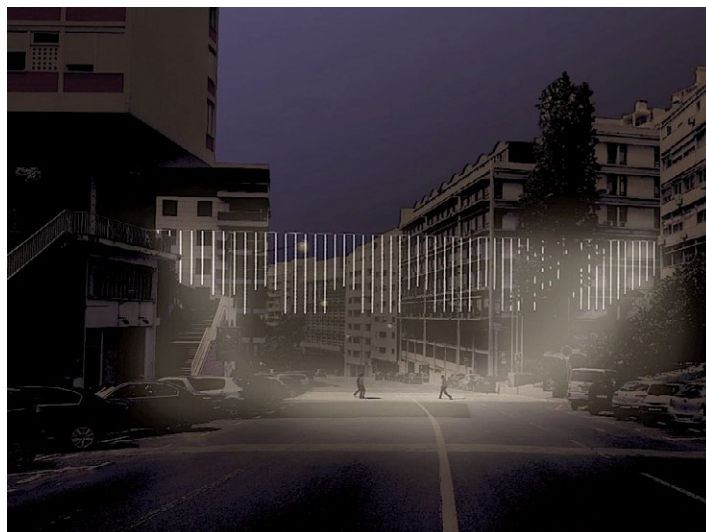


FIGURA 58. FAUL. PROJECTO *TORNAR VISÍVEL O INVISÍVEL*

Projecto desenvolvido na disciplina de Conservação Restauro e Reabilitação, do ano lectivo 2013/2014, sob orientação do Professor José Aguiar.

IMAGEM: Elaborado por Camille Fabre, Chiara Magnani e Sara Saraiva.



FIGURA 59. FAUL. PROJECTO *PASSAR O NÍVEL*

Projecto desenvolvido na disciplina de Conservação Restauro e Reabilitação, do ano lectivo 2013/2014, sob orientação do Professor José Aguiar.

IMAGEM: Elaborado por Ana Vazquez, João Veríssimo, Nuno Silva e Sebastian Hammerling.



por Inês Amaro, Mariana Pio e Vera Osório, mostraram que a memória desta galeria pode ser resgatada através de algumas intervenções ao longo da Rua de São Bento. Pode devolver-se a memória do Arco de São Bento, e do Chafariz da Esperança desenhados por Carlos Mardel, através de um novo desenho de pavimento que realce cada momento. Ao longo deste itinerário propôs-se ainda a reabilitação de um antigo palacete do início do século XX, junto de um chafariz na Rua do Arco de São Mamede. (*figura 57*)

Outra proposta, apresentada por Camille Fabre, Chiara Magnani e Sara Saraiva, apostava na requalificação de um troço da Galeria das Necessidades, e focou a lembrança da destruição dos arcos do Vale da Cova da Moura, aquando da construção da Avenida Infante Santo, em 1938. *Tornar Visível o Invisível*, como foi apelidado o trabalho, projectou uma instalação luminosa que, suspensa sobre a avenida, marca a posição e o desenho dos arcos, relembrando a tragédia operada pelo Estado Novo. (*figura 58*)

Por fim, a proposta de Ana Vazquez, João Veríssimo, Nuno Silva e Sebastian Hammerling, requalificou o percurso sobre o Aqueduto Geral desde a zona das Amoreiras até ao acesso aos Grandes Arcos sobre o Vale de Alcântara. Ao longo deste percurso propôs-se o desenho de um silo automóvel, que promete resolver o eterno problema de estacionamento existente, e ainda o desenho de um novo volume de entrada nos Grandes Arcos, que destaca a presença do Aqueduto e permite solucionar o controle de acessos ao monumento. (*figura 59*)



### III O PROJECTO

---

Nesta fase será apresentado o teor do Projecto Final de Mestrado. Conta-se com o projecto desenvolvido no ano lectivo de 2013/2014, como parte do processo, e para tal considera-se como um dos itinerários planeados por este trabalho o *Itinerário das Necessidades*.

No decorrer do ano em que se desenvolveu este trabalho, foi desenhado um projecto para o Vale da Ribeira de Carenque que localiza três dos percursos na sua envolvente, o *Itinerário da Gargantada*, de *Carenque*, e das *Águas Livres*. No entanto, sem se cair na tentação de ultrapassar as metas estipuladas, prosseguiu-se para o desenvolvimento detalhado de apenas um deles — o *Itinerário das Águas Livres*.

Ali, foi projectado um percurso que revisita sobretudo, memórias existentes do Séc. III, XVI e XVIII, e que vai à procura do que deu origem à construção daquela generosa obra.

*Para melhor compreensão deste capítulo, aconselha-se a leitura do volume em anexo — Revista do Aqueduto.*



FIGURA 60. UM AQUEDUTO NA TAPADA

Parte da Galeria das Necessidades que emerge do interior da Tapada das Necessidades.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria



FIGURA 61. PONTE DE ORIGEM MOURA

Nesta fotografia da maqueta de Lisboa, anterior ao Terramoto de 1755, é visível a ponte árabe que dava acesso à entrada mais ocidental da cidade de Lisboa. Também se entendem os limites da cerca e o Palácio das Necessidades.

IMAGEM: Museu da Cidade de Lisboa

## 8 ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES

O *Itinerário das Necessidades* foi a primeira proposta deste trabalho a ser desenvolvida. A disciplina de Laboratório de Projecto do quinto ano de 2013/2014 centrou-se, como tema de trabalho, na procura de estratégias de intervenção para a reabilitação do eixo da Rua das Janelas Verdes. Aqui surgiu a ideia de amarrar este trabalho, numa primeira fase, ao Projecto Final de Mestrado. O resultado merece também um lugar na defesa deste plano de itinerar o Aqueduto das Águas Livres e integra o conjunto dos oito itinerários propostos.

### 8.1 GALERIA DAS NECESSIDADES

O mais ocidental dos aquedutos emissários do Aqueduto das Águas Livres sob a cidade de Lisboa, é a Galeria das Necessidades. (*figura 48*) Com o seu início na zona das Amoreiras, antes do conjunto monumental do arquitecto Carlos Mardel, esta galeria subterrânea atravessa o bairro de Campo de Ourique, paralelo à Rua Ferreira Borges, à Rua Patrocínio e à Rua do Possolo, terminando na zona da Tapada das Necessidades, onde é celebrada a chegada das suas águas, numa fonte situada no actual miradouro em frente ao Palácio.

Foi a primeira galeria a ser construída na cidade,<sup>39</sup> e foi planeada para alimentar a zona das Necessidades e o ocidental da cidade no século XVIII — o Bairro de Nossa Senhora das Necessidades, e Alcântara. Importante ponto de entrada na cidade, a ponte árabe, que outrora atravessava a Ribeira de Alcântara (*figura 61*), fazia a ligação entre os principais eixos viários da frente do Rio Tejo, unindo Lisboa e o Ocidente através da Rua das Janelas Verdes e a Estrada de Belém — hoje com o nome de Rua da Junqueira. Este

---

39 FERRÃO, Leonor - Entrevista sobre o Palácio e a Tapada das Necessidades, 30 Out. 2013.



FIGURA 62. AQUEDUTO DAS NECESSIDADES

Projecto desenvolvido na disciplina de Laboratório de Projecto 6, do ano lectivo 2013/2014, sob orientação do Professor José Aguiar e Professor Pedro Pacheco. Sobreposição do recorte da zona do Aqueduto da cartografia de Filipe Folque, de meados do Séc. XIX, com a vista satélite do *Google Earth*, em 2013.

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria

trajecto foi um dos principais eixos de expansão da cidade, em particular a partir do século XVIII, onde desde então se instalaram inúmeros palacetes que ainda hoje resistem.

Esta galeria subdivide-se em 3 partes, já no interior da Tapada. Uma parte ladeia o jardim, condicente com a cerca, e termina em frente ao Palácio; outra para a alimentação do Convento da Congregação do Oratório, que ali esteve implantado anteriormente ao Palácio; e outra parte que termina no Largo das Janelas Verdes, atravessando o Bairro da Lapa e o Vale da Cova da Moura — actual Av. Infante Santo, já mencionada. (*figura 62*)



## 8.2 PALÁCIO DAS NECESSIDADES

Alcântara sempre foi um importante ponto comercial relacionado com a actividade Marítima e piscatória. No início do Séc. XVII, tal como reza a lenda,<sup>40</sup> construiu-se uma pequena capela dedicada à Nossa Senhora da Saúde, atribuída à protecção contra a violenta peste que se fez sentir na cidade de Lisboa nos vinte anos seguintes a 1580. A sua fixação em Alcântara teve o apoio de donativos de fiéis e de uma Irmandade de marítimos da carreira da Índia, que começou a designá-la de Virgem das Necessidades.

Tal como o seu pai (D. Pedro II), D. João V também era devoto daquela Virgem. Mandou construir em anexo à dita capela, *um convento para que uma ordem religiosa pudesse cuidar da capela e atender ao culto*.<sup>41</sup> Manda ainda construir junto dela um palácio, hoje conhecido como Palácio das Necessidades — um dos mais relevantes edifícios barrocos da Lisboa Joanina, de autoria desconhecida, ou pelo menos controversa — para que pudesse estar perto em caso de doença. Desde então foram sendo comprados os terrenos adjacentes ao convento, dando origem à cerca que ainda hoje se conhece.

Foi até meados do século XVIII, que a cerca conventual serviu para o cultivo hortícola e frutícola, tendo sido inclusive construído um moinho (que ainda hoje existe). Foram também captadas águas de nascentes no interior da cerca para utilização na rega, e ainda na alimentação do próprio convento. Em 1745, o Rei doa o edifício à Congregação do Oratório, que lhe acrescenta um hospício e uma academia, para que nele se dê início ao ensino das ciências e letras humanas. Dois anos mais tarde, chegado o Aqueduto das Águas Livres à zona do Rato — e dando-se início à construção da rede emissária, — conspirou-se que os padres do Oratório teriam conseguido uma diversão de duas telhas dessa água orientada para seu benefício, sob o pretexto de se tratar de uma fundação real.<sup>42</sup> O povo, revoltado, recorreu com um juiz ao Rei, ao Senado e à Junta de Administração das Águas Livres, e, temendo a revolta da plebe, D. João V, conhecido por ter uma relação de grande proximidade com os oratorianos,<sup>43</sup> acabou por mandar procurar novas nascentes.

O Aqueduto não foi construído com o intuito de alimentar particulares — entendam-se as cercas conventuais ou outras quintas. No entanto, neste caso não foi possível resistir à persistência do povo. O Rei prometeu, às suas custas, introduzir novas nascentes da

---

40 CORTE REAL, Manuel Henrique - O Palácio das Necessidades. Lisboa : Chaves Ferreira - Publicações, S.A., 1983

41 Idem, ibidem.

42 MOITA, Irisalva - D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990

43 FERRÃO, Leonor - Entrevista sobre o Palácio e a Tapada das Necessidades, 30 Out. 2013.

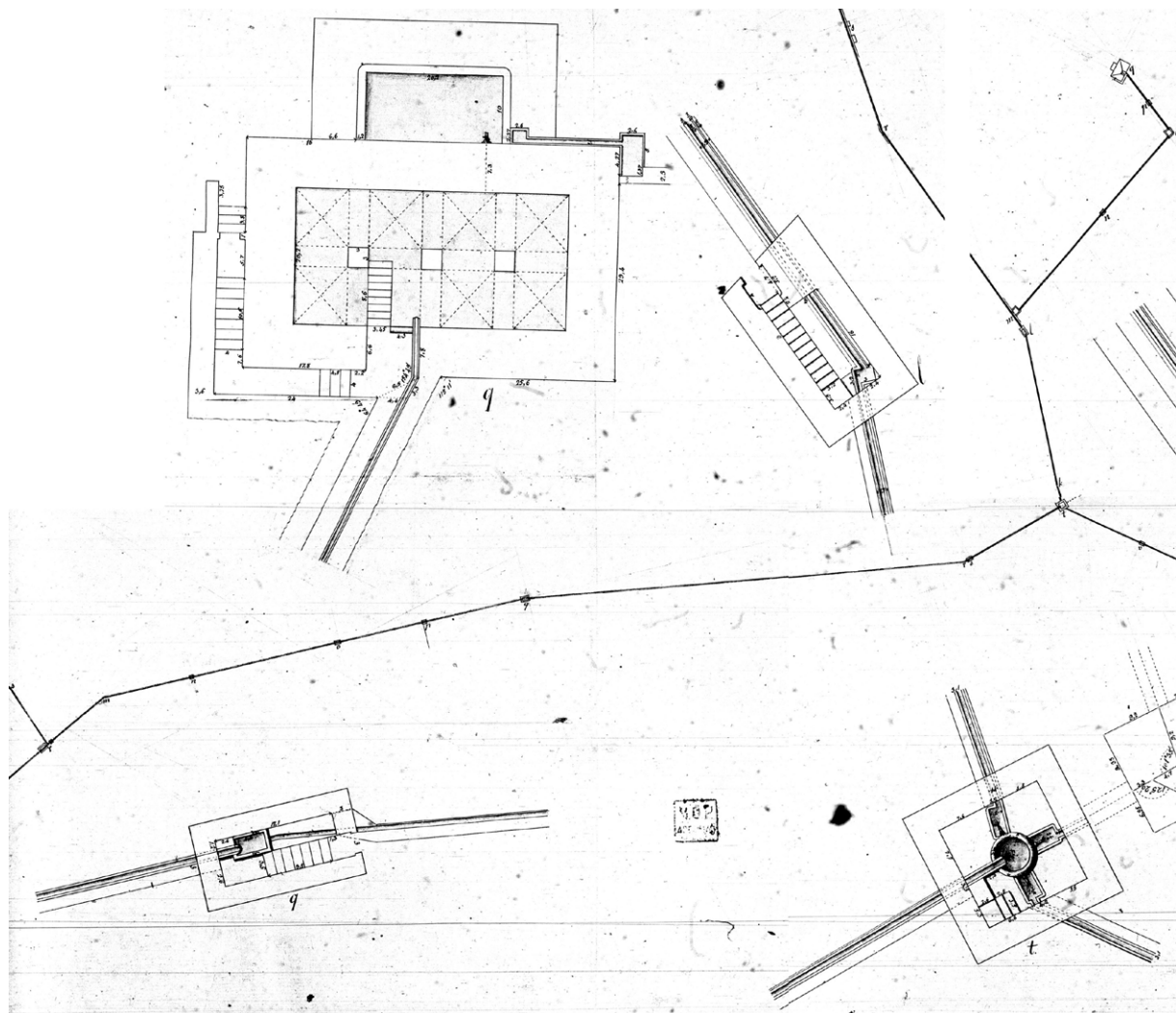
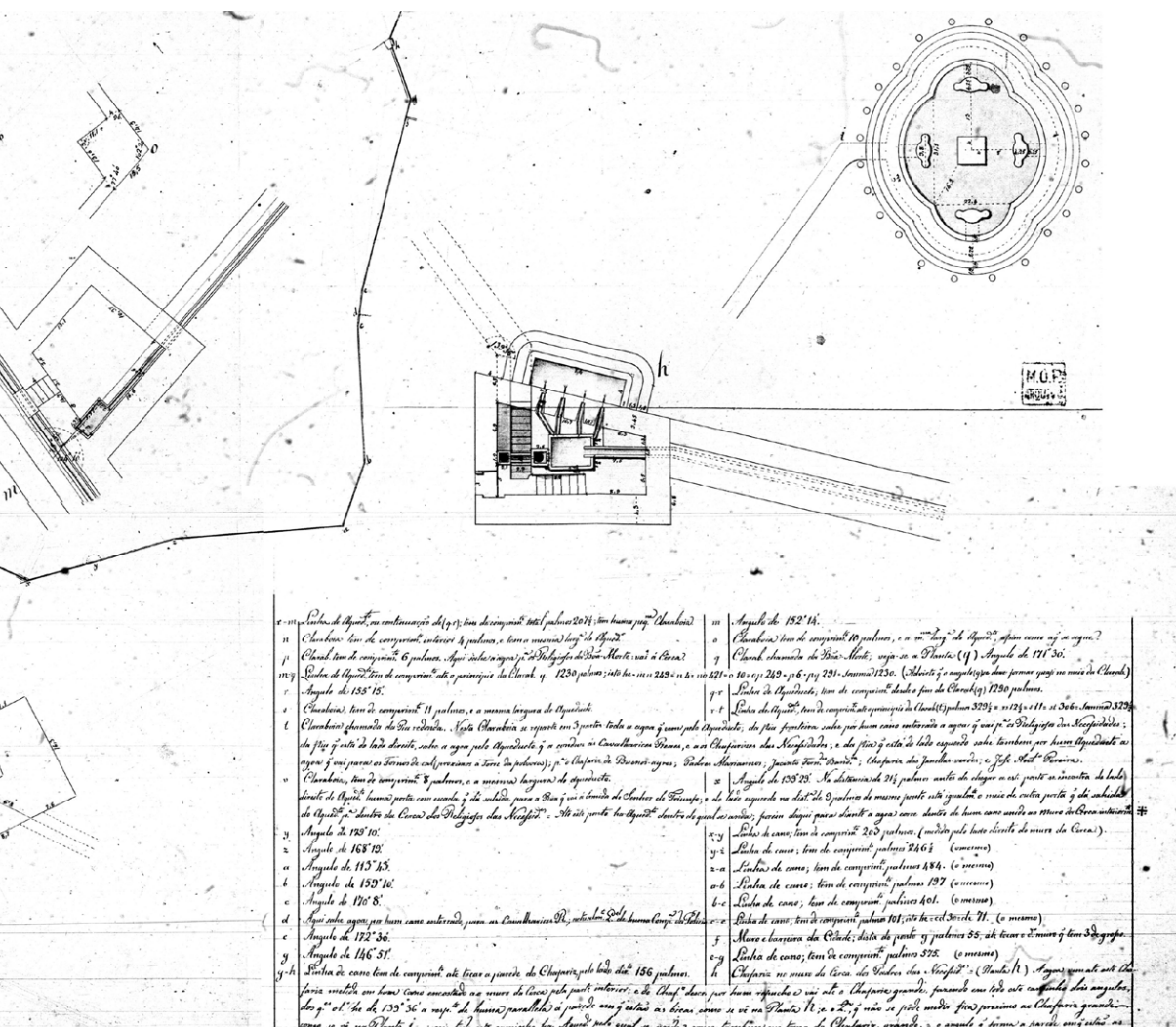


FIGURA 63. PLANTA DA GALERIA DAS NECESSIDADES

Princípio do Aqueduto que conduz a água do Aqueduto Geral, para o Chafariz do Campo de Ourique, e Chafariz da Estrela, Religiosas do Coração de Jesus, Religiosas da Boa-Morte, Cavalariças do Infante, Chafariz das Necessidades, Fornos de Cal, Chafariz de Buenos-Ayres, Religiosos Marianos, Bandeira, Chafariz das Janelas Verdes e José António Pereira.

IMAGEM: Planta e traçado do início do ramal do Aqueduto das Necessidades, 1861. Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas



zona da Damaia, no Aqueduto Geral, com caudal semelhante ao que fosse necessário para a alimentação do Convento dos Oratorianos, do Palácio Real, e do Bairro de Nossa Senhora das Necessidades. E, como se pode ver no levantamento da mãe de água do interior da Tapada, (*figura 63*) tal ligação acabou por ser feita. No entanto, não foi um acontecimento excepcional. Mais tarde, a Rainha D. Maria autoriza que quaisquer outros particulares interessados em alimentar-se da Água Livre, construam as condutas devidas para a tal ligação, sob a condição de devolver a água de nascentes que nos seus terrenos fossem encontradas. Determinação que se prolongou até ao Séc. XIX.<sup>44</sup>

A frequência de frades oratorianos dotou o convento de instrumentos que o tornaram no

44 MOITA, Irisalva - D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990



FIGURA 64. PLANO DE INTERVENÇÃO

1. Nova entrada na Tapada.
2. Redesenho do Miradouro.
3. Reabilitação de estruturas na Tapada.

Projecto desenvolvido na disciplina de Laboratório de Projecto 6, do ano lectivo 2013/2014, sob orientação do Professor José Aguiar e Professor Pedro Pacheco. Esc. 1/20000

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria



principal colégio da ordem do Oratório de Lisboa.<sup>45</sup> Pensa-se que essa frequência terá impulsionado a instalação da Academia das Ciências, resultando na construção de uma notável biblioteca que chegou a contar com cerca de 1500 volumes<sup>46</sup>, e também de um observatório astronómico na zona mais alta da cerca — transformado posteriormente na Casa de Regalo.

Em 1835, instala-se no Palácio das Necessidades D. Maria II, que manda arrancar os azulejos e o chão de laje e tijoleira, e manda também envidraçar as janelas. Começam grandes obras de ampliação do Palácio, com intenções de o transformar numa verdadeira residência Régia.

45 FERRÃO, Leonor - A real obra de Nossa Senhora das Necessidades. Lisboa : Quetzal, 1994.

46 CORTE REAL, Manuel Henrique - O Palácio das Necessidades. Lisboa : Chaves Ferreira - Publicações, S.A., 1983

A Implantação da República levou ao abandono do Palácio, que foi sendo esvaziado por largos anos, e onde, na década de 20 de novecentos, se instalou o Ministério dos Negócios Estrangeiros — que ali ainda hoje se mantém. Muitos dos terrenos e palacetes envolventes à cerca, passaram a integrar a herança da Casa de Bragança.

Actualmente o Ministério estende-se também pelo Convento, onde ainda se podem encontrar diversas salas com um impressionante e singular revestimento de azulejos, curiosamente recuperadas nos anos 50 pelo Arquitecto Raul Lino.

### 8.3 PROJECTO DE UM ITINERÁRIO NA CIDADE

Tomando a Calçada das Necessidades como o principal eixo que une todos os pontos ao longo deste itinerário, foram propostas três intervenções no seu caminho. No entanto, a decisão de posicionar as intervenções nas imediações do Palácio com o intuito de requalificar a Tapada, foi intencional.

A Tapada das Necessidades é actualmente pontuada por construções de pequenas dimensões que a memória daquele lugar deixou. Algumas restauradas recentemente, onde se mantêm instalações tais como, uma escola primária ou o gabinete do ex-Presidente da República Dr. Jorge Sampaio — numa reabilitação feita pela DGEMN em 2005, para a Casa do Regalo<sup>47</sup> — mas a grande maioria dessas construções encontram-se vandalizadas, resultado do abandono que ali se faz sentir.

Tornou-se portanto relevante requalificar a Tapada das Necessidades. O potencial daquele jardim se tornar num parque urbano e de recreio, activo na vida dos lisboetas, é o primeiro passo na aposta na reabilitação dos edifícios a ele anexos e no desenvolvimento daquela zona, que hoje se encontra bastante degradada.

As três intervenções que se projectaram, apostam na requalificação da entrada principal da Tapada, na criação de uma nova entrada a partir da Calçada das Necessidades, e na reabilitação de pontos estratégicos com aquelas, e também no interior da cerca. (*figura 64*)

A primeira intervenção (*revista p. 10*) desenha uma nova entrada na Tapada, junto aos jardins de buxo do Palácio, a partir da Calçada das Necessidades. São desenhados dois novos volumes perpendiculares que formam uma praça adossada à Calçada, e afunilan-

---

47 BRAGANÇA, José Vicente De - Casa do Regalo, Jorge Sampaio. Consultado em Janeiro de 2015. Disponível em <http://jorgesampaio.pt/jorgesampaio/pt/casa-do-regalo/>.



FIGURA 65. PROJECTO ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES 1A

Planta da primeira intervenção. Percurso que une a cota mais baixa à nova entrada da Tapada. Esc. 1/6500

Projecto desenvolvido na disciplina de Laboratório de Projecto 6, do ano lectivo 2013/2014, sob orientação do Professor José Aguiar e Professor Pedro Pacheco.

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria



FIGURA 66. PRACETA DO AQUEDUTO DAS NECESSIDADES

Fotografia tirada do cimo do Geomonumento na década de 40. É possível notar-se a construção da Av. Infante Santo, e ainda a presença dos arcos.

IMAGEM: D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990. vol. 1, p. 66



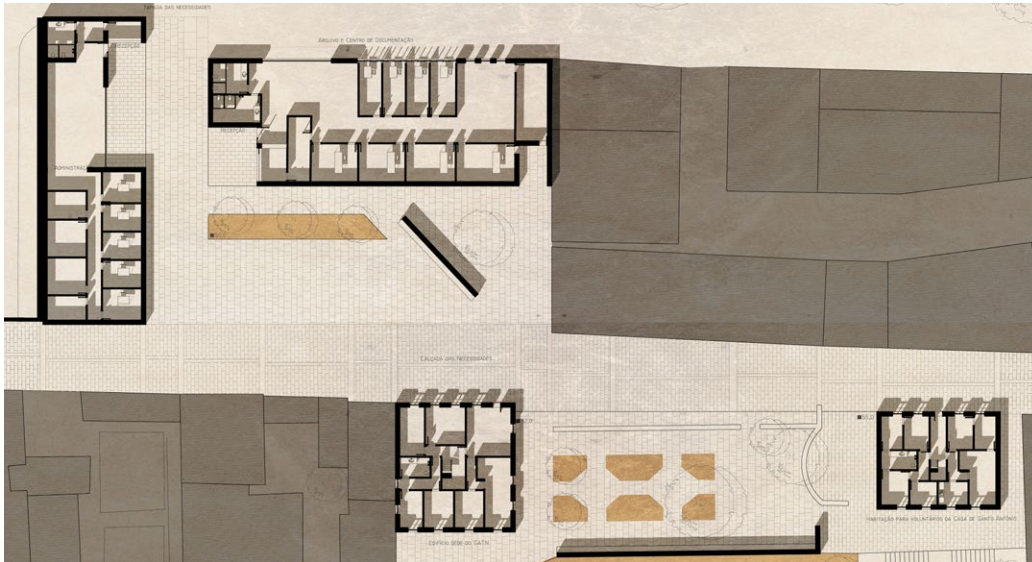


FIGURA 67. PROJECTO ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES 1B

Planta dos novos volumes de entrada (mais acima) e da reabilitação dos palacetes (mais abaixo). Esc. 1/3000  
Projecto desenvolvido na disciplina de Laboratório de Projecto 6, do ano lectivo 2013/2014, sob orientação do Professor José Aguiar e Professor Pedro Pacheco.

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria

do num ponto de entrada. (*figura 65*) Nos novos edifícios pode encontrar-se um programa complementar de arquivo documental sobre a Tapada, mas também uma recepção com gabinetes administrativos que se dedicam ao controle e organização de actividades na Tapada — tal como tem vindo a ser organizado o festival *Out Jazz*.<sup>48</sup>

É também desenhado um novo acesso à cota mais baixa, junto à Av. Infante Santo. Este trecho, em particular, amarra-se ao *Geomonumento nº7 de Lisboa*, através de um desenho de uma escadaria e muros de suporte e uma estrutura coberta. Esta estrutura enquadra o ponto, e evoca-o, em que o Aqueduto se lançava sobre aquele vale, complementando-o com um painel de azulejos onde aparece representada uma fotografia dessa mesma vista, anterior à sua destruição. (*figura 66*)

A meia encosta, pode encontrar-se um terreno pertencente a dois palacetes devolutos, e seus jardins. Estes palacetes do Séc. XVIII, pertencem à Fundação D. Manuel II — a Casa Real de Bragança — e têm qualidades singulares merecedoras de um projecto de restauro. É importante valorizar o trabalho feito na zona por entidades sem fins lucrativos, e para tal, é proposta a criação da sede do Grupo de Amigos da Tapada das Necessidades. Disponibiliza-se habitação permanente ou temporária para os voluntários da Casa

48 NCS - Produção - Meo Out Jazz 2014. Consultado em Janeiro de 2015. Disponível em <http://www.ncs.pt/outjazz.php>.

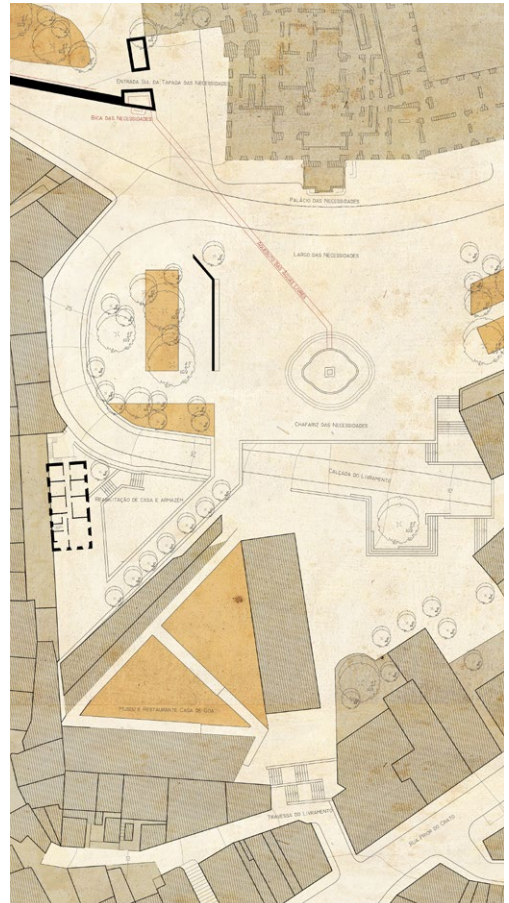


FIGURA 68. PROJECTO ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES 2  
 Planta do percurso da cota mais baixa ao Largo das Necessidades. Esc. 1/6500  
 Projecto desenvolvido na disciplina de Laboratório de Projecto 6, do ano lectivo 2013/2014, sob orientação do Professor José Aguiar e Professor Pedro Pacheco.

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria

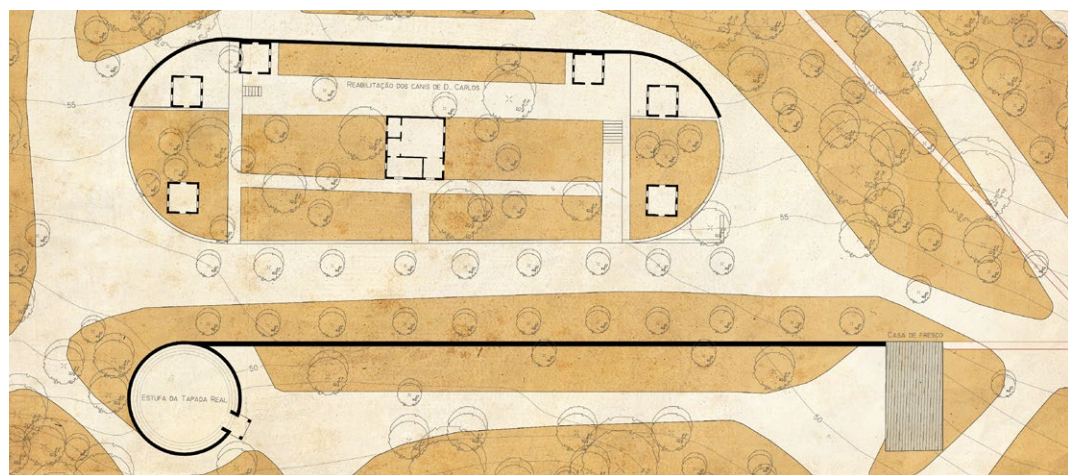


FIGURA 69. PROJECTO ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES 3 — PLANTA  
 Projecto desenvolvido na disciplina de Laboratório de Projecto 6, do ano lectivo 2013/2014, sob orientação do Professor José Aguiar e Professor Pedro Pacheco. Esc. 1/2000

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria



FIGURA 70. PROJECTO ITINERÁRIO DAS NECESSIDADES 3 — CORTE

Corte e Alçado do projecto de reabilitação de 2 dos volumes. Esc. 1/650

Projecto desenvolvido na disciplina de Laboratório de Projecto 6, do ano lectivo 2013/2014, sob orientação do Professor José Aguiar e Professor Pedro Pacheco.

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria

de Protecção e Amparo de Santo António, sediada na mesma rua. (*figura 67*)

A segunda intervenção, (*revista p.13*) no Largo da Necessidades, redesenha todo o pavimento, desmaterializando o programa de jardim, e transformando-o no que hoje melhor o define — um miradouro. O desenho do pavimento responde à projecção da galeria subterrânea do Aqueduto na chegada à fonte no centro. As árvores não foram retiradas devido ao seu importante papel a nível de sombreamento. (*figura 68*)

A ligação à cota mais baixa torna-se também preponderante para clarificação do redesenho da entrada. É desenhado um percurso em escadas que faz o acesso a Alcântara, e para isso projecta-se a reabilitação de um palacete do Séc. XIX, que ali se encontra devoluto. O programa proposto para o seu conteúdo implanta-se no grande armazém que se encontra no piso inferior, e a sua utilização como oficinas de trabalho que possam usufruir da intersecção com o percurso, é fundamental para a dinamização da sua visibilidade ao público e oferta daquele serviço. É também projectado um programa de habitação comunitária no piso superior para que os seus trabalhadores se possam Instalar, se assim o preferirem.

A terceira e última intervenção (*revista p.15*) engloba uma reestruturação dos pequenos edifícios abandonados e espalhados pelo interior da Tapada. Fornecer e alimentar a actividade no jardim é o papel principal deste desenho, e para tal optou-se por escolher a antiga cerca, destinada ao armazenamento de espécies raras de animais, que vingavam pela corte naquela altura.



Para este conjunto de seis volumes cúbicos dispostos em redor de um edifício ao centro, desenham-se ateliês para aluguer, e no centro complementa-se com instalações sanitárias e uma copa com sala de refeições comum. Torna-se fundamental que, a reabilitação destes edifícios vá ao encontro das materialidades encontradas na sua composição, sendo reposto o reboco cor-de-rosa, à semelhança do Palácio, e as telhas alemãs em formato de escama de peixe. (figura 70)

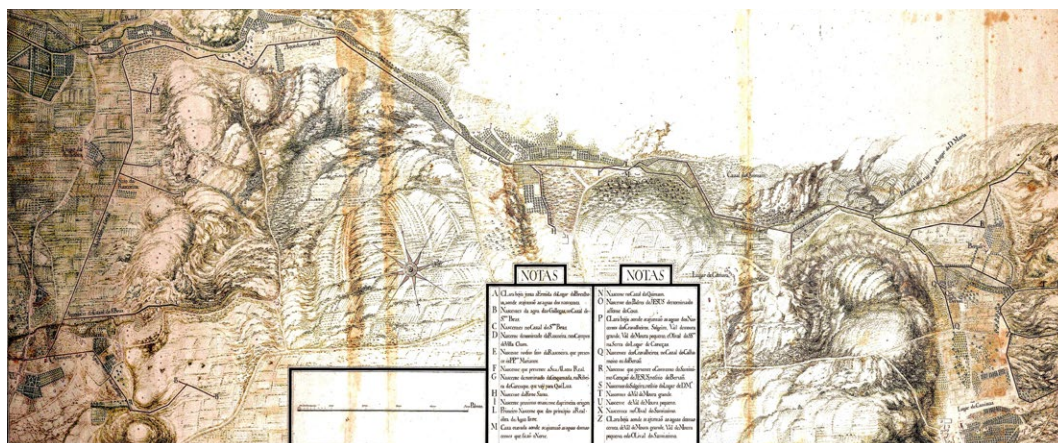


FIGURA 71. VALE DE CARENQUE

Planta do Séc. XVIII, onde se pode ver o paralelismo entre a Ribeira de Carenque e o Aqueduto Geral, e o momento em que se separam.

IMAGEM: Planta do Aqueduto desde as Nascentes até à Porcalhota, Francisco António Ferreira. Museu da Cidade de Lisboa

## 9 UM PLANO À MARGEM DO AQUEDUTO

Depois de Janeiro de 2014, tornou-se clara a opção de escolher outro momento dos cinquenta e oito quilómetros do Aqueduto para desenvolver o Trabalho Final de Mestrado. Entre quatro alternativas que olhavam para o traçado de catorze quilómetros do Aqueduto Geral — uma que apontava os Grandes Arcos do Vale de Alcântara, outra o Parque Florestal de Monsanto, outra a zona interior do Concelho da Amadora, e outra as margens da Ribeira de Carenque e as principais nascentes do Aqueduto — optou-se pela que mais contrastava com o itinerário já desenvolvido. O *Itinerário das Necessidades* é um percurso no coração da cidade, sobre uma galeria subterrânea e um aqueduto emissário, enquanto a zona das nascentes, em contrapartida, é a menos suburbana, ainda com grandes referências a um rural saloio típico da região, e onde o Aqueduto se estende à superfície e a ele afluem outros aquedutos subsidiários.

A vontade de repensar a Ribeira de Carenque (*revista p.24*) — que por cerca de cinco quilómetros se mantém paralela ao Aqueduto, separando-se antes de chegar ao Palácio de Queluz (*figura 71*) — foi fundamental para descobrir de que forma este se manifestava naqueles lugares. Aqui, na zona suburbana de Lisboa, é onde se pode encontrar com maior facilidade, verdadeiros momentos de *Património Esquecido*.





FIGURA 72. MARGENS DA RIBEIRA

Momento da Ribeira de Carenque, na zona das nascentes em Belas. Fotografia tirada sobre a ruída da Barragem Romana, ao fundo vê-se a Mãe de Água Velha.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria



FIGURA 73. WORKSHOP NA FAUL

Duas visualizações da proposta do grupo de trabalho com a Ribeira de Carenque.

IMAGEM: Mediterranean Climate Landscapes: New Life For Urban Streams. 2005.

## 9.1 A RIBEIRA DE CARENQUE

Depois da análise do paralelismo entre a Ribeira e o Aqueduto, que compreendeu a extensão entre Caneças e Queluz, concluiu-se que o trajecto da Ribeira — radial em relação ao centro da cidade e situada entre zonas suburbanas com evidentes lacunas de planeamento urbano — merece um urgente plano de renaturalização.

A análise *SWOT*<sup>49</sup> do vale da Ribeira aponta má qualidade de afluentes, a existência de esgotos domésticos, industriais e de pecuárias lançados directamente nas suas águas, a ocupação das margens dos leitos de cheia, incluindo a permanência de estaleiros, oficinas e ferros-velhos. Em contrapartida, e algo paradoxalmente, aponta também uma boa qualidade da água em geral, e é reportada como zona de interesse histórico e patrimonial — associados sobretudo à presença do Aqueduto — e de interesse ecológico e paisagista. A vegetação é geralmente herbácea com a presença de Freixos e Juncais, e as suas margens são, em alguns momentos, em alvenaria de pedra — planos conjuntos à construção do Aqueduto (*figura 72*) — e em galeria arbustiva. Da mesma forma, o leito é de estiagem empedrado, ou naturalmente rochoso.

A ideia de revitalizar a ribeira não é pioneira. Em 2005, foi organizado na Faculdade de Arquitectura de Lisboa, sob a orientação da Professora Graça Saraiva, o *New Life Urban Streams*.<sup>50</sup> Este *workshop* internacional, visionou uma série de estratégias para a revitalização de cursos de água, na região metropolitana de Lisboa. Os alunos da FAUL e da UCB (*University of California - Berkeley*) formaram quatro grupos de trabalho que se dividiram por diferentes zonas de intervenção. O grupo que trabalhou com a Ribeira de Carenque apontou uma série de objectivos fundamentais para a revitalização da Ribeira: a criação de infraestruturas para actividades recreativas, nomeadamente pontos de aluguer de bicicletas; o projecto de valorização de trilhos pedonais paralelos ao Aqueduto das Águas Livres; a reabilitação da ruína da Barragem Romana (de que se falará adiante) e a recuperação do seu leito através da recolocação de uma bacia de retenção de água; a demolição das construções clandestinas nas margens da Ribeira em conjunto com as hortas ilegais, etc. (*figura 73*)

---

49 SANEST - ADISA - Estudo de requalificação paisagística e ambiental das ribeiras da Costa do Estoril. Dez. 2001

50 SARAIVA, Maria da Graça et al. - *Mediterranean Climate Landscapes: New Life For Urban Streams*. 2005.

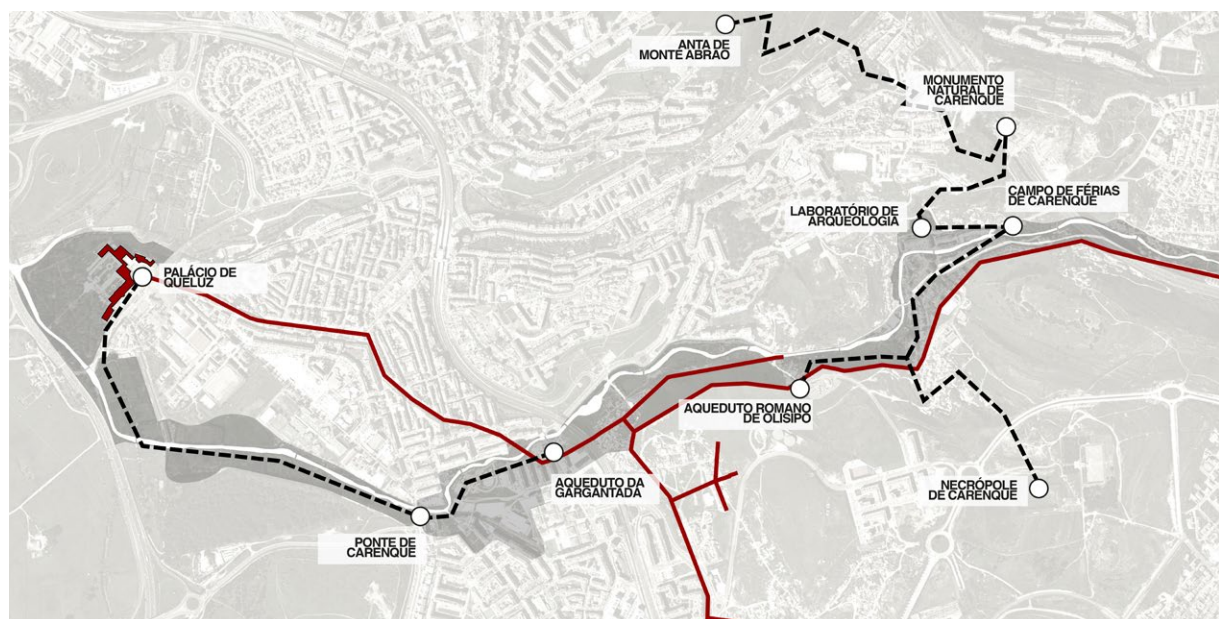
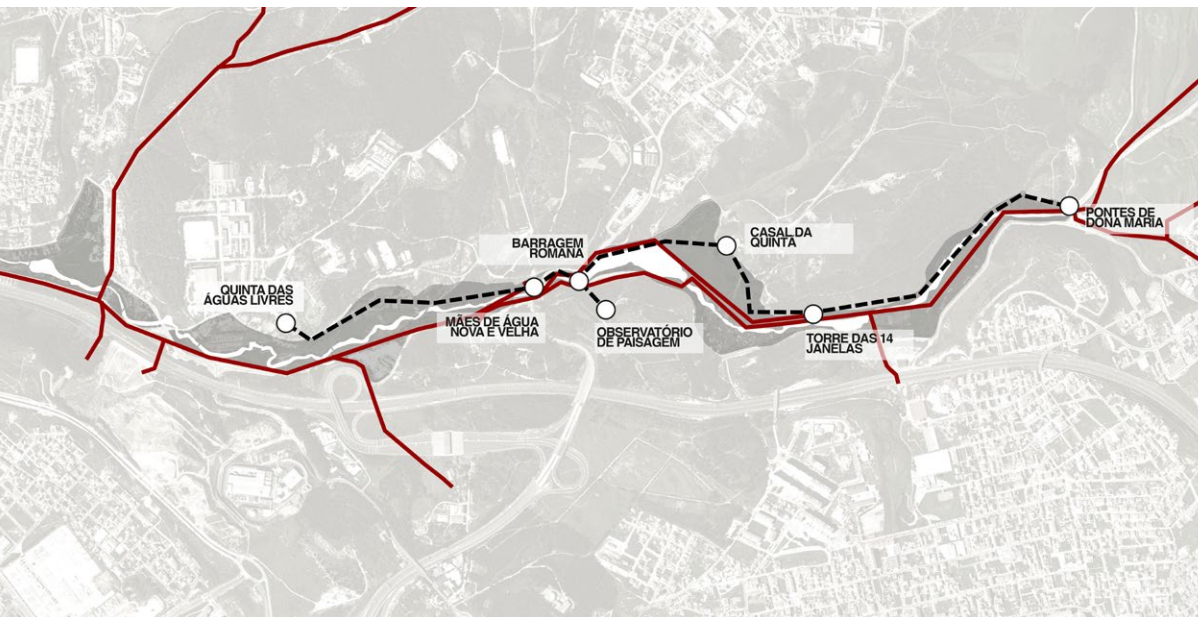


FIGURA 74. PROPOSTA PARA O VALE DE CARENQUE

Projecto de renaturalização da Ribeira de Carenque, incluindo o perímetro de intervenção, os percursos a criar. O rio corre no sentido Norte-Sul, da direita para a esquerda, e o plano desenvolve-se entre as Pontes de Dona Maria (a cerca de dois quilómetros a norte da Mãe de Água Velha) e o Palácio de Queluz. O Aqueduto está representado a linha vermelha. Esc. 1/20000

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria



## 9.2 PROJECTO DE RENATURALIZAÇÃO DA RIBEIRA DE CARENQUE

Um projecto de renaturalização é primeiro passo, e fundamental, para a revitalização daquela zona suburbana de Lisboa. Projecta-se um alargamento das suas margens, através do recurso a açudes, que formem bacias de retenção. As bacias de retenção são fundamentais para a purificação da água, tornando-a mais cristalina através do processo de oxigenação. Os açudes são uma solução para que a água se mantenha em movimento no leito da ribeira, e a recolocação de vegetação autóctone nas margens pouco profundas permite também aquele processo, e garante a continuidade da biodiversidade ao longo do seu eixo.<sup>51</sup> É desenhado também um perímetro de intervenção que limita os parques a criar e os percursos a delinear. São apontadas ainda as zonas de maior potencial. (figura 74)

Para compreender melhor o processo que leva a este tipo de planeamentos, optou-se por analisar alguns casos de estudo levados a cabo em Portugal. Casos semelhantes são o da Ribeira das Jardas, na zona do Cacém, e o do *Programa Polis*, desenvolvido no âmbito dos *Parques Expo*, que teve início no ano 2000 a propósito da *Expo '98*. Este programa teve lugar em diversas cidades portuguesas; no entanto, com o intuito de não tornar esta análise extensa, apenas se irá reflectir sobre o projecto para o Rio Lis em Leiria. (revista p.26)

51 SARAIVA, Maria da Graça - Entrevista no tema da Arquitectura Paisagista, sobre projectos de renaturalização fluvial, 1 Out. 2014.



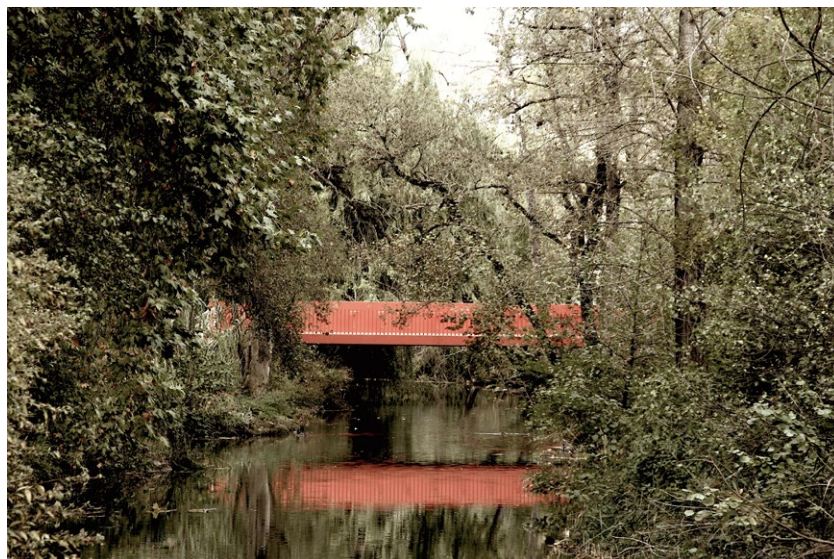


FIGURA 75. PROJECTO PONTE BAR

Ponte pedonal sobre o Rio Lis, projectada pelo ateliê MVRDV.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria



FIGURA 76. PROJECTO MOINHO DO PAPEL

Reabilitação levada a cabo pelo Arquitecto Álvaro Siza Vieira. Comparação entre o desenho do novo vão e os existentes.

IMAGEM: Fernando Guerra — [ultimasreportagens](http://ultimasreportagens.com/). Consultado em Janeiro de 20150. Disponível em <http://ultimasreportagens.com/>.



O plano, que envolveu uma área de cerca de cento e vinte e cinco hectares, previu também a reabilitação do centro histórico da cidade de Leiria.<sup>52</sup> O Rio Lis, atravessa o coração da cidade, tendo sido a sua localização estratégica fundamental para devolver aos leirienses uma maior relação com o rio. Foram projectados parques nos limites, percursos pedonais ao longo do seu comprimento, com zonas de lazer e pontos de paragem, e várias travessias, a maioria assinadas pelo ateliê MVRDV — curiosamente o único projecto dos holandeses em Portugal. (*figura 75*)

No seguimento do programa, foi convidado o Arquitecto Álvaro Siza para projectar a reabilitação de um moinho de papel datado do Séc. XIII, mas com adaptações posteriores. Localizado na margem esquerda do rio, o moinho — transformado num museu — foi também ao encontro da necessidade de tirar ainda mais partido do rio, devolvendo-lhe algum dinamismo. Siza orienta as actividades e os percursos para a frente do rio, de tal forma que se torna bastante discreta a frente de entrada, no lado oposto. (*figura 76*)

Para o plano de renaturalização da Ribeira de Carenque (*revista p.28*) projecta-se, de forma semelhante, um parque de carácter mais urbano nas zonas mais povoadas, e por oposição, outro de carácter mais florestal nas restantes. É relevante definir este tipo de estratégia, que influencia a colocação de infraestruturas de apoio nas diferentes zonas, e que engloba projectos de reabilitação de estruturas com valor patrimonial que complementam o programa.

O plano estende-se ao longo da Estrada Nacional 250 — apelidada de Estrada das Águas Livres — por cerca de cinco quilómetros. Esta é o eixo principal de ligação entre três dos *Itinerários do Património Esquecido* — o *Itinerário da Gargantada*, o *Itinerário de Carenque* e o *Itinerário das Águas Livres*.

---

52 SARAIVA, Maria Da Graça - Cidades e rios: perspectivas para uma relação sustentável. Exponentes. Lisboa : Parque EXPO, 2010.



FIGURA 77. DA FONTE E LAGO DA AGOA LIVRE

Desenho parcial, ampliado.

IMAGEM: SEGURADO, Jorge - Francisco d'Ollanda. Lisboa : Excelsior, 1970

## 10 O ITINERÁRIO DAS ÁGUAS LIVRES

Antes de concluir a apresentação deste trabalho, através da concretização da ideia de projecto apresentando o *Itinerário das Águas Livres*, convém esmiuçar cada singularidade que marca este território ao longo de cerca de dois quilómetros. O posicionamento das intervenções de projecto será denunciado, naturalmente, por estas excepções, que rompem a aparente *monotonia* do Aqueduto das Águas Livres.

### 10.1 DOIS MOMENTOS NA HISTÓRIA

Este instante, que regista o primeiro momento da construção, e até da concepção da ideia do Aqueduto, foi antecedido de um outro relevante marco da história. Relembrando a contextualização histórica referida no *Capítulo Primeiro*, Francisco de Holanda, foi o grande defensor da ideia de que a água a levar à cidade de Lisboa, deveria partir deste lugar.

*E deve de trazer a Lisboa Água Livre, q de duas legoas della trouxerão os Romãos a ella por cõductos debaxo da terra sotterranhos, furãdo muitos montes e cõ muito gasto e trabalho (...) E ali entre duas penedias asperissimas de dous mōtes fizerão hu muro larguissimo e forte q lhe represava a agoa de hu vale e hua lagoa ou estanque.*<sup>53</sup>

Holanda representou numa das páginas do seu escrito, um projecto de uma fonte para o Rossio, em Lisboa. (*figura 4*) Esse desenho pode ser dividido em duas partes, pois o plano de fundo retrata a paisagem de um *largo muro*, entre *dois ásperos penedos*, que *retém a água num vale*. (*revista p.44*)

No leito da Ribeira de Carenque existe ainda hoje uma muralha em ruína com cerca de

---

53 HOLANDA, Francisco De - Da fabrica que falece a cidade de Lisboa. Madrid : Vergilio Correia, 1929



FIGURA 78. BARRAGEM ROMANA

Dois momentos da História: a ruína da Barragem Romana (Séc. III), e a sua destruição parcial para se fazer a passagem do Aqueduto (Séc. XVIII).

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria



FIGURA 79. AQUEDUTO ROMANO DE OLISIPO

Um dos vestígios do Aqueduto Romano encontrado a cerca de 3,5 Km a jusante da ruína da Barragem Romana.

IMAGEM: José Manuel Mascarenhas. O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? Revista Portuguesa de História. 43 (2012).

sete metros de espessura, com contrafortes voltados a jusante. A obra, datada do Séc. III, tem um comprimento de quinze metros e meio, e uma altura mediana de oito metros. (*figura 78*) A albufera deveria, através da leitura das curvas de nível, ter a capacidade para armazenar até cerca de cento e vinte cinco metros cúbicos de água.<sup>54</sup>

Falar da Barragem sem referir o Aqueduto Romano de Olisipo seria de certo modo falacioso. No entanto, a sua existência entre este ponto em Belas e a colina de São Roque/Santo André em Lisboa, nunca chegou a ser comprovada além dos testemunhos literários. José Manuel Mascarenhas disserta acerca deste assunto e coloca em questão a pertinência da sua existência<sup>55</sup>.

Dos registos literários sabe-se que, para além de Francisco de Holanda, em 1617, Pedro Nunes Tinoco (?-1641), refere a existência de uma antiguidade coincidente com o caminho que viria a fazer o novo Aqueduto, até à colina de São Roque em Lisboa — *fábrica que os mouros fizeram para efeito de reprezarem agoa do rio e fazerem nelle lago*.<sup>56</sup> Isto acontece na altura em que D. Filipe I de Portugal põe em prática o início de um processo de investigação para a viabilidade da construção de um novo aqueduto, em consequência do efeito do livro *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*, e não só: o reinado foi rico em projectos — e algumas realizações — de carácter cívico e de obras públicas, como o têm comprovado os estudos de Miguel Soromenho. Esta relação com Espanha, juntou à equipa entretanto constituída, o engenheiro militar e inventor Leonardo Turriano (1559-1628), que chegou a desenvolver quatro trajectos possíveis para a nova construção. Entre elas, a quarta e última opção por ele apresentada, fazia referência ao antigo aqueduto dos Romanos, e descrevia precisamente esse trajecto, afirmando a hipótese de levar a água tanto à colina de São Roque como à de Santo André. Mais tarde, no Séc. XVIII, com a construção do novo aqueduto, até Manuel da Maia faz referência a um outro antigo que o seguia paralelamente, constando *de hum corpo de maçame de cal, e de pedra meuda, como cascalho grosso, e não mal fabricado, que teria três palmos e meyo de largo, e quatro de alto*.<sup>57</sup>

Estes registos estão anexados ao relatório arqueológico realizado na Amadora em 1996. Desde a sua detecção em 1979, que se iniciaram os trabalhos de escavação na tentativa de recolher o maior número de vestígios possíveis. Foram desenhados detalhadamente

---

54 ALMEIDA, Fernando De - Sobre a barragem romana de «Olisipo» e o seu aqueduto. *Arqueólogo Português*. 3:3 (1969).

55 MASCARENHAS, José Manuel De; BILOU, Francisco; NEVES, Nuno Sousa - O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? *Revista Portuguesa de História*. 43 (2012).

56 VIEGAS, João Carlos; GONZALEZ, António Guilherme B. - Aqueduto romano da Amadora. *Relatórios. Amadora : Gabinete de Arqueologia Urbana*, 1996.

57 Idem, *ibidem*.





FIGURA 80. MÃE DE ÁGUA VELHA  
Arquitectura do Estilo Chão. Fotografia da Mãe de Água Velha, 2013.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria

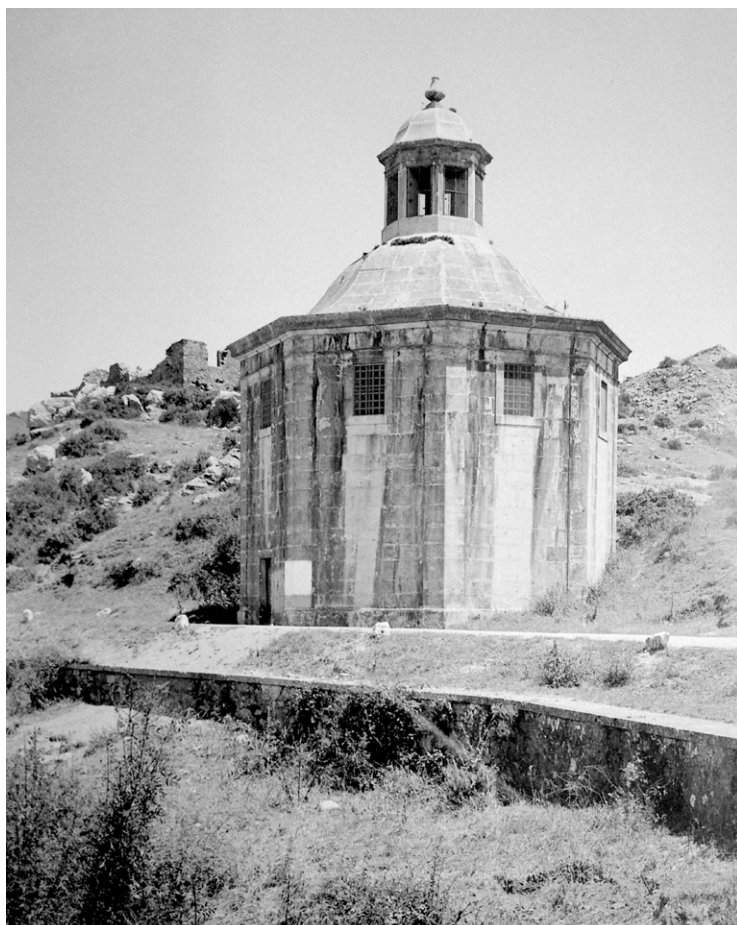


FIGURA 81. MÃE DE ÁGUA NOVA  
Fotografia da Mãe de Água Nova, segunda metade Séc. XX.

IMAGEM: Pedro Inácio. 140 anos, 140 imagens. EPAL, 2008.

e documentados através de levantamento fotográfico, catorze sectores, onde se pode compreender facilmente a sua constituição, tanto a nível formal como material. (*figura 79*)

A construção do Aqueduto das Águas Livres, para todos os efeitos, tentou procurar seguir paralelamente o caminho do Aqueduto Romano de Olisipo, iniciando-se também na zona onde foi encontrada a Barragem Romana. A primeira pedra a ser lançada, foi na construção da primeira nascente — a Mãe de Água Velha. (*revista p.46*)

Embora se tivesse dado início à construção do Aqueduto no dia 16 de Agosto de 1731, sob a direcção de António Canevari, sabe-se que a construção da Mãe de Água Velha, não foi feita nesse ano. Os conflitos iniciais acerca do trajecto ideal para o Aqueduto seguir até Lisboa, obrigaram o arquitecto italiano a retirar-se no ano seguinte. Depois, já a 25 de Setembro de 1732, sob orientação de Manuel da Maia e Manuel Azevedo Fortes, foi convocada uma reunião, onde se ordenava, com a maior urgência, a realização da cobertura para o olho de água mais importante do Aqueduto.<sup>58</sup> O seu desenho não engana. Conhecendo-se as obras de cada um não é difícil atribuir o projecto da Mãe de Água Velha ao engenheiro militar português, e a sua inerente forma do *Estilo Chão*, dada a simplicidade do seu desenho. (*figura 80*)

Na margem oposta à Ribeira de Carenque, que as separa, está a Mãe de Água Nova. Concluída a sua construção em 1764, é o principal ponto de união dos aquedutos subsidiários a jusante, e embora seja maior que a anterior, dela são raras as águas que nascem. (*figura 81*) Da Mãe de Água Nova encontra-se uma pequena nascente adossada a uma parede lateral, mas é nela que se extingue o Aqueduto da Quintã — para se juntar às águas vindas do Aqueduto do Bretão, que segue paralelo ao Aqueduto Geral por algumas centenas de metros, até uma rampa que finalmente os nivela e une.

A construção do Aqueduto da Quintã foi iniciada em 1759, altura em que Carlos Mardel estava responsável pelo andamento da obra, pelo que é de acreditar que foi ele o autor do projecto deste Aqueduto. Apelidado pelo nome da quinta que atravessa, foi para fazer passar o Aqueduto da Quintã que se demoliu parte da Barragem Romana — momento onde é feito o acesso ao seu interior. (*figura 78*) A nascente principal deste Aqueduto é marcada também por uma construção bastante singular — a Torre das Catorze Janelas. É um momento autêntico de toda a extensão do Aqueduto das Águas Livres. Com uma profundidade de doze metros abaixo da cota de implantação, esta *chaminé* de planta

---

58 MOITA, Irisalva - D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990



FIGURA 82. ESTRADA DAS ÁGUAS LIVRES

Fotografia da EN 250, no momento onde se espreita a Torre das 14 Janelas.

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria



FIGURA 83. PONTES DE DONA MARIA

Fotografia da clarabóia que precede os arcos sobre a Ribeira de Carenque na união do Aqueduto dos Carvalheiros e do Salgueiro no Aqueduto do Bretão

IMAGEM: Fotografia de João Pedro Faria

rectangular marcada por catorze esguios vãos não deixa indiferentes os automobilistas que hoje percorrem aquele troço da EN250. (*figura 82*)

Continuando aquela estrada, no sentido Norte, ou seja a montante, pode encontrar-se ainda outro momento singular do Aqueduto. Ao conjunto da clarabóia e arcos — onde se encontra um tanque que reduz da velocidade da água ao formar um ângulo de noventa graus entre a junção do Aqueduto dos Carvalheiros e do Salgueiro e no início do Aqueduto do Bretão — chamou-se Pontes de Dona Maria. Este desenho de carácter também muito austero e com uma estética que se diria *pombalina*, é datado de 1764, ano da construção da Mãe de Água Nova que, já após a morte de Carlos Mardel, não chegou a sofrer alterações no projecto original, assemelhando-se em grande parte ao projecto da Mãe de Água Velha. (*figura 83*)

## 10.2 PROJECTO DO ITINERÁRIO DAS ÁGUAS LIVRES

Depois de definidas as premissas de intervenção dos *Itinerários do Património Esquecido* no *Capítulo Sexto*, resta compreender de que forma se pode materializar o conceito de um itinerário. (*revista p.50*)

*Funcionalidade, conforto e segurança são alguns dos problemas da Rua da Estrada. Quando a tira de asfalto (espaço público) não deixa margem para passeio, tudo se resolve na valeta. (...) tampas de saneamento, drenagem de águas superficiais, acessos a portas de edifícios, semáforos, postes de electricidade... Aqui não se pode desenhar a partir da tábua rasa e a tutela da infra-estrutura e do espaço público é disputada por instituições sectoriais, Estradas de Portugal, Câmaras Municipais, Empresas Públicas e privados.<sup>59</sup>*

Adoptando a uma macro escala, o percurso já apelidado de Estrada das Águas Livres — onde se projectou o Plano de Renaturalização da Ribeira de Carenque — procede-se à análise da sua implantação. Com o tempo, mas sobretudo nos finais do Séc. XX, as necessidades de alargamento da EN 250 perante a presença do Aqueduto, manifestaram-se equivalentes à posição deste sobre a pré-existência da muralha Romana. Na verdade, até a própria Barragem Romana voltou a sofrer uma dissecação por parte desse projecto.<sup>60</sup> Coloca-se aqui em questão a comparação de mentalidades relativas aos pensamentos pré e pós-patrimonialista — por assim dizer — que cabe a cada um julgar.

---

59 DOMINGUES, Álvaro - A rua da estrada. Equações de arquitectura. . 1a ed. Porto : Dafne, 2009. p. 129

60 ALMEIDA, Fernando De - Sobre a barragem romana de «Olisipo» e o seu aqueduto. Arqueólogo Português. 3:3 (1969).



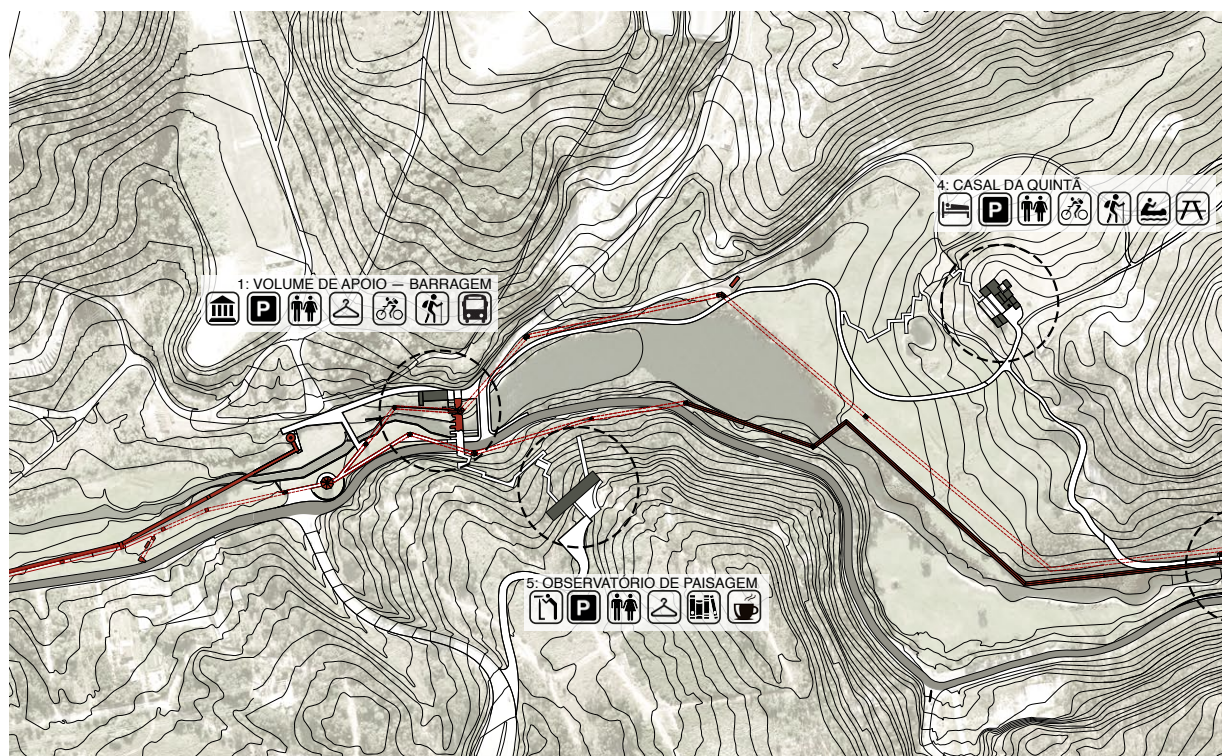


FIGURA 84. PROPOSTA DO ITINERÁRIO DAS ÁGUAS LIVRES

Plano de Intervenção do Itinerário das Águas Livres. Esc. 1/6500

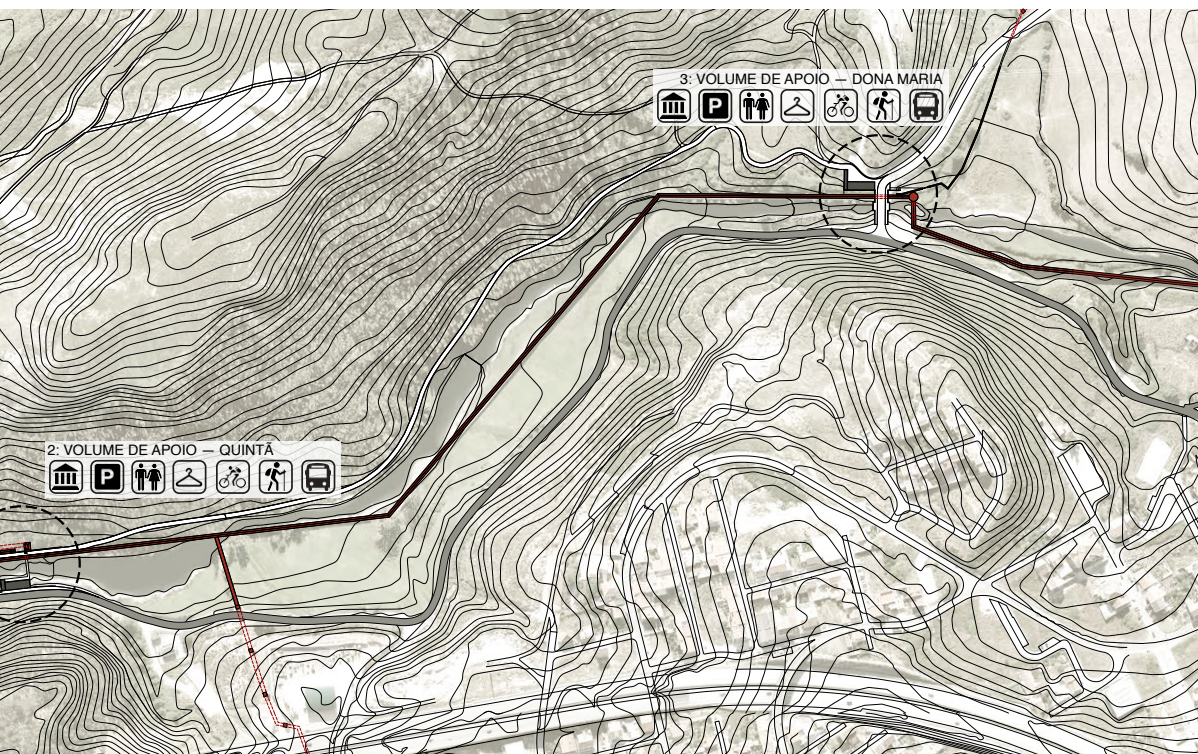
1. Mãe de Água Nova, Velha e Barragem Romana.
2. Torre das Catorze Janelas.
3. Pontes de Dona Maria.
4. Casal da Quinta.
5. Projecto de um Observatório de Paisagem.

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria

Tornou-se fundamental destacar os momentos de maior fragilidade daquele eixo rodoviário, resultando dois pontos principais — o mais crítico, na zona entre as Mães de Água Nova, Velha, e a Barragem Romana, e o segundo nas Pontes de Dona Maria.

No primeiro local, a estrada nacional atravessa, paralelamente à Ribeira, toda a frente da Mãe de Água Nova, não restando qualquer hipótese a um potencial interessado, de ter a sensação de que a única forma de visitar aquela obra seria como ir a um *Drive In* numa cadeia de *Fast Food* — desfrutar sem sair do carro.





No mesmo local pode encontrar-se uma antiga e frágil travessia sobre a Ribeira de Carenque que, posteriormente alcatroada e com duas guardas do tipo Auto-Estrada acrescentadas, se tornou num dos principais acessos ao *Belas Clube de Campo*. Esta rua permite também o acesso à quinta e ao casal da Quintã, e tem o nome de Rua Principal. (figura 20)

Para evitar estes problemas, foi redesenhada a travessia da estrada naquele lugar, que em conjunto com o Plano do Vale de Carenque, prevê a colocação de um açude de maiores dimensões, formando uma bacia de retenção, que de novo recria a albufeira que Francisco de Holanda representou. Esta é a maior alteração feita na EN 250, aparentando aqui uma boa justificação.

No segundo local, também para dar acesso a uma Rua Principal, foi colocada uma outra ponte do tipo Auto-Estrada, que sem qualquer cuidado na sua implantação, *aterrou* sobre a estrutura do Aqueduto. Para além do alcatrão e das guardas verdes sobre estrutura de betão, também o suporte de terras foi feito com o recurso a gabiões.

Para evitar profundas alterações no eixo principal, não restando alternativa à colocação da travessia, dado que o Aqueduto nas redondezas se apresenta continuamente à su-



FIGURA 85. CASTELO VELHO DO NUMÃO

Centro de recepção e interpretação do conjunto arqueológico do Castelo Velho do Numão, Freixo do Numão. 2004.  
Projecto do Atlier15 — Arquitectos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez.

IMAGEM: Fotografia de José Aguiar

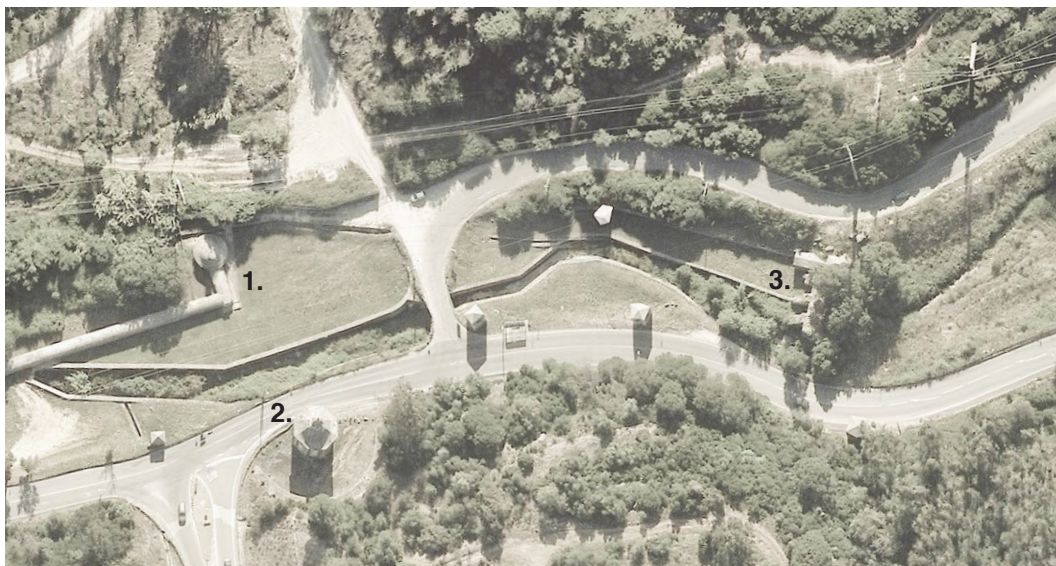


FIGURA 86. MÃES DE ÁGUA E RUÍNA

1. Mãe de Água Velha.
2. Mãe de Água Nova.
3. Ruína da Barragem Romana.

IMAGEM: Vista Aérea, Google Earth, 2014.



perfície, é redesenhada uma nova ponte no mesmo lugar. A nova ponte tem um aspecto maciço, e integra correctamente o desenho de uma abóbada com quinze metros de comprimento, atravessada pela Ribeira, e merecedora de um desenho que melhor a destaque. A ponte é, para todos os efeitos, o melhor local para apreciar o conjunto das Pontes de Dona Maria, e por isso deve permitir a fácil passagem de peões, contando com uma zona alargada de passeio para uma maior permanência no local.

Estes dois pontos são marcados pelos extremos das cinco intervenções que compõem o plano do *Itinerário das Águas Livres*, (*figura 84*) e representam o Volume de Apoio 1 e 3, um conceito a apresentar de seguida.

### 10.3 VOLUMES DE APOIO

O conceito de colocar estruturas de apoio que se tornem autónomas, e possam ser controladas num único ponto, é fundamental para manter a objectividade e solidez deste trabalho. De outra forma facilmente se tornaria num projecto dispendioso, podendo ser insustentável a longo prazo. (*revista p.52*)

Este itinerário prevê a entrada no interior do Aqueduto e para isso são destacadas três zonas para a colocação dos Volumes de Apoio, que representam os pontos de acesso ao interior do Aqueduto — com restrições de acesso controladas pelo ponto principal das intervenções, a do Observatório, de que se falará adiante. (*figura 84*) O primeiro na zona das Mães de Água Nova e Velha, (*revista p.54*) o segundo nas imediações da Torre das Catorze Janelas, (*revista p.62*) e o terceiro nas Pontes de Dona Maria. (*revista p.66*)

Refira-se, neste propósito, a intervenção iniciada pelo IPPAR em 2004, de consolidação das estruturas do Castelo Velho do Freixo do Numão, onde foi construído um posto de recepção e interpretação. (*figura 85*) O projecto dos Arquitectos Sérgio Fernandez e Alexandre Alves Costa, implanta um novo volume, distanciado do conjunto arqueológico do Calcolítico, e a uma cota superior, de onde se poderá ter uma melhor leitura do local. Para além disso, é desenhado um pequeno largo rematado por um muro, que impede, naturalmente, que os automóveis se aproximem do sítio.

Para a implantação das estruturas de apoio no itinerário proposto, desenharam-se também zonas para estacionamento informal, e percursos que se unam também às respectivas paragens do transporte público. Os largos para estacionamento, em saibro, com lugares para bicicletas também, são rematados por escadas a céu aberto, que dão acesso

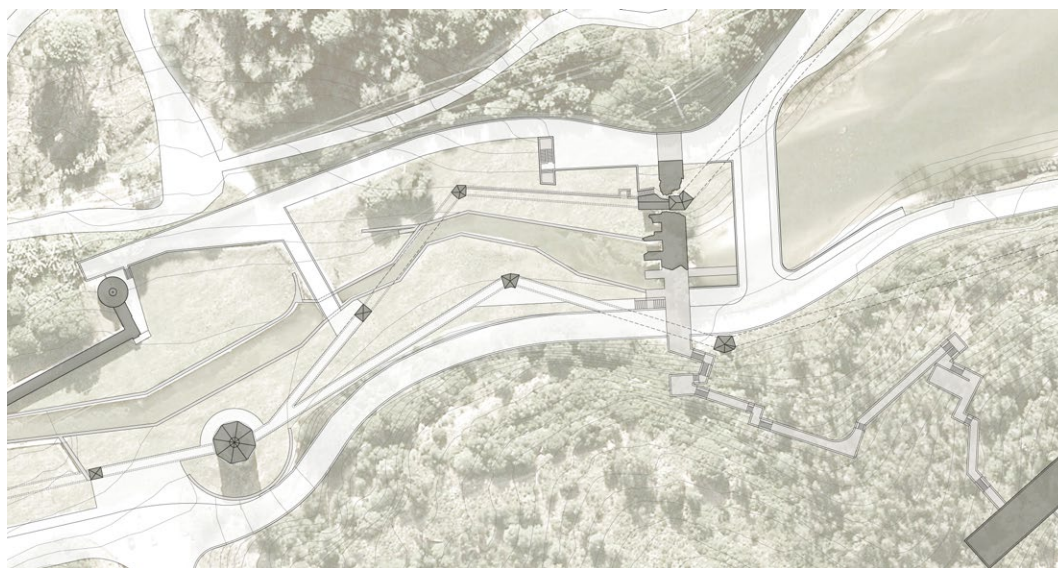


FIGURA 87. VOLUME DE APOIO 1

Planta do projecto, com as alterações previstas para a EN 250 — desviada para a parte posterior da Mãe de Água Nova — e a nova travessia para a Rua Principal, no sentido do *Belas Clube de Campo*, através da nova barragem — distanciada a uma dezena de metros da ruína da fábrica Romana. Esc. 1/2000

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria

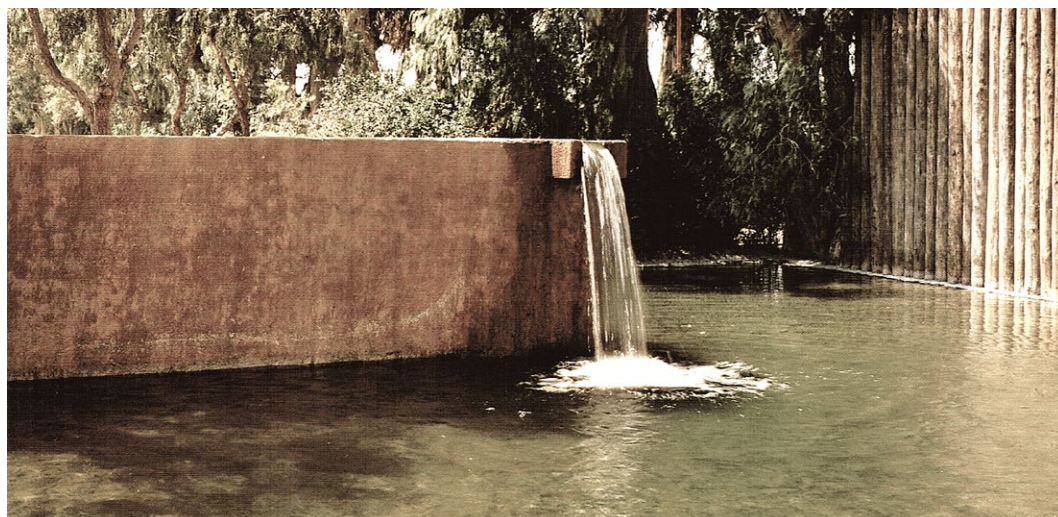


FIGURA 88. FONTE DEL CAMPANÁRIO — LUIS BARRAGÁN

Fotografia de um dos detalhes comuns ao desenho do arquitecto mexicano. Projecto de 1959.

IMAGEM: BARRAGAN. Obra Completa. Dinalivro. 1ªed. p. 170

à estrutura, que se encontra enterrada a cota inferior. Pode ver-se, de que forma essa alteração procura melhorar e tornar mais visível as estruturas pré-existentes, (*figura 86*) na tentativa de implantação do Volume de Apoio 1. (*figura 87*)

Nas escadas está o momento da plataforma mais elevada, que apenas alguns centímetros acima, permite ter uma vista limpa à altura dos carros, e é o momento onde é disponibilizada a informação sobre o local e o restante percurso. Para o volume enterrado, desenham-se casas de banho, um espaço para arrumação e é colocada uma fileira caçifos complementando-se eventualmente com alguma venda automática. São apontados alguns bancos nos momentos adaptados em cada local, em conjunto com pequenas bicas, fundamentais para enquadrar e evocar o tema da Água.

O tema da Água surge, por exemplo, na criação de um açude que pretende recriar a albufeira da Barragem Romana, no desenho da nova travessia. (*revista p.58*) O afastamento desta nova estrutura da ruína permite que ela esteja isolada do movimento agressivo dos automóveis, e ao mesmo tempo, permite criar um espelho de água que a destaque. É para isso relevante referir o projecto de valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-velha em Coimbra. (*revista p.56*) A implantação do novo volume do museu não pretendeu *competir nem “aproximar-se” do monumento*,<sup>61</sup> distanciando-se dele, contemplando-o através do desenho de largos vãos.

As comportas do açude canalizam as águas para a margem do rio, num novo desenho que a procura completar formalmente a ruína, impedindo que as águas com maior força a danifiquem. Dali são *rasgados* pequenos vãos que deixam a água cair naturalmente, animando o espelho de água. É imprescindível fazer-se a referência ao Arquitecto Luis Barragán neste contexto, através da visualização do detalhe de um dos seus projectos. (*figura 88*)

Entre estas três intervenções semelhantes, desenha-se um percurso pedonal e ciclável, na continuidade do pavimento em saibro, que as une, e permite a visita paralela ao Aqueduto e à Ribeira, longe da velocidade que se faz sentir na EN 250.

#### 10.4 CASAL DA QUINTÃ

Este Casal nos terrenos da Quintã, que deu também nome ao Aqueduto que por ele passa, encontra-se neste momento em muito mau estado, abandonado e com algumas partes já em ruína. Francisco de Holanda representa, e menciona, uma construção fortifi-

---

61 FERNANDES, Fátima et al. - Territórios reabilitados. 1ª. ed. Caleidoscópio, 2009. p. 87



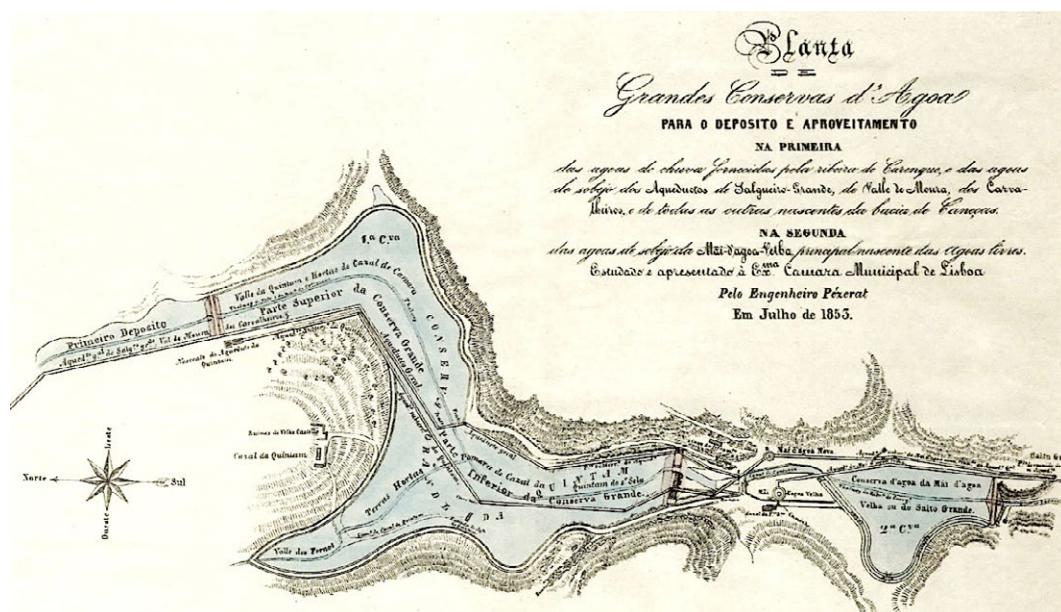


FIGURA 89. PLANTA DAS CONSERVAS DE ÁGUA

Projecto do Engenheiro Pézerat, para restituir a grande conserva Romana, quando, em meados do Séc. XIX, a 1ª Companhia das Águas procurava uma solução para a escassa água que corria no Aqueduto. Não passou de uma proposta, que mais tarde foi substituída pelo grande projecto do Alviela.

IMAGEM: Histórias e outras memórias do aqueduto das Águas Livres. Lisboa : EPAL, 1999



FIGURA 90. CASAL DA QUINTÃ

Fotografia do conjunto de volumes que compõem o casal na Quintã. Maio de 2014.

cada no seu desenho da albufeira, que não se pode comprovar ser o Casal. (*figura 77*) Ainda o Engenheiro Pézerat, numa proposta para aumentar o caudal das Águas Livres, em 1853, representa uma grande conserva de água para o local, onde assinala a presença do dito Casal, junto de umas *ruínas do velho castello*.<sup>62</sup> (*figura 89*) Para efeitos deste trabalho, optou-se por não tocar a zona apontada como ruína, procedendo apenas à reabilitação do antigo Casal, e ao desenho de um percurso em escada que lhe dá acesso, por se localizar no topo de um morro. Contudo curioso é o desenho, aparentemente fantasioso, de Francisco de Holanda que, provavelmente socorrendo-se da imagem formal de um casal existente, representou o forte a que se refere, podendo comprovar-se a eventual pré-existência de uma torre anexa. (*figura 90*)

Não se sabe ao certo o ano de fundação daquele Casal. Sabe-se que já deveria certamente existir desde o Séc. XVII — os terrenos da Quintã — ou o Aqueduto não teria começado a ser construído tendo em conta este topónimo. Mais tarde, pôde concluir-se, segundo o testemunho de 1799 do capitalista e proprietário António José Ferreira, que teria sido adquirido *hum casal, no districto de Bellas, chamado das Quintãas*,<sup>63</sup> a Sebastião Francisco Machado. O capitalista conhecido da altura, e proprietário de um palácio no Chiado, reclamava a construção de um novo acesso, porque a construção do Aqueduto lho havia retirado. Restava saber porque motivo teria ele comprado aquela propriedade.

No decorrer dos pedidos que D. Maria autorizou, para a introdução de água no Aqueduto, sob beneficiação por particulares — referido atrás a propósito do escândalo do Convento dos Oratorianos — reencontrou-se o nome de António José Ferreira. Ao que consta no documento datado de 1794<sup>64</sup>, parece que o capitalista obteve autorização para introduzir no caudal do Aqueduto as suas águas captadas na Quintã, a fim de serem recebidas no seu palácio no Chiado. Uma vez que não se poderia tratar do Aqueduto da Quintã, é provável que o encanamento referido seja o Aqueduto do Sola, que se encontra na mesma propriedade.

O Casal da Quintã foi mais tarde adquirido pela família *Appleton*, que o vendeu a António Santos Fernandes, tendo como pretexto a procura de um lugar remoto, propício à construção de um *bunker*, no contexto do medo que se fazia sentir durante a Segunda Guerra Mundial, mas que não passou da ideia. Hoje a propriedade é detida pela Casa Agrícola Santos Fernandes, que afirma estar atenta à presença do Aqueduto, como peça de valor

---

62 CASEIRO, Carlos - Histórias e outras memórias do aqueduto das Águas Livres. Lisboa : EPAL, 1999

63 FERREIRA, António José - Requerimento à Direcção de Obras das Águas Livres. 26-06-1799. Museu da Cidade de Lisboa

64 FERREIRA, António José - Requerimento que pretende introduzir as suas águas no Aqueduto. 25-06-1794. Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Lisboa.

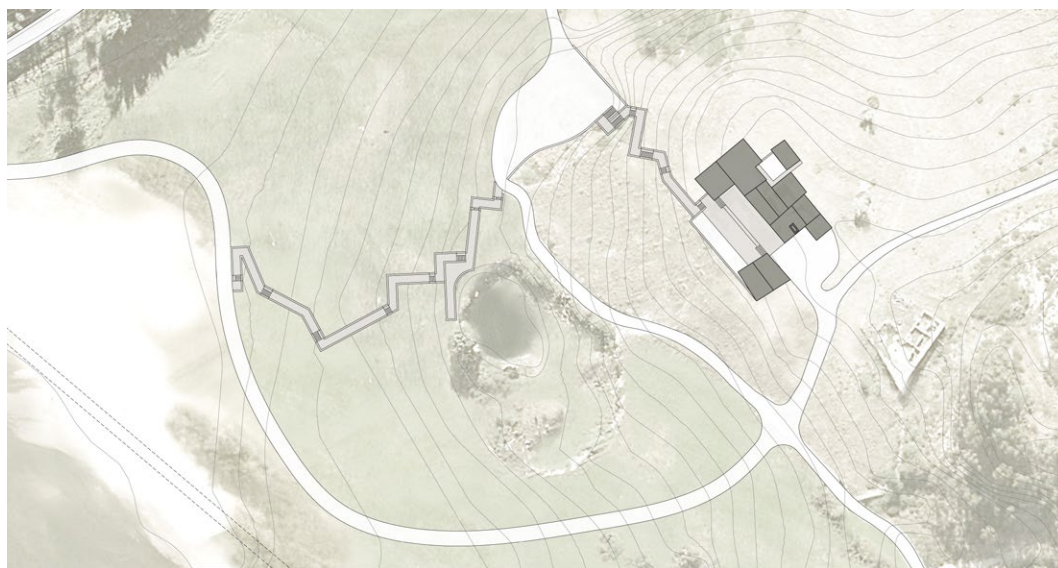


FIGURA 91. PROJECTO PARA A QUINTÃ

Planta do projecto para a envolvente a plano de reabilitação. Nenhum volume é acrescentado. Esc. 1/2000

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria

patrimonial único.<sup>65</sup>

A quinta desde sempre foi utilizada para finalidades agrícolas, e na própria volumetria do conjunto facilmente se identificam referências da sua utilização. Um palheiro, estábulos, e outros conjuntos dedicados aos animais, formam o envolvente da construção principal de dois pisos, ao centro. Adossado a este também foi construído o forno a lenha, para a cozedura do pão. Crê-se, pela análise de outras estruturas semelhantes catalogadas no livro que resultou do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa, que este último tivesse inicialmente localizado no exterior, assim como também se pode concluir da leitura da projecção da chaminé, anterior à boca do forno. Trata-se de facto de um belo exemplo, ainda resistente, de uma cultura tipicamente tradicional, e saloia. *(revista p.72)*

Aqui prevê-se um projecto de reabilitação, que torne de novo habitável todos aqueles espaços, transformando-o em habitação temporária. *(figura 91)* E na sequência do que vem a ser defendido, projectam-se condições para os caminhantes e visitantes que decidam pernoitar, ou grupos de jovens que decidam permanecer no contexto de alguma actividade local — fomentam-se entre muitas, a caminhada, o ciclismo, o montanhismo, a utilização da praia fluvial e albufeira para actividades náuticas. *(revista p.74)*

Para o edifício de dois pisos, e volume principal, desenha-se um espaço de entrada e recepção, aglutinado com uma casa de banho. Ao lado, uma sala de refeições com mesas e bancos corridos, para uma utilização mais recreativa fora da hora da refeição. Esta sala tem o acesso directo a um compartimento que antecede a cozinha, que deverá manter-se no lugar para onde se volta o forno a lenha. No segundo piso, encontra-se uma sala comum, com sofás, secretárias, e espaço para outras actividades de lazer.

Por trás do edifício anterior existe um pátio. A partir deste pátio serão feitos os acessos a todos os quartos, que serão acedidos pelo exterior, num conjunto de oito quartos simples, com casa de banho. *(revista p.76)* O conjunto da nova cozinha também dá acesso a outros dois volumes, que servirão de apoio à cozinha e onde funcionará uma lavandaria. No edifício do antigo palheiro, separado dos anteriores, é desenhada uma camarata, com instalações sanitárias colectivas, e com espaço para doze camas individuais. *(revista p.78)*

---

65 SANTOS FERNANDES, José - Entrevista sobre a história do Casal da Quintã, 22 Mai. 2014.



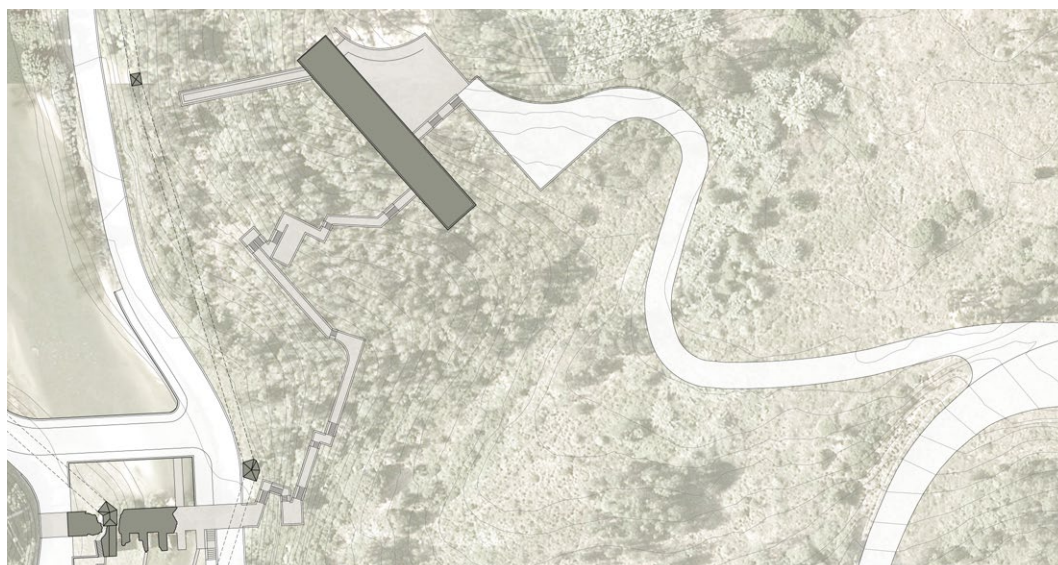


FIGURA 92. PROJECTO DO OBSERVATÓRIO

Planta de implantação do Observatório de Paisagem e todos os seus constituintes. Destaca-se o desenho que dá continuidade à projecção da ruína, no fundo do vale, como prova da ligação de intimidade entre os dois. Esc. 1/2000

IMAGEM: Elaborado por João Pedro Faria

## 10.5 OBSERVATÓRIO DE PAISAGEM

Para a quinta e última intervenção, é projectado o ponto principal que gere todo o conjunto e que garante o seu correcto funcionamento. Trata-se de um Observatório de Paisagem, que se apoia numa estrutura de um centro de interpretação e arquivo de documentação. *(revista p.80)*

A escolha do local para a implantação deste projecto de raiz não foi, contudo, aleatória. Depois de ser delineada a estratégia de reestruturação da bacia de retenção, recriando a albufeira do período Romano, e depois de apontar os momentos singulares que por ali destacam a obra do Aqueduto das Águas Livres, atentou-se de novo na obra renascentista de Holanda. O humanista português foi o primeiro e um dos maiores impulsores da construção do Aqueduto, deu-lhe o nome, por sugerir a sua localização na quinta das Águas Livres, onde fez um desenho. *(figura 77)* Esse desenho é o berço do Aqueduto das Águas Livres e merece ser recordado, concluindo-se a localização da última intervenção.



Uma vez que se pretende restituir a memória deste lugar, escolheu-se a posição mais provável da localização de Francisco de Holanda, aquando da realização do seu desenho. Neste local, é projectado um pontão que se lança acima das copas das árvores para permitir uma visão clara, ampla e desobstruída. Lá será contada a história de Holanda e a sua relevância no projecto das Águas Livres. (*figura 92*)

É definido o plano terrestre onde vem assentar o novo edifício, sem lhe tocar directamente, marcado por uma clara distinção material entre o embasamento em pedra e a laje em betão. Desenha-se a nova estrutura que antecede o Observatório, onde a cobertura se estende formando um portal de entrada: de um lado uma rampa que desce e faz o acesso ao pontão, do outro meia dúzia de degraus acedem à cota de entrada no novo edifício.

Para este novo volume, são projectadas diferentes salas que se dividem consoante a métrica estrutural do edifício. Os grandes planos envidraçados, que transparecem a densa vegetação da envolvente, distanciam duas salas expositivas, amplas, e os corredores laterais de um volume *motor* em madeira. (*revista p.84*) Aqui complementa-se o programa com uma sala fechada, iluminada artificialmente, que permita projecções e um controle do som, e outra que se subdivide e funcione como espaço de consulta relativo ao arquivo. Noutra unidade são instaladas duas casas de banho simples, onde lhes precede uma pequena cafetaria. O centro de controle e administração partilha o espaço com a recepção, que funcionará simultaneamente como bilheteira.

Para além do volume principal, é desenhado um percurso que, partindo do embasamento de pedra, faz a ligação à cota mais baixa, entroncando no seguimento da projecção da Barragem Romana. E para que aqui também se possa iniciar esse trajecto que percorre todos os pontos do vale, são *escavadas* igualmente no embasamento, duas casas de banho de acesso exterior, e cacifos. (*revista p.82*) No entanto, é também aqui, inferiormente ao volume envidraçado que se encontra por cima, que se desenharam as salas das máquinas e um depósito relativo ao arquivo que garante a sua correlação através de um pequeno elevador.



## CONCLUSÃO

O Aqueduto das Águas Livres é um monumento único em Portugal. Perdeu-se com o tempo a sua funcionalidade, mas restou uma estética da matéria da memória do engenho e arte dos tempos que acolheu. As histórias que o marcam ainda hoje nos lugares por ele tocados, representam a imagem que marcou a cultura e a tradição de uma ampla região. Arrisca-se afirmar que, hoje em dia, poucos projectos de engenharia hidráulica apresentam este grau de detalhe, cuidado, articulação e respeito pelo desenho arquitectónico.

O Aqueduto para muitos, parece continuar ainda a restringir-se apenas ao concelho de Lisboa. Sabendo-se de inúmeras responsabilidades partilhadas e dificuldades de gestão decorrentes da própria dispersão territorial do Aqueduto, o facto é que esta situação de desconhecimento dá sinais de se agravar de ano para ano. É sem dúvida, mais uma obra do *Património Esquecido*, o resultado do abandono e do desinteresse, motivado por equívocos institucionais, mas também pela sobreposição dos interesses singulares, muitas vezes de natureza estritamente económica, aos interesses colectivos e comunitários, e sobretudo, por um incompreensível desconhecimento da pluralidade de valores que possui.

No entanto, foi aqui comprovado que há lugar para se estabelecer novas relações de grande intimidade. As propostas destes *Itinerários do Património Esquecido*, pretendem encontrar as soluções de combate ao abandono patrimonial, a favor de um desejo de crescimento económico. E aqui, há também lugar para novas ideias e (já agora) para os jovens arquitectos. É preciso compreender o problema da *tábua rasa*, e confrontar cada lugar, por mais remoto que seja, com a oportunidade das suas pré-existências. A reabilitação não é apenas o restauro de peças do património em mau estado. A reabilitação é também o desenho de uma nova contemporaneidade que exige uma investigação da terra onde pretende assentar, e vem na sequência da compreensão plena dos lugares e das memórias, em nome da cultura, da história, e do saber.



## BIBLIOGRAFIA

### BIBLIOGRAFIA GERAL

- AGUIAR, José et al. - Guia técnico de reabilitação habitacional. 1ª ed. Lisboa : INH, 2006
- CAMPO BAEZA, Alberto; SANTOS, Eduardo Dos; DAVID, Ana Maria Lage - Pensar com as mãos. Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2011
- CHOAY, Françoise - A alegoria do património. Arte & comunicação. 3ª ed. Lisboa : Edições 70, 2013.
- COSTA, Alexandre Alves - Textos Datados. Coimbra : edarq, 2007
- DOMINGUES, Álvaro - A rua da estrada. Equações de arquitectura. . 1ª ed. Porto : Dafne, 2009
- HEIDEGGER, Martin - Construir, Habitar, Pensar. Segunda Reunião de Darmstad.
- MATTOSO, José; BELO, Duarte; DAVEAU, Suzanne - Portugal: o sabor da terra. Lisboa : Círculo de Leitores Pavilhão de Portugal/Expo'98, 1997
- NORBERG-SCHULZ, Christian - Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura. Documenti di architettura. . Milano : Electa, 1986
- PEREIRA, Paulo - Património edificado: pedras angulares. Aura. 1ª ed. Aura, 2005.
- RIBEIRO, Orlando - Geografia de Portugal: o povo português. 3ª ed. Lisboa : Edições João Sá da Costa, 1999.
- RUSKIN, John - The seven lamps of architecture. New York : Dover, 1989.
- SARAIVA, Maria Da Graça, et al. - Cidades e rios: perspectivas para uma relação sustentável. Exponentes. Lisboa : Parque EXPO, 2010
- SIZA, Álvaro - Imaginar a evidência. Extra-colecção. Lisboa : Edições 70, 2013
- TANIZAKI, Junichirō - Elogio da sombra. Antropos. Lisboa : Relógio d'Água, 1999
- TÁVORA, Fernando - Da organização do espaço. 8ª ed. Porto : ESBAP, 1982
- VIEIRA, Pedro - Nove mil passos. Ficção. 1ªed. Porto : Sextante, 2010
- VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel - Esthétique appliquée à l'histoire de l'artBeaux-arts histoire. . Paris : École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, 1994.



## BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

- ALÇADA, Margarida; GRILO, Maria Inácia Teles (Eds.) - Caminhos do património: 1929-1999. Lisboa : DGEMN, 1999.
- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES (Ed.) - Arquitectura Popular em Portugal. 2ª ed. Lisboa : A.A.P, 1980
- CASEIRO, Carlos - Histórias e outras memórias do aqueduto das Águas Livres. Lisboa : EPAL, 1999
- CORTE REAL, Manuel Henrique - O Palácio das Necessidades. 1ª ed. Lisboa : Chaves Ferreira - Publicações, S.A., 1983
- DGPC - Aqueduto das Águas Livres, seus aferentes e correlacionados. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70216>>.
- FERRÃO, Leonor - A real obra de Nossa Senhora das Necessidades. Lisboa : Quetzal, 1994.
- MASCARENHAS, José Manuel De; BILOU, Francisco; NEVES, Nuno Sousa - O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? Revista Portuguesa de História. 43 (2012).
- MOITA, Irisalva - D. João V e o abastecimento de água a Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 1990
- PEREIRA, José Fernandes - Dicionário da arte barroca em Portugal. 1ª. ed. Lisboa : Presença, 1989
- PEREIRA, Mariana Calvete - Itinerâncias e Percursos da Memória. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2013
- PEREIRA, Paulo - Arte portuguesa: história essencial. 1ª. ed. Lisboa : Temas e Debates, 2011
- SANEST - ADISA - Estudo de requalificação paisagística e ambiental das ribeiras da Costa do Estoril
- SARAIVA, Maria Da Graça, et al. - Mediterranean Climate Landscapes: New Life For Urban Streams. 2005.
- SEGURADO, Jorge - Francisco d'Ollanda: da sua vida, arquitecto da Renascença ao serviço de D. Joao III, desenhador, escritor, humanista. Lisboa : Excelsior, 1970
- VIEGAS, João Carlos; GONZALEZ, António Guilherme B. - Aqueduto romano da Amadora. Relatórios. . Amadora : Gabinete de Arqueologia Urbana, 1996.

## CARTOGRAFIA

- Autor Desconhecido - Carta chorographica dos terrenos em volta de Lisboa: compreendendo a principal parte do Tejo adjacente à sua foz.
- Autor Desconhecido - Planta dos aquedutos das Águas Livres, da Matta das Francezas, e seus ramais, e das galerias dentro da cidade. Museu da Cidade de Lisboa.
- Autor Desconhecido - Planta da cidade de Lisboa e de Belém: publicada em Londres e copiada em Lisboa
- BEAUVOISIN, Calmete - Plan de Lisbonne son port, ses rades et ses environs avec une petite carte routièrre du Portugal.
- BETTENCOURT, Emiliano Augusto De; CHELMICKI, José Conrado Carlos De; CALHEIROS, J. M. C. - Planta topographica do aqueducto geral das águas livres de Lisboa, reduzida da que levantou o Major graduado Chelmiky. Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas.

CHELMICKI, José Conrado Carlos De - Memória sobre o Aqueduto Geral de Lisboa : feita por ordem do Ministério das Obras Publicas em portaria de 15 de Fevereiro de 1856. [S.l.] : Lisboa Imprensa Nacional, 1857

Princípio do Aqueduto que conduz a água do Aqueduto Geral, para o Chafariz do Campo de Ourique, e Chafariz da Estrela, Religiosas do Coração de Jesus, Religiosas da Boa-Morte, Cavalariças do Infante, Chafariz das Necessidades, Fornos de Cal, Chafariz de Buenos-Ayres, Religiosos Marianos, Bandeira, Chafariz das Janelas Verdes e José António Pereira. Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas.

VIEGAS, Inês Morais; TOJAL, Alexandre Arménio (EDS.) - Atlas da carta topográfica de Lisboa: sob a direcção de Filipe Folque: 1856-1858. Catálogos do Arquivo Municipal de Lisboa. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, 2000.

## FILMOGRAFIA, CONFERÊNCIAS E ENTREVISTAS

Aqueduto das Águas Livres, 31 Mar. 2007. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=eDKyn-VCo9w&feature=youtube\\_gdata\\_player](https://www.youtube.com/watch?v=eDKyn-VCo9w&feature=youtube_gdata_player).

ENCARNAÇÃO, Gisela - Entrevista com a Câmara Municipal da Amadora, 4 Abr. 2014.

FERRÃO, Leonor - Entrevista sobre o Palácio e a Tapada das Necessidades, 30 Out. 2013.

FERREIRA, Fernando - Entrevista com a Câmara Municipal da Amadora, 4 Abr. 2014.

Lisboa debaixo de terra: O Aqueduto das Aguas Livres, 8 Mar. 2009. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=fr2Et9Xlvkl&feature=youtube\\_gdata\\_player](https://www.youtube.com/watch?v=fr2Et9Xlvkl&feature=youtube_gdata_player).

RUAS, Margarida - A água como elemento primordial de união. TEDxCascais, 19 Mar. 2012. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://tedxtalks.ted.com/video/TEDxCascais-Margarida-Ruas-A-gu;search%3Atag%3A%22tedxcascais%22>.

RUAS, Margarida - Desvendar os Mistérios do Aqueduto de Lisboa. El Corte Inglés de Lisboa, 7 e 21 Mai. 2014.

SANTOS FERNANDES, José - Entrevista sobre a história do Casal da Quintã, 22 Mai. 2014.

SARAIVA, Maria Da Graça - Entrevista no tema da Arquitectura Paisagista, sobre projectos de re-naturalização fluvial, 1 Out. 2014.

SILVA, Catarina - Ciência Viva no Verão: Geo-Aqueduto: água dura em pedra mole. Consultado em Novembro de 2014. Disponível em <http://www.pavconhecimento.pt/noticias/index.asp>.